



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ-UFC**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO-FACED**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**EDUCAÇÃO SEXUAL ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: A VIDA DE  
PROSTITUTAS DO CENTRO DE FORTALEZA**

**Francisca Karla Botão Aranha**

**Fortaleza – CE**

**Março-2014**

Francisca Karla Botão Aranha

EDUCAÇÃO SEXUAL ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: A VIDA DE  
PROSTITUTAS DO CENTRO DE FORTALEZA

Dissertação de mestrado apresentada à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Mestre. Linha de Pesquisa de História e Memória da Educação- NHIME.

Orientador: Prof. Dr. José Gerardo de Vasconcelos

Fortaleza  
Março- 2014

Francisca Karla Botão Aranha

EDUCAÇÃO SEXUAL ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: A VIDA DE  
PROSTITUTAS DO CENTRO DE FORTALEZA

Dissertação de mestrado apresentada à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Mestre. Linha de Pesquisa de História e Memória da Educação- NHIME.

Orientador: Prof. Dr. José Gerardo de Vasconcelos

Aprovada em: \_\_\_21\_\_\_/\_\_\_03\_\_\_/\_\_\_2014\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lia Machado Fiuza Fialho  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cellina Rodrigues Muniz  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Dedico este trabalho a Deus, aos meus pais, Luciene Augusta Botão Aranha e José Bezerra Aranha, que me proporcionaram a riqueza maior: a educação. Aos meus irmãos, José Fábio Botão Aranha, Francisco Jackson Botão Aranha, ao meu avô, José Aranha do Rego, aos meus familiares, ao meu orientador José Gerardo Vasconcelos e a todos os meus amigos que fizeram parte dessa trajetória.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por todas as manhãs renovar minhas forças e restabelecer meu ânimo.

Ao meu orientador, professor doutor José Gerardo Vasconcelos, sou eternamente grata, pela paciência e ajuda nos momentos mais difíceis de realização deste ensaio acadêmico.

A minha mãe, Luciene Augusta Botão Aranha e ao meu pai, José Bezerra Aranha, por terem me proporcionado um dos bens maiores dessa vida: o conhecimento, com a educação suficiente para que eu consiga realizar meus sonhos profissionalmente; e pela imensa força, por estarem ao meu lado em todas as etapas deste estudo e da minha vida; e também pela ajuda financeira.

Aos meus irmãos e familiares, por estarem sempre ao meu lado, tanto nos momentos mais difíceis, como nas conquistas dessa longa caminhada.

Aos meus avós, por haverem ajudado financeiramente, para a produção deste estudo.

Ao Núcleo de História e Memória da Educação – NHIME, em especial, aos professores doutores José Gerardo Vasconcelos, Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior, Francisco Ari de Andrade, Rui Martinho Rodrigues, Lia Machado Fiuza Fialho, Cellina Rodrigues Muniz, José Rogério Santana e demais amigos do NHIME por haverem dado a oportunidade de fazer parte desse grupo de pesquisa, pois mais somos irmãos do que simplesmente companheiros de pesquisa.

Aos amigos Karla Colares, pelo aparato tecnológico, Bruna Germana, Camila Saraiva, Sâmmia Castro, Rafaella Florêncio, Roberta Oliveira, Juliana, dentre outras que fizeram parte da minha vida acadêmica, principalmente a Tereza Maria, companheira da vida na Universidade.

Às profissionais do sexo, por terem revelado as suas experiências de vida, indispensáveis para este estudo.

A todos os funcionários da Universidade Federal do Ceará- FAGED.

À FUNCAP pelo financiamento da minha pesquisa, refletindo na contribuição desse sonho de mestra.

Enfim, pois não é pretensão esquecer de outras pessoas que fizeram parte dessa caminhada. Sintam-se todos abraçados as pessoas que me ajudaram nesse caminho vitorioso da conquista humana,

Obrigada.

Há, porém, um ponto de vista mais profundo e ainda mais importante do que desejo experimentar uma variedade de modos humanos de vida: o desejo de transformar tal conhecimento em sabedoria. Embora possamos por um momento entrar na alma de um selvagem e através de seus olhos ver o mundo exterior e sentir como ele deve sentir-se ele mesmo. Nosso objetivo final ainda é enriquecer e aprofundar nossa própria visão de mundo. (MALINOWSKI, 1976, p.374).

## RESUMO

Visa a compreender como os saberes relacionados à educação sexual, adquiridos e utilizados na atividade profissional das prostitutas, interferem na vida privada dessas mulheres. Procura-se, entender se esses saberes relacionados às práticas sexuais e aos cuidados com o corpo são utilizados com seus companheiros e companheiras, quando a atividade sexual passa a envolver afetos e sentimentos na vida da prostituta fora do ambiente de trabalho. O conceito de prostituição, ou seja, a forma como essa é administrada, diferencia-se em torno de cada cultura de um determinado país. Existem vários espaços de prostituição: rua, zona de baixo meretrício, zonas elitizadas, casas que aceitam garotas universitárias, estabelecimentos que exigem das mulheres que ali trabalham o processo cirúrgico, como a lipoaspiração ou mesmo a inserção de silicone. Por isso, a nossa visão de pesquisadores não focaliza a prostituição de modo geral, mas sim uma forma específica de manifestação. Trata-se da prostituição feminina, baseada na vida de garotas de programas nos prostíbulos localizados no centro da cidade de Fortaleza, particularmente o *Gata Garota*. Portanto, todas as conclusões devem ser consideradas a princípio nesse ambiente, o que se chama de público (vida profissional), para então adentrar a vida privada dessas garotas (vida íntima). A experiência como pesquisadora começa em um projeto de iniciação científica cujo objeto de estudo eram as práticas educativas nos prostíbulos do centro da cidade de Fortaleza. Isto fez com que se notasse uma realidade, até então, desconhecida, repleta de tabus, e que proporcionou um mundo de conhecimentos novos, adquiridos ao longo dessa caminhada. Esta pesquisa traz como problematização saber quais as formas de educação sexuais apreendidas e praticadas na vida profissional das prostitutas interfere em seu âmbito privado. O estudo trouxe, como procedimentos metodológicos, uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico. Como instrumentos de pesquisa foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, conversas informais, que resultaram na produção de fontes orais, além do diário de campo, como subsídio para o registro das informações. Dessa forma, também se utiliza à memória como elemento essencial nos discursos, em que se teve como intuito reconstituir uma fase ou aspecto da vida das profissionais do sexo do centro da cidade de Fortaleza. Conclui-se, assim, que as profissionais do sexo, em seu ambiente de trabalho se utilizam de cuidados com o corpo, principalmente na questão da educação sexual com seus clientes e a maioria das entrevistadas refletem essa atitude em sua vida particular, cercada por amores. Pôde ser constatado que essas garotas de programas usam espécie de “máscaras”, para enfrentar mais um dia de jornada. Foram observadas, a dificuldade de relacionamentos duradouros em relação a companheiros ou companheiras e a explícita reveladas através dessas profissionais do sexo.

Palavra- Chaves: Público e Privado. Prostituição. Educação Sexual.



## ABSTRACT

The goal is to comprehend how the knowledge related to sex education, acquired and used by sex workers in their professional activity, interferes with their private lives, trying to understand if this knowledge is used with their significant others, when sex involves love and affection in the sex worker's life outside her workplace. The concept of prostitution, which is, the way that is administrated, is different in different cultures and countries. Prostitution can be found in various places: streets, poor neighborhoods, rich neighborhoods, brothels that accept college girls, stores that make their female employees have surgeries, like liposuction or breast implants. That's why our view as a researcher isn't on prostitution as a whole, but in a specific way. It's about female prostitution, according to the lives of sex workers in brothels in downtown Fortaleza, particularly *Gata Garota*. Therefore, we must first begin there, which is what's called "public" (professional life), so we can get into their private lives. My experience as a researcher starts in a scientific initiation project, in which the subject was the educational practices in brothels in downtown Fortaleza. That made possible to notice a reality, unknown until then, full of tabus, which brought with it a world of new knowledge, acquired throughout this journey. This research's intent is to know which layers of sex education, learnt and practiced in the professional lives of sex workers, interfere in their private lives. The study was made with the methodological procedure of a qualitative research, of ethnographic nature. Semi-structured interviews (informal conversations) were used as research instruments, which resulted in oral sources, besides field diaries, as another way to collect data. This way, their memories are used as an essential speech element, with which there was an intention of reconstructing a phase or aspect of the sex workers' lives in downtown Fortaleza. It was concluded that sex workers, in their workplace, take care of their bodies, especially in ways related to sex education with their clients, and most of the women interviewed reflect that attitude in their private lives, with love involved. It was noticed that these sex workers put on "masks", in order to get through a workday. It was observed that it was hard for them to maintain long-term relationships with their significant others, and it was explicit in their faces that they craved affection.

Keywords: Public and Private. Prostitution. Sex Education.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1-</b> Camisinha .....	34
<b>Figura 2-</b> Pílula do dia seguinte .....	35
<b>Figura 3-</b> Tabela .....	35
<b>Figura 4-</b> Diafragma .....	35
<b>Figura 5-</b> DIU .....	36
<b>Figura 6-</b> Camisinha feminina .....	36
<b>Figura 7-</b> Anticoncepcional injetável .....	37
<b>Figura 8-</b> Adesivo anticoncepcional .....	37
<b>Figura 9-</b> Ligadura tubária .....	38
<b>Figura 10-</b> Camisinha de língua .....	38
<b>Figura 11-</b> Fachada do <i>Gata Garota</i> .....	71
<b>Figura 12-</b> Espaço interno do <i>Gata Garota</i> .....	74
<b>Figura 13-</b> <i>Espaço</i> .....	85
<b>Figura 14-</b> <i>Espaço</i> .....	85
<b>Figura 15 e 16-</b> Espaços “90” e “80” .....	87
<b>Figura 17-</b> Fachada do <i>Cine Majestick</i> .....	98

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AIDS	Acquired Immune Deficiency Syndrome – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.
DIU	Dispositivo Intra Uterino.
DST	Doença Sexualmente Transmissível.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 “CORPOS BEM CUIDADOS”? EDUCAÇÃO SEXUAL DE PROSTITUTAS .....</b>	<b>24</b>
<b>3 PROSTITUIÇÃO: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO.....</b>	<b>45</b>
<b>4 NOITES DE CABARÉS:EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS NOS PROSTÍBULOS DO CENTRO DA CIDADE DE FORTALEZA.....</b>	<b>69</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>104</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>109</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo compreender como os saberes e experiências relacionados à educação sexual, adquiridos e utilizados na atividade profissional das prostitutas, interferem na vida privada dessas mulheres. Pretendemos entender se esses saberes relacionados às práticas sexuais e cuidados com o corpo são utilizados com seus companheiros e companheiras, quando a atividade sexual passa a envolver afetos e sentimentos na vida da prostituta fora do ambiente de trabalho.

Nossa indagação ou curiosidade não circulava apenas no que estava explícito, ou seja, público, mas, principalmente, no mundo particular das prostitutas. Por isso, a memória é a fonte prioritária neste estudo, pois, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, conversas informais, que circulavam tanto da vida pública, como no âmbito privado das profissionais do sexo do centro da cidade de Fortaleza. No que se refere a memória, Le Goff (1996), p.423) ensina:

A memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou o que eles representam como passadas.

A memória nunca é feita apenas pela pessoa, mas está encravada nos contextos familiar, social e político.

É de importância para nós a educação sexual, tanto no âmbito público como na vida particular das profissionais do sexo. Mencionar a relação pública e privada é retratar, antes de tudo, a relação com os outros e com as cidades. Existe uma divisão entre esses dois mundos. O mundo da casa, espaço privado, pode ser conceituado como o local da moradia, e da calma. É o esconderijo, onde somos membros vinculados de uma corporação, visto que em casa somos singulares, insubstituíveis. “Tudo em casa é belo, bom e descente” (DAMATTA, 2001). O mundo da rua, por sua vez, constitui o espaço público, que é o ambiente particular ao movimento, ao perigo, à tentação.

O contexto no qual foi envolvida nossa pesquisa é algo constrangedor, pois entrar em um prostíbulo somente para pesquisar não é

fácil. Nos cabarés, uma há diversão, uma distração para os clientes, e até mesmo para as profissionais do sexo, ou melhor, para apenas algumas delas. De forma geral, entretanto, se encontram ali por algum motivo, ou situação, tentadas a serem relatadas por elas e reveladas por nós como pesquisadora.

Conhecemos várias prostitutas nos estabelecimentos, ou seja, no *Cine Majestick*, no prostíbulo denominado *Espaço*, no cabaré denominado *80* e em outro conhecido, por *90*, mais especialmente, no *Gata Garota*, onde este ensaio foi realizado, tendo sido observado e colhido o maior número de informações, em razão da facilidade de contato com as prostitutas desse território. Porém, foi interessante perpassar pelos demais prostíbulos aqui citados, pois as profissionais do sexo circulam em todos esses ambientes. Neste estudo, descrevemos não somente os comportamentos exercidos por quem constitui esse lugar, mas, também, o território em si. O prostíbulo proporcionou-nos conhecimentos de histórias de vidas surpreendentes acerca de práticas educativas ali desenvolvidas. Então, percebemos que existem mais facetas que rodeiam o mundo da prostituição e da história de vida dessas mulheres.

Nossas curiosidades foram iniciadas já no período de bolsista de iniciação científica. A fase nos veio a devida questão, ou seja, a problematização que agora desenvolvemos nessa dissertação: **quais as formas de educação sexual praticadas na vida profissional das prostitutas que interferem na sua vida privada?**

Pesquisar educação sexual dessas profissionais do sexo, cuidados com o corpo, é algo desafiador, sobretudo em seu “mundo privado”, que constitui o seu lar. É interessante ressaltarmos que não se temos muito conhecimento sobre tal assunto, ou seja, não oferecem muitas pesquisas que possuem como intuito estudar o íntimo das profissionais do sexo.

Para adentrarmos os conhecimentos sobre a vida privada, porém cercada de amores, e sabermos se a mesma precaução que a prostituta tem com os clientes se repete em seu lar, temos a necessidade de partir do ambiente público, ou seja, do lugar onde as prostitutas exercem sua profissão, o prostíbulo. Isto porque, entrar nesse ambiente requer uma atividade de coragem acerca de tantos tabus impostos por uma sociedade adaptada por tais

pré-conceitos, como, por exemplo, é este que se guarda a respeito da prostituição.

Na vasta literatura sobre o tema, o homem é o seduzido, raramente é apontado como o “corpo que deseja”, como agente prostituinte. Pelo fato de a prostituição persistir como a profissão mais antiga do mundo, o “mal necessário”, as mulheres prostituídas são consideradas as vilãs da história.

Tratar da educação sexual ainda é complicado, no sentido de se ter acesso a uma orientação sexual nas escolas, ou nas conversas entre pais e filhos. Retratar a sexualidade, pois é assinalar para a divergência entre o que se esperado do sujeito e as produções desejantes que se processam em seu ser, o desconhecimento para com as culturas, as normas sociais, pois os discursos vêm tentar remediar, ou proporcionar um silêncio sobre a equivocidade, a artificialidade dos arranjos sexuais.

Se, entretanto, a prostituta aprende a cuidar do corpo no seu ambiente de trabalho, o prostíbulo, aprende umas com as outras, então podemos verificar a ideia de Wulf (2004, p. 350):

Ainda que toda definição sistemática do conceito dessa forma insuficiente, almeja-se agora revelar outras características da mimesis. Antes de tudo, mimesis significa imitação. Enfim, ela significa a reprodução de um quadro ou de uma imagem de uma pessoa ou de uma coisa em sua forma material.

O processo mimético refere-se à imitação de comportamentos individuais ou de um grupo.

O percurso metodológico deste estudo foi desenvolvido para responder às indagações acerca da educação sexual presentes em meus objetivos e de acordo com o objeto, de estudo em foco, a educação sexual das prostitutas do centro da cidade de Fortaleza, especialmente das encontradas no prostíbulo *Gata Garota*. Ressaltamos que a escolha pelas entrevistadas se deu pela facilidade de acesso aos depoimentos colhidos por nós neste estudo. Minayo (2007, p. 44) ensina que:

A metodologia é uma discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou objeto de investigação requer; como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação; e como a “criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal ou específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou

de qualquer outro tipo específicas de respostas às indagações específicas.

Neste estudo foram feitas algumas visitas em outros cabarés *Cine Majestick*, *Espaço*, prostíbulo 80 e 90 porém o mais explorado foi o prostíbulo *Gata Garota*, pela facilidade de acesso as profissionais do sexo desse lugar, e de menor agitação de clientes, possibilitando o desenvolvimento das entrevistas. Vale ressaltar os prostíbulos tais prostíbulos foram escolhidos devido ao fato das profissionais do sexo circular em todos esses territórios. A pesquisa foi realizada tanto no interior como no espaço externo a esses prostíbulos, no intuito de conhecer o ambiente, como também observar as práticas de cuidados com os corpos realizados pelas prostitutas, para, então, podermos chegar ao objetivo geral, que é investigar como os conhecimentos adquiridos na atividade profissional das prostitutas interferem na sua vida privada; entender se os saberes relacionados às praticas sexuais são utilizados com seus companheiros e companheiras; e quando a atividade sexual passa a envolver afetos e sentimentos, na vida da prostituta fora do ambiente de trabalho.

Do ponto da forma de abordagem do problema, é uma pesquisa qualitativa, pois essa tem como objetivo traduzir e expressar os sentidos dos fenômenos do mundo social, com vistas à preocupação com o decorrer de um processo de análise, não com os resultados. Foi realizado um corte espaçotemporal de um determinado fenômeno, ou seja, da educação sexual, desenvolvida pelas prostitutas, dentro do prostíbulo, que pode ser reproduzido fora do ambiente, em sua vida privada. De acordo com Godoy (1995, p.62),

A pesquisa qualitativa possui o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; possui caráter descritivo; os significados que as pessoas dão às coisas e a sua vida como preocupação do investigador; enfoque indutivo.

A pesquisa qualitativa considera que existe relação entre o mundo e o sujeito que não pode ser traduzida em números. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de cunho etnográfico, constituída pela observação de fatos e fenômenos exatamente como ocorrem na realidade. Alguns autores pensam a etnografia como algo mais do que uma “reconstituição tão fiel quanto possível” da vida dos grupos estudados e problematizam o entendimento mesmo do seja a “prática da etnografia”, como o caso de Clifford Geertz (1978).



A etnografia permite, segundo Damatta (1987, p.144) arrancar o pesquisador de sua poltrona fixa, para adentrar as incertezas do campo de pesquisa. Isso é de extremo valor, principalmente quando seu objeto de pesquisa são histórias de vidas das prostitutas. Como poderia enxergá-las sem realmente participar de seu cotidiano? A resposta é que, para tirar conclusões de nossas dúvidas ou curiosidades é necessário conhecer o que chamamos de “território do outro”, os costumes, crenças e valores por eles seguidos.

São de alçada importância para qualquer pesquisa os atos de olhar, ouvir, escrever. Todos esses elementos não são utilizados de forma separada, porém se complementam.

Quando um etnólogo vai ao seu campo de pesquisa, ele observa de maneira mais detalhada todos os aspectos por eles encontrados no ambiente a ser pesquisado, atribuindo-lhes um olhar etnográfico. Com efeito, a observação, tanto dos comportamentos quanto os sons reproduzidos no ambiente, são de sumária importância para a escrita do estudo em foco, partindo da nossa pesquisa sobre a educação sexual no âmbito público e privado por intermédio de depoimentos revelados pelas entrevistadas, ou seja, prostitutas. Quando nos remetemos ao público, observamos o modo como as prostitutas dançavam, como se despiam, como se envolviam os clientes. Analisamos até o comportamento das garçonetes, algumas das quais haviam sido garotas de programas. Relativamente ao som, é interessante o fato de que as músicas que escolhem para o *strep-Tease* tinham tudo a ver com o que elas sentiam naquele momento. Saberes que esse fato foi verídico, pois, conversando com uma das entrevistadas, esta disse que “Eu escolho a música conforme o que estou sentindo naquele momento e também as que retratam o quanto sou bonita e gostosa” (DANNY RIOS).

No que se refere ao âmbito particular, foram levantadas questões sobre educação sexual, refletidas ou não quando se trata do envolvimento afetivo com seus companheiros ou companheiras.

Entendemos a grande importância da relação entre investigador e informante, visto que, por detrás de toda busca científica, está à procura da verdade. Ao iniciar uma pesquisa, o cientista está à procura de informações que podem ser ignoradas ou ocultadas pelos narradores, cabendo-lhe, então, a escolha de tais informações no processo de pesquisa. A relevância das

informações deve se conectar ao problema de pesquisa que se escolhem para investigar.

O trabalho de campo por nós desenvolvido permite operar o modo característico de coleta de dados, pois não só desenvolvemos entrevistas com as dançarinas profissionais do sexo, mas também era de grande importância a observação do ambiente, onde sons, imagens e comportamento das meninas e das pessoas que ali se encontravam eram essenciais para o desenvolvimento de estudo. Saber como eram utilizados os métodos contraceptivos, quem os empregavam, qual o valor que ali era notado, por meio dos comportamentos, ajudaram a entender a finalidade da educação sexual.

Do ponto de vista dos objetivos, esta é uma pesquisa exploratória, pois visa a proporcionar maior familiaridade com o problema, e envolve levantamento bibliográfico. É interessante esse tipo de busca, pois a parte relacionada à educação sexual na vida particular das prostitutas ainda é, certamente, um assunto pouco explorado. Visamos, pois, ao final desta pesquisa, proporcionar maior conhecimento acerca do assunto, estando apta a formular hipóteses.

Também classificamos do ponto de vista dos objetos, principalmente no que se refere a descrever como e quais hábitos de educação sexual as prostitutas adquiriram em sua profissão que são utilizados em sua vida privada, cercada por amores. Então, o estudo ora focalizado, coincidiu com uma pesquisa descritiva. De acordo com Gil (2008 p.28), “As pesquisas descritivas possuem como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência”.

Do ponto de vista de procedimentos técnicos, tratou-se de um estudo compreensivo, de relevância social, pois envolve um estudo de amplo e detalhado conhecimento do sentido das ações humanas, com base no qual retratamos a educação sexual das prostitutas e suas íntimas formas de manifestações.

Como em todo trabalho científico, certos elementos qualitativos podem ser questionados a fim de ampliar os resultados de tais verificações.

Como instrumentos de pesquisa, foram realizadas algumas entrevistas semiestruturadas, conversas informais em que trabalhamos com as histórias de vidas, no intuito de reconstituir uma fase ou um aspecto da vida

pessoal no caso em questão, esclarecer que, por detrás de umas “máscaras” utilizadas pelas prostitutas, existem mulheres que amam e enfrentam uma sociedade moldada por conceitos preestabelecidos; visualizar os cuidados existentes com o corpo realizados pelas profissionais do sexo na vida pública e privada; identificar se as precauções que a prostituta toma com o cliente são as mesmas em sua vida privada; refletir sobre a educação sexual da profissional do sexo, descrevendo como adquiriu o hábito da educação sexual, se está ou não sempre presente em sua vida privada.

As entrevistadas foram 18 profissionais do sexo dos prostíbulo, *Majestick, Espaço*, prostíbulo 80 e 90, porém, principalmente com maior foco no prostíbulo *Gata Garota*, que trabalhavam/ trabalham nesses ambientes. Mas relembrando que tais prostitutas circulam nos cabarés aqui citados. A memória foi abordada por meio de entrevistas, realizadas tanto no ambiente interior como no exterior dos prostíbulos. As prostitutas, responderam a perguntas sobre sua educação sexual em sua vida privada, se essa educação influencia quando se trata de um simples cliente ou de mais um namorado ou marido. As entrevistas semiestruturadas e conversas informais, geralmente, em estudos exploratórios, possibilitaram ao pesquisador um conhecimento mais aprofundado da temática que está sendo investigada. Essa espécie de entrevista fornece pistas para o encaminhamento da pesquisa, a seleção de outros informantes, ou mesmo a revisão da hipótese inicialmente procedida.

A memória é, no entanto, uma elaboração precedida no presente, com suporte em experiências ou vivências acontecidas em um passado. Então, de acordo com os pressupostos de Bergson (1990, p. 187),

A memória tem por função evocar todas as percepções passadas análoga a uma percepção presente, recorda-nos o que precedeu e o que seguiu, sugerindo assim, a decisão mais útil.

A memória é o elemento principal no trabalho com as fontes orais, visto que o estudo é reconstituído por intermédio da memória das participantes. Os estudos da memória são fundamentais para reger as reflexões, o que traz desdobramentos teóricos e metodológicos importantes. Na compreensão de Pierre Nora (1993, p.9),

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensíveis a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante demandam análise e discursos críticos. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica [...].

A lembrança é a base constitutiva da oralidade. Por isso, como relatou Nora (1993), apesar de sempre contemporânea, não exprimem exatidão, visto que está constantemente adaptada às crenças e imaginários das pessoas.

De acordo com Le Goff (1996, p. 423), ainda sobre a importância da memória,

[...] como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou o que eles representam como passadas.

A memória nunca é feita apenas pela pessoa, mas esta é encravada num contexto familiar, social, nacional. A memória coletiva é composta pelas lembranças vividas pela pessoa, ou que lhe foram repassadas, mas que não lhes pertencem somente, e são estendidas como propriedades de uma comunidade, um grupo. O estudo histórico da memória coletiva começou a se desenvolver com a investigação oral. Vale ressaltar que esse tipo de memória traz características peculiares. Primeiro gira em torno quase sempre de lembranças do cotidiano do grupo, tendo a idealizar o passado, quase nunca fazendo referências a acontecimentos históricos; em segundo lugar, a memória coletiva fundamenta a própria identidade do grupo, mas, geralmente, tende a se apegar a um acontecimento considerado fundador, simplificando todo o restante do passado. Além disso, a memória coletiva se baseia em imagens e paisagens.

Outra técnica de pesquisa, aqui levada a efeito, é a pesquisa participante, caracterizada pela participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Como ressalta Brandão (1985, p. 11), a pesquisa participante,

Quando o outro se transforma em uma convivência, a relação obriga a que o pesquisador, participe de sua vida, de sua cultura. Quando o

outro me transforma em um compromisso, a relação obriga a que o pesquisador participe de sua história.

Empregamos como instrumento acessório nessa pesquisa, um gravador e após transcrever as falas, selecionamos elemento-chave indispensáveis. Para nossas observações o diário de campo. Como ensina, Falkembach (1987, p. 19),

O diário de campo é um instrumento de anotações, um caderno com espaço suficiente, para anotações, comentários e reflexão, para uso individual do investigador em seu dia a dia. Nele se anotam todas as observações de fatos concretos, fenômenos sociais, acontecimentos, relações verificadas, experiências pessoais do investigador, suas reflexões e comentários.

No referido diário de campo, fazíamos um breve cabeçalho, contendo data e hora. Em seguida, escrevemos as observações minuciosas sobre os cuidados existentes na vida pública, para saber se essa educação sexual influencia em sua vida privada, quando envolve sentimentos e afetos. Vale ressaltar que os registros de nossas observações foram efetuados no momento que chegam a nossa casa, e não no instante de presença no prostíbulo, para não gerar certo constrangimento a quem estiver no local, ou melhor, no ambiente dos cabarés.

Foi necessário compulsar de autores que dissertaram a respeito das pré- categorias presentes neste estudo, como, prostituição, sexualidade e cuidados com o corpo (educação sexual).

No capítulo intitulado: “Corpos bem cuidados”? educação sexual de prostitutas, retratamos os cuidados com o corpo, sobretudo da educação sexual. Nesse segmento, foi entrelaçada a fala dos autores citados no projeto de pesquisa juntamente com as vozes de nossas entrevistadas. Essa parte traz as considerações de Del Priore (2000) acerca das transformações dos corpos, ocorridas ao longo das épocas e o cuidado ele. São utilizados também os conceitos de mimese desenvolvidos Wulf (2004), no que reforça a ideia da imitação realizada entre as prostitutas no que diz respeito aos cuidados de higiene e prevenção, ou seja, umas aprendem com as outras essa atividade. Contamos também com a teoria proposta por Foucault, a qual retrata a questão da sexualidade. Lapate (2006) exprime a importância da educação sexual.

Ainda são expostos, neste estudo, os vários tipos de métodos contraceptivos. A Cabral (1995) retrata a sexualidade e a educação sexual e a sua importância para a educação. Nunes (1987) traz o significado dos vários tipos de mulheres, tanto na Grécia como na Roma antigas.

Na sequência, vem o capítulo: Prostituição: breve contexto histórico, que contém com discussões acerca da prostituição, com a intenção de mesclar os ensinamentos dos autores presentes no projeto de pesquisa e as falas de nossas entrevistadas, as profissionais do sexo. Está presente Jacques Rossiaud (1991), ao relatar a prostituição no período da Idade Média. Outro autor que também discute a prostituição como exercício é Freitas (1985). Esta parte também traz argumentos interessantes sobre as profissionais do sexo e seus clientes no trabalho exposto por Sousa (2000). Não é possível esquecer de apresentar outra renomada, que está presente neste estudo: trata-se de Rago (1991),(2008), a qual traz discussões referentes aos códigos de sexualidades existentes em São Paulo durante o período de 1890 a 1930. Ainda teve participação no episódio Alves (2012), ao relatar sua pesquisa realizada no prostíbulo Geni Drinks. O autor revela toda sua trajetória, durante meses, dentro do prostíbulo citado. Contamos, também com Vasconcelos e Santos (2011), nas experiências como pesquisadoras dos prostíbulos do centro da cidade de Fortaleza.

No último capítulo, nomeado Noites de cabarés: experiências e narrativas nos prostíbulos do centro da cidade de Fortaleza, na qual direcionamos estudos acerca do que caracterizamos como esfera privada ou esfera íntima da profissional do sexo. Nesse caso, investigamos as práticas sexuais relacionadas aos amores, paixões e intimidades das prostitutas com seus companheiros e companheiras, além de descrevermos os espaços de prostituição pesquisados. Nesse capítulo, nos aproveitamos das ideias de Arendt (1987), no que diz respeito ao chamar de público e privado na pesquisa. Damatta (2001) retrata o que é o aspecto privado. Também de importância, e que é indispensável, é a questão da memória reverenciada por Le Goff (1996). Também está presente o autor Alves (2012), continuando as revelações sobre experiências observadas dentro do cabaré. Preparamos uma relação do que foi pesquisado por ele e presenciado no nosso *locus* de pesquisa. Nietzsche (1998) ressalta a importância da música como alegria ao aniquilamento do

indivíduo. Vasconcelos e Santos (2011) revelam a questão do streep-tease associado a prostituição. Cabral (1995), também, é citado nesse módulo, fazendo uma ponte entre sexualidade e educação sexual; Rago (2008), ainda, continua, retratando a questão sexo- poder e dinheiro.

Foi-nos possível identificar, por meio de várias leituras sobre alguns estudos, que o assunto acerca da educação sexual das prostitutas é pouquíssimo explorado, quase não há estudos que retratam dessa prática nem, dentro e tampouco fora dos prostíbulos, pois somente o que encontramos foram assuntos relacionados com a questão da DST.<sup>1</sup>

Esta pesquisa procura ensejar voz aos chamados grupos das minorias. Conforme Caldeira (1981, p. 342),

As sociedades relegam ao silêncio aqueles que são dominados: suas vidas passam-se no anonimato; eles não têm voz, não lhes reconhece uma identidade, a não ser em situações muito específicas, são apenas um entre outros (na fábrica, na hora de colocar voto na urna e assim por diante). No ato de solicitar a alguém que relate sua vida está contido (para o entrevistado, mesmo que o entrevistador possa não estar consciente disso ou não ser sua intenção fazê-lo) um reconhecimento da individualidade, um respeito àquela vida: Afinal não é qualquer vida que se está pedindo para relatar, mas uma vida particular, a sua vida.

Ao adentrar esse ambiente, conceituado como “território do prazer<sup>2</sup>”, percebemos a utilização de vários métodos contraceptivos, Naquele ambiente, era comum a prática dessa atividade de preservação. O que despertou nossa curiosidade era o modo como era realizado o cuidado com os corpos na parte alheia desse ambiente, ou melhor, no mais íntimo da vida das meninas, sua vida particular, partindo da ideia de que a prostituta é, além de tudo, uma mulher com seus medos, inseguranças, com seu modo de amar, de encarar os obstáculos da vida e saber driblar as tristezas. É alguém que ri, chora, se decepciona, tem fé, acredita e tem esperanças para que seus objetivos e sonhos não morram. Nesse lado mulher, é que elas demonstram suas paixões, seus envolvimento amorosos. É exatamente, nesse momento, que as máscaras caem e o que resta é o seu verdadeiro “eu”.

---

<sup>1</sup>DST: sigla de Doenças Sexualmente Transmissíveis.

<sup>2</sup> Território do prazer: Território- Designado neste estudo para referir-se ao lugar onde são desenvolvidos os exercícios da profissional do sexo, o prostíbulo.

## 2 “CORPOS BEM CUIDADOS”? EDUCAÇÃO SEXUAL DE PROSTITUTAS

Os cuidados com o corpo vão sendo caracterizados de acordo com a época em que uma sociedade existe, porque, diante do que é considerado um aspecto de beleza em um determinado período, poderá ser mudado esse conceito do belo em outro tempo.

Vale ressaltar que o corpo é uma mera elaboração, pela qual são aferidas distintas marcas em variados tempos ou espaços, sob circunstâncias econômicas e grupos sociais étnicos. O corpo passa por transformações, ou seja, é mutável e mutante, apto a inúmeras intervenções, de acordo com o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura e com suas leis.

De acordo com Del Priore (2000), foi no transcorrer do século XX que a mulher se despiu, visto que o nu dos corpos apresentados na mídia, ou seja, na televisão, nas revistas, nas praias, interferiu para que o corpo se descobrisse em público, e, conseqüentemente, banalizando-se sexualmente. Para a tal exposição, foram necessários muitos cuidados com o corpo, com o uso excessivo de cremes, vitaminas, silicones e colágenos. Assim revela Del Priore (2000, p.11):

Uma estética esportiva voltada ao culto do corpo, fonte inesgotável de ansiedade e frustração, levou a melhor sobre a sensualidade imaginária e simbólica. Diferentemente de nossas avós, não nos preocupamos mais em salvar nossas almas, mas em salvar nossos corpos da desgraça da rejeição social.

Quando se faz necessário situar à sensualidade á flor da pele, praticar exercícios envolventes e inovadores, a busca por essa atividade em outros estados é justificada. Uma de nossas entrevistadas recorda-se da chegada da arte do Poli Dance<sup>3</sup>, ou seja, como essa foi aderida:

Fui a São Paulo em 2001, lá as meninas já faziam essa dança, porém, lá é diferente daqui, pois o show delas é pago pela casa como se fossem uma mini estrela, tem empresário, as meninas ganham bem, podem cuidar melhor do corpo. Aqui, coitadas, só se o cliente pagar, e ainda é muito pouco. (DANNY RIOS).

As entrevistadas revelam a importância da valorização da profissional do sexo, pois, com essa atitude, há maior intensidade de estímulo

---

<sup>3</sup> Pole Dance- Trata-se de um cano localizado no pequeno palco onde são praticadas danças sensuais e requer esforço físico para fazer manobras na referida peça.



aos cuidados com o corpo, e, conseqüentemente a saúde deste, fazendo com que o número de clientes também possa aumentar nos cabarés. Uma delas ainda revela:

Cada noite que passava a concorrência ia aumentando, e é aquela coisa, tem a oferta e a procura. E a oferta tem que ser a atração, tem que ter o atrativo. Então, meu dia era todo dedicado a cabelo, roupa, a beleza, e o dinheiro dos meus programas cobria todos esses gastos. (DANNY RIOS)

A importância com a estética era cada vez mais necessária, mesmo porque o instrumento de trabalho da profissional do sexo é o corpo. É com ele que elas poderão satisfazer carnalmente o cliente. Deve sempre estar bela para que sempre desperte o desejo.

É necessário ressaltar, porém, que, segundo Del Priore (2000), o corpo feminino passou por uma revolução silenciosa nas últimas três décadas. A pílula anticoncepcional permitiu-lhe fazer do sexo não mais uma questão moral, mas de bem-estar e prazer. Com isso, a mulher se tornou mais exigente em se tratando do seu parceiro, proporcionando assim uma sexualidade mais ativa e prolongada. Entre ambos, surgiram normas e práticas mais igualitárias. A corrente de igualdade, no entanto, não varreu, contudo, a dissimetria profunda entre homens e mulheres na questão da atividade sexual. Quando da realização da ação, desejo e excitação físicos continuam compreendidos como domínio e espaços de ordens masculinas, visto que o casal quase nunca reconhece a existência e a autonomia do desejo feminino, fazendo-a esconder-se atrás de uma capa de afetividade.

A ditadura da perfeição física empurrou a mulher, não para a busca de uma identidade, mas de uma identificação, fazendo com que a mulher seja vista como um objeto de prazer sexual e que ela se possa tornar mais bela para que seja desejada.

A revolução sexual se eclipsou, porém, ante aos riscos da AIDS. Portanto, se fazem necessários cuidados com o corpo, mas, sobretudo, a saúde dele. Podemos revelar a ideia sugerida por uma sociedade consumista que a história das mulheres passa pela história de seu corpo. Então, se referindo à beleza, revela Del Priore (2000, p. 14):

A mulher tem uma beleza considerada perigosa, pois capaz de perverter os homens. Sensualidade mortal, pois comparava-se a vagina a um poço sem fundo, na qual o sexo oposto naufragava. As

noções de feminilidade e corporeidade sempre estiveram, portanto, muito ligadas em nossa cultura.

O que expor, como expor, o que esconder em relação ao corpo? estas respostas desses aspectos dependerão da determinada cultura, ou época em que a sociedade se desenvolve.

Atualmente, após séculos de ocultação, nossa sociedade se desprende de uma legítima sacralização dos corpos. No que se refere à higiene e ao esporte, primeiro reabilitaram os homens, e os corpos femininos, rapidamente, seguiram esse mesmo ritmo. Até porque se faz necessário o cuidado com os corpos, visto que a mulher é objeto de desejo em todas as culturas.

Os cuidados com a higiene podem ser apreendidos no próprio lar, passados de geração a geração no âmbito público, através das mídias, ou seja, em qualquer lugar. Podemos perceber que existe um processo mimético no decorrer, em alguns casos, dessa prática de higienização. Conforme a decodificação de Wulf (2004, p.350),

Ainda que toda definição sistemática do conceito dessa forma insuficiente, almeja-se agora revelar outras características da mimesis. Antes de tudo, mimesis significa imitação. Enfim, ela significa a reprodução de um quadro ou de uma imagem de uma pessoa ou de uma coisa em sua forma material.

A mímese se refere à imitação de comportamentos individuais ou de um grupo. No ambiente profissional, o prostíbulo, não é diferente, pois também caracteriza um lugar de aprendizagem, onde se destacam o aprender a cuidar do corpo, a higienização, conforme nos relata uma das entrevistadas:

Aprendi no cabaré a fazer Ducha, utilizada antes e após o ato sexual. Essa higienização consiste em dar um jato de líquido dentro da vagina. Esse líquido é composto da dissolução de um sachê de LUCRETIM. Esse é um pó utilizado para higienização feminina, adicionado com água morna, na qual a menina introduz na vagina. Essa substância funciona como um desodorante para amenizar o odor da genitália feminina, servindo para a preservação de bactérias, pelo fato da camisinha possuir um óleo industrial que pode favorecer a proliferação de bactérias, preservando também rachaduras no útero, conseqüente de um intenso ato sexual. (DANNY RIOS).

Os cuidados com os corpos eram necessários dentro do cabaré, pois, para algumas pessoas, o prostíbulo é considerado um ambiente sujo, sem a higienização. Em várias visitas realizadas aos prostíbulos do centro da cidade

de Fortaleza, verificamos, porém, que as meninas se cuidam em relação aos corpos, pois esse é o seu instrumento de trabalho.

Certa vez, em conversas informais, sobre a aparência física, uma das prostitutas revelou que, no momento em que dançam para o cliente, quando ele paga para que aquela profissional do sexo insinua-se para ele, elas se acham poderosas, pois os olhares se voltam para seu desempenho no pequeno palco. Nesse momento, é marcada a importância de ter o “corpo em forma”, ser atraente para, então, poder surgir, quem sabe, uma saída até o motel, que se encontra no mesmo território, como uma opção para o cliente. Pode ser ressaltada a questão do Pole Dance, a qual se tornou um diferencial, também, como aliado ao sensualismo. Uma das entrevistadas revela que, por via desta atividade, foi necessário um maior cuidado com o corpo em termos de força física e resistência. Então, é indispensável à questão a boa forma física.

As responsabilidades do cuidar com o corpo estão presentes em todas as culturas. Por exemplo, desde o início do século XIX, na Europa, multiplicavam-se os ginásios, os professores de ginásticas, os prontuários de Medicina, que abraçavam a atenção para as vantagens físicas e também morais dos exercícios. A elegância feminina começou a combinar com a saúde, pois ser bela era essencial para seduzir o homem, deserta que cuidar da beleza era consequência do cuidado com a saúde.

No Brasil, entretanto, nessa mesma época em que o corpo feminino começava a se movimentar rumo aos esportes, já era o início da República, quando as cidades trocavam a aparência paroquial por ares cosmopolitas, segundo Del Priore (2000, p.64):

Hoje em dia, preocupada com mil frivolidades nudanas, passeios, chás, tangos e visitas, a mulher deserta do lar. É como se a um templo se evadisse um ídolo. É como se um frasco se evolasse um perfume. A vida exterior, desperdiçada em banalidades, é um criminoso esbanjamento de energia. A família se dissolve e perde a urdidura firme e ancestral dos seus liames.

É fácil perceber que o cuidado com a forma física estava relacionado com a aparência que se queria dar ao corpo, para que esse fosse desejado, e preenche os requisitos exigidos pela sociedade. Com efeito, a revolução dos costumes começou a subir saias. A cintura de vespa, herdada em alguns séculos, continuava aprisionada em espartilhos.

A Medicina evoca a importância de exercícios físicos e vida saudável, para preservar, não somente a saúde, mas, também, a pele saudável, o corpo firme e jovem, mas em aspectos relacionados à vida higiênica. Del Priore (2000, p. 72) nos informa:

As feias [...] não devem fingir-se belas. Contentem-se em ser feias, tratar de educar seus espíritos, de viver higienicamente para adquirir saúde, de nutri-se convenientemente, de ser simples, bem-educadas e meigas. A vida higiênica, a boa nutrição, os esportes garantir-lhes-ão a saúde, a boa pele, os bons dentes, a harmonia das formas, o desembaraços dos gestos e a graça das atitudes; a leitura sã, o cultivo do espírito, dar-lhes-ão inteligência e a frente; a bondade, a simplicidade, a meiguice torná-las-ão perturbadoramente simpáticas. Deixarão, pois de ser feias; ou, se continuam feias, valerão mais do que as belas, terão mais prestígio pessoal, impor-se-ão às simpatias gerais.

Quando, entretanto, o objeto de trabalho é a exposição do próprio corpo, como é o caso das prostitutas, devem ser utilizados cuidados excessivos e responsabilidades com o corpo. A imagem é um fator importante para a busca da autoestima das prostitutas. É com o corpo que ela desperta desejo, mas também insegurança, proveniente do descuido da autoimagem. Na expressão de nossas entrevistadas, há uma revelação de o quanto ela se sentia bem quando alguém a elogiava. Gostava quando a tratavam como pessoa “normal”, ou seja, quando era aceita pela sociedade.

É justamente por intermédio da imagem e do cuidado com ela que se destaca uma prostituta. No decurso dos anos, a cultura feminina das aparências foi se modificando e, desde o século XVI, se foram moldando cuidados diferentes com a beleza, na perspectiva Del Priore (2000, p. 23):

A depilação das sobrancelhas, a pintura dos olhos e dos lábios, a coloração das maçãs do rosto, o relevo dado à frente atestavam uma nova representação da mulher. Preparações variadas desdobravam-se em maquilagens pesadas, muito parecidas a máscaras.

É justamente por via dos cuidados com a pele e com o corpo que a prostituta tem de estar preocupada, pois esses são fontes principais da sua profissão, estar bonita, provocante, para ganhar em uma concorrência em relação a outras garotas de programa. A quantidade de programas realizados está também relacionada ao modo como se ajeita, se provoca, se comporta em um pequeno palco, onde a menina possui alguns minutos para convencer o cliente de que seu programa valerá à pena. Vale ressaltar, no entanto, que a

prostituta também pode interpretar uma beleza ilusória, que usa a carência da sua vida privada, junto à família, para buscar a devida atenção. Muitas vezes, dentro de um prostíbulo, podemos perceber essa passagem na fala de uma das entrevistadas:

As meninas transferem a falta de atenção da família e a aplicam em uma atenção ilusória, onde as profissionais do sexo são personagens, são notadas, admiradas, fatores esses que nos faz sentirnos importantes, porém, uma importância ilusória, visto que, ao mesmo tempo que nos sentimos um máximo, sabemos que para aqueles clientes, não temos valor algum, somos objetos de prazer, da paixão momentânea de homens que procuram alguns minutos ou horas de desejos alcançado.(DANNY RIOS).

A entrevistada mostra o quando a beleza física pode influenciar na autoestima. Naquele instante, em que a prostituta está no centro do pequeno palco e as luzes estão todas voltadas para ela, a sua minifantasia está despertando os olhares arregalados, a palpitação excessiva dos clientes e a vontade de se apoderar do corpo da profissional do sexo, fazendo com que essas notem o quanto são dominadoras, envolventes, e o poder de ter trazido aquele cliente até seu *locus* de trabalho. Esse mesmo sentimento, entretanto, se choca com o fim daquela noite, do qual todos saem satisfeitos carnalmente, e a prostituta sente-se então usada, objeto de prazer. Vale revelar, com suporte em entrevistas, a existência de algo a mais do que desejo somente carnal, mas casos de uma paixão do cliente com a prostituta e vice-versa, fazendo com que esse envolvimento deixe de ser apenas em seu âmbito público, mas, sobretudo, fazendo parte da vida privada dessas prostitutas.

Tratando-se com os zelos do corpo, esses importantes para a vida, tanto pública como profissional, da prostituta, com apoio em breve contexto, abrangemos um desses cuidados com o corpo, que caracteriza o foco desta pesquisa, a chamada educação sexual. Essa é, sem dúvidas, de uma relevância social inconcussa, visto que esse tema enseja, cada vez mais, discussões não somente no âmbito escolar, mas também nos ambientes extraescolares. Isto ocorre porque a educação sexual tem como objetivo preparar as pessoas para a vida sexual de forma segura, sendo notório o aumento de DST, gravidez indesejada e aborto.

A preocupação com o sexo, contudo não é fator recente. Pode-se notar que a apreensão do sexo no setor colegial, mais precisamente no século XVIII, já era discutida, como nos revela Foucault (1985, p. 30-31):

O sexo do colegial passa a ser, no decorrer do século XVIII, e mais particularmente do que o dos adolescentes em geral, um problema público. Os médicos se dirigem aos diretores dos estabelecimentos e aos professores, também dão conselhos às famílias; os pedagogos fazem projetos e os submetem às autoridades; os professores se voltam para os alunos, fazem-lhes recomendações e para eles redigem livros de exortação, cheios de conselhos médicos e de problemas edificantes.

Resta claro, nesse excerto do sociólogo francês, que existe uma forma de discurso concentrado nesse tema, ou seja, na educação sexual, constituindo pontos de implantações diferentes, codificando os conteúdos e qualificando os locutores. Julgava-se importante falar do sexo das crianças, fazer com que falem dele os educadores, os médicos, os administradores e os pais, ou então, falar do sexo com as crianças, fazer falarem elas mesmas, encerrá-las numa teia de discurso que ora se dirigem a elas, ora falam delas, impondo-lhes conhecimentos. E também, no contexto atual, uma de nossas entrevistadas reforça a importância de se falar da educação sexual nas escolas e como deveria ser feito esse diálogo:

Para se falar de Educação Sexual entre pais e filhos, precisa-se que haja um diálogo sem juízo de valor e sem preconceitos. Temos que compreender que os adolescentes são quase adultos e estão construindo seus próprios valores, que podem ou não vir a ser iguais aos de seus pais. É também de muita importância que os pais escutem os jovens, pois, muitas vezes, aqueles impõem seus valores e não deixam os jovens exporem suas ideias como se essas fossem equivocadas, porque é justamente através dessa conversas entre pais e filhos, que os adolescentes podem colocar suas dúvidas e receios. (DANNY RIOS).

Essa passagem reforçar a noção que é preciso, antes de tudo, quebrar os tabus acerca da sexualidade, possibilitar que esses jovens tirem dúvidas, questionem, obtenham informações adequadas que sirvam de base para um sexo seguro.

Lapate (2006) nos esclarece a ideia de que, ocorrem alguns questionamentos acerca da forma como a sexualidade é negada em nossa sociedade, e, também, porque até parte dos educadores acredita que a sexualidade não é importante para ser tratada em uma sala de aula e, muito menos não constitui um tema cogitado no trabalho pedagógico escolar. O autor assume que, no entanto, a razão de que essa educação se faz necessária para o educando adquirir acesso às informações e, conseqüentemente poder refletir a respeito de outros assuntos polêmicos, como o uso das drogas, os tabus e a

própria educação sexual. A entrevistada apresenta-se a Educação Sexual e revela:

Aprendi a me cuidar através da curiosidade, mesmo porque nem meus pais, nem a escola que estudei me orientaram sexualmente. Minhas amigas falaram para eu usar sempre camisinha, está sempre prevenida, andar com ela na minha bolsa (LUCIANA).

A entrevistada ainda exprime que a educação sexual deve ser vista desde a infância, com a ajuda da família e da escola, pois poderá despertar a conscientização de que é necessário se prevenir. Há, também, a curiosidade, pois muitas adolescentes iniciam a vida sexual, ou seja, perdem a virgindade dentro dos prostíbulos, e aprendem aprendendo a se cuidar nesse mesmo ambiente.

Foucault (1985) revela que, no século XVIII, havia certa organização de uma escola experimental, cujo objetivo principal era o controle, e havia uma educação sexual tão bem planejada que nela o pecado universal da juventude nunca deveria ser exercido. Então, a criança não deveria ser um objeto mudo e inconsciente de cuidados, decididos, exclusivamente, por adultos. Impunha-se certo discurso, razoável, restrito, canônico e verídico sobre o sexo.

A questão do sexo tornou-se intensa no século XVIII, ao ponto de q Foucault (1985, p. 31) ressaltar que,

Diante do público reunido, um dos professores, Wolke, formulou aos alunos questões selecionadas sobre o mistério do sexo, do nascimento, da procriação: levou-os a comentar gravuras que representavam uma mulher grávida, um casal, um berço. As respostas foram esclarecidas, sem embaraço, nem vergonha.

Foucault (1985) ressalta que, a partir do século XVIII, o sexo das crianças e dos adolescentes passou a ser um importante foco em torno do qual foram editados diversos dispositivos institucionais e empregados discursivos. Existe a possibilidade de ter sido escamoteada, aos próprios adultos e crianças, certa maneira de falar em sexo, desqualificada como sendo direta, curta e grosseira. Isto, entretanto, não passou da contrapartida e, talvez, da condição para trabalharem outros discursos, múltiplos, entrecruzados, sutilmente hierarquizados e todos estreitamente articulados em torno de um feixe de relações de poder.

Desde o século XVIII, o sexo não se deteve em provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado. Em tais discursos acerca do sexo, nota-se que estes não se multiplicaram fora ou contra o poder, porém onde o sexo desempenhava e como meio para seu exercício, ou seja, existe um jogo de interesse que ocorre para que tal assunto seja explorado. Então, se criaram em todos os lugares os estímulos a falar sobre o sexo, em todos os cantos, dispositivos a fim de escutar e registrar processos para observar, interrogar e formular.

Do singular imperativo que impõe a cada um fazer de sua sexualidade um discurso fixo, aos diversos mecanismos que, na ordem da Economia, da Pedagogia, da Medicina e da Justiça, incitam extraem, organizam e institucionalizam o discurso do sexo. É interessante revelar, que talvez, nenhum outro tipo de sociedade do século XVIII, jamais tenha acumulado, e no período histórico, consideravelmente tão curto, tal quantidade de discurso sobre o sexo. Porém, pode-se chegar a uma conclusão que jamais falaremos o suficiente a respeito do sexo, porque somos demasiadamente tímidos e medrosos, as quais esconderam a deslumbrante evidência, por inércia e submissão. Como lecionava Foucault (1985, p. 36),

O segredo do sexo não é, sem dúvida, a realidade fundamental em relação à qual se dispõe todas as incitações falar de sexo, quer tentem quebrá-lo quer o reproduzam de forma obscura, pela própria maneira de falar. O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem devotado a falar dele sempre, valorizando-o como segredo.

De acordo com o Sociólogo francês (1985), o discurso sobre o sexo, existe há três séculos; tem se multiplicado em vez de rarefeito; e trouxe consigo interditos e proibições. Durante séculos a verdade do sexo foi encerrada, pelo menos, quanto ao essencial, com relação a essa forma discursiva e não na do ensino, visto que a educação sexual se limitou aos princípios gerais e às regras de prudência.

Ainda existe certo tabu ao se falar sobre as questões que envolvem sexo. Com a vida sexual iniciando-se, cada vez mais cedo, todavia, é necessário se falar, retratar a educação sexual. Esse conceito, pois precursor a França.



Abordar a educação sexual não é novidade, principalmente quando se pensa a sexualidade vista de forma histórica. Na compreensão de Lapate (2006, p. 50) a ideia é de que:

Na moderna Educação sexual projetada para o terceiro milênio abrange todo aspecto de informação científica, atitudes culturais e aprendizagem que estão implícitas no homem e na mulher [...]. A educação sexual abrange o aspecto total do comportamento humano, a compreensão das necessidades básicas no que diz respeito a pertencer, a amar e ser amado, respeitando-se os direitos dos outros.

No concernente ao respeito e ao amor referente, ou como estímulos para a importância da educação sexual, diz uma de nossas entrevistadas que devemos amar uns aos outros para educar corretamente. Ela ressalta que, no tema educação sexual existe todo um jogo de saberes e poderes que marcam a sexualidade e se há de entender a sexualidade como forma de cidadania.

Lapate (2006) revela a importância da discussão sob todos os ângulos respeitantes à educação sexual, do que está ao redor de respeito, amor próprio, preocupação com doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada, entre outras preocupações cabíveis. A educação sexual, desde seu debate inicial, passou por várias formas de repressão, sendo marginalizada e perseguida pela moral. Somente com o passar do tempo, essa discussão adquiriu espaço, importância e credibilidade, vista nos dias de hoje como necessidade básica para a sobrevivência do ser humano, visto que uma pessoa sem informação pode engravidar em uma hora indesejada, podem adquirir doenças e até chegar ao óbito.

É interessante ressaltar, de acordo com o site<sup>4</sup> de internet e colocado no rodapé que, desde a queda do império Romano, as conversas sobre o uso dos preservativos desapareceram até o século XVI, quando ressurgiram na Europa, com a informação de que, no reinado de Charles II na Inglaterra (1660-85), o rei utilizava preservativos fabricados de intestino de cordeiro, tal como faziam os antigos soldados romanos.

Atualmente, a mídia e os órgãos de saúde deixam transparecer uma crescente preocupação para com as doenças sexualmente transmissíveis, e estas são consideradas como estados patológicos, incluídos nas doenças

---

<sup>4</sup> Site- Jehmy Katianne Walendorff, disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/educacao-sexual-sexualidade-antes-e-depois/1489/>, acessado em 10 de agosto de 2013.

infectocontagiosas e infecções causadas por agentes causais distintos, envolvendo as áreas genital, anal, ocular e outras, tendo no contato sexual seu modo de transmissão predominante.

De acordo com outro site<sup>5</sup>, os preservativos mais antigos são os envoltórios de pênis que aparecem em desenhos nas civilizações egípcias; também as mulheres estavam encarregadas pela contracepção, pois elas utilizavam plantas maceradas, raízes, beberagens e tampões improvisados.

Apontamos aqui alguns métodos contraceptivos que atualmente ganharam espaço em relação aos cuidados do corpo, ou seja, com a saúde.

- ✓ Camisinha- um dos métodos mais utilizados. Com o surgimento do látex, por volta de 1890, começou-se a possuir um aspecto mais fino e confortável. É encontrada com três unidades ou vendida por unidade, e ainda entregue, de forma gratuita, nos postos de saúde (Disponível em: [WWW.corposaun.com/.../2011/02/camisinha](http://WWW.corposaun.com/.../2011/02/camisinha)).



**Figura 1:** Camisinha  
Fonte: [gineco.com.br](http://gineco.com.br)

- ✓ Pílula do dia seguinte- anticoncepcional de emergência, que pode ser usado até 24 horas após o ato sexual em que a pessoa não tenha se prevenido (Disponível em: [www.elanosite.com.br/2011/wp-content/uploads/](http://www.elanosite.com.br/2011/wp-content/uploads/)).

---

<sup>5</sup> Site- Jehmy Katianne Walendorff, disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/educacao-sexual-sexualidade-antes-e-depois/1489/>, acessado em 10 de agosto de 2013.



**Figura 2:** Pílula do dia seguinte

Fonte: [www.elanosite.com.br/2011/wp-content/uploads/](http://www.elanosite.com.br/2011/wp-content/uploads/).

- ✓ Tabela- conhecer o ciclo menstrual e as alterações que acontecem no corpo nesse período são fatores de suma importância para se planejar ou evitar uma gravidez (Disponível em: [www.copacabamarunners.net/ciclo.jpg](http://www.copacabamarunners.net/ciclo.jpg))



**Figura 3:** Tabela

Fonte: [www.copacabamarunners.net/ciclo.jpg](http://www.copacabamarunners.net/ciclo.jpg)

- ✓ Diafragma- deve ser assentada na parte mais profunda da vagina para tampar a entrada do útero e, conseqüentemente, impedir a penetração de espermatozoides. Não oferece proteção contra as DST's (Disponível em: [www.virtual.epm.br/.../Imagens/diafragma.jpg](http://www.virtual.epm.br/.../Imagens/diafragma.jpg)).



**Figura 4:** Diafragma

Fonte: [www.virtual.epm.br/.../Imagens/diafragma.jpg](http://www.virtual.epm.br/.../Imagens/diafragma.jpg)

- ✓ DIU- ainda é um dos tratamentos mais eficaz de prevenir a gravidez. Quando enfiados na cavidade uterina, libera sais de cobre pelo filamento que a reveste. Esses sais possuem uma ação espermaticida, matando os espermatozoides e evitando a fecundação do óvulo. Não oferece proteção contra as DST's (Disponível em: [www.lazerbeleza.com/.../uploads/2009/03/diu.jpg](http://www.lazerbeleza.com/.../uploads/2009/03/diu.jpg))



**Figura 5:** DIU

Fonte: [www.lazerbeleza.com/.../uploads/2009/03/diu.jpg](http://www.lazerbeleza.com/.../uploads/2009/03/diu.jpg)

- ✓ Camisinha feminina- bolsa de elástico frouxa que se adapta a vagina e protege o colo do útero, a vagina e a genitália externa. Não pode ser usado ao mesmo tempo com a camisinha masculina (Disponível em: [www.medicohebiatra.com.br/imagens/entrevistas](http://www.medicohebiatra.com.br/imagens/entrevistas)).



**Figura 6:** Camisinha Feminina

Fonte: [www.medicohebiatra.com.br/imagens/entrevistas](http://www.medicohebiatra.com.br/imagens/entrevistas)

- ✓ Anticoncepcional injetável- método tão eficaz quanto o de uso oral, porém não oferece proteção contra DST's (Disponível em: [www.medicohebiatra.com.br/imagens/entrevistas](http://www.medicohebiatra.com.br/imagens/entrevistas)).



**Figura 7:** Anticoncepcional injetável

Fonte: [www.medicohebiatra.com.br/imagens/entrevistas](http://www.medicohebiatra.com.br/imagens/entrevistas)

- ✓ Adesivo anticoncepcional- consiste num ajuste de dois tipos de hormônios (progestogênio e estrogênio), liberados de maneira contínua por sete dias, por meio de adesivos cutâneos. Cada adesivo deve permanecer por sete dias. Depois deve ser substituído por outro. Após utilizar o terceiro adesivo, a mulher deve passar mais sete dias sem o adesivo. Logo em seguida, começa um novo ciclo. Não oferece proteção contra as DST's (Disponível em: [www.medicohebiatra.com.br/imagens/entrevistas](http://www.medicohebiatra.com.br/imagens/entrevistas)).



**Figura 8:** Adesivo Anticoncepcional

Fonte: [www.medicohebiatra.com.br/imagens/entrevistas](http://www.medicohebiatra.com.br/imagens/entrevistas)

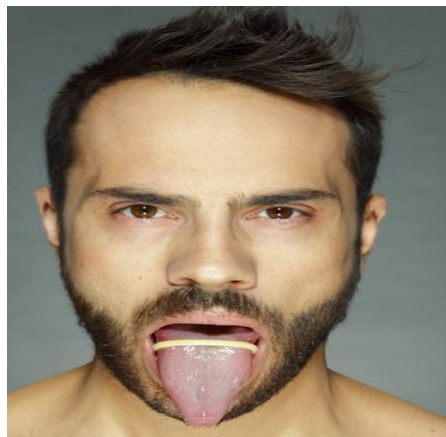
- ✓ Ligadura tubária- processo cirúrgico, onde se fecha a passagem pela tuba uterina. É um método muito eficaz, porém não oferece proteção contra as DST's (Disponível em: [www.medicohebiatra.com.br/imagens/entrevistas](http://www.medicohebiatra.com.br/imagens/entrevistas)).



**Figura 9:** ligadura tubária

Fonte: [www.medicohebiatra.com.br/imagens/entrevistas](http://www.medicohebiatra.com.br/imagens/entrevistas)

- ✓ Ainda pode ser incluída na lista desses métodos contraceptivos a camisinha de língua, porém o aparato não possui a intenção de proteger, mas sim de estímulo para a hora do sexo oral. O tal produto protege apenas a região da língua, mas não do resto da boca.



**Figura 10:** Camisinha de língua

Fonte: [www.belasartes.br/.../uploads/2010/03/wom.jpg](http://www.belasartes.br/.../uploads/2010/03/wom.jpg)

Faz-se necessário dizer que a sexualidade constitui elaboração histórica e cultural, a qual se explica e se compreende no contexto e nas relações que produzem. Com base nesta suposição, a educação sexual implica conhecimento da história do homem envolto na sua cultura, ou seja, em suas relações materiais concretas constituídas de todos os aspectos que o

hominizam, como afeto, emoção, prazer, solidariedade, entre outros, o que diferencia dos demais animais. Na perspectiva de Cabral (1995, p. 153),

[...] sexualidade e educação sexual com vista à transformação passa primeiro pela compreensão da nossa pessoa, como sujeito histórico e sexuado, entre outras inúmeras dimensões que somos [...]. Educar o outro é fundar a ação pedagógica na reflexão acerca da própria educação. [...] A transformação mais global se iniciará com o gesto, a palavra, a alegria, o afeto, a solidariedade e com o conhecimento científico.

A autora exprime que somos seres em elaboração, inacabados, portanto, educáveis; e que o homem pode ser compreendido como produto de múltiplas relações sociais, ou seja, um ser em movimento, em incessante transformação.

De tal modo, podemos discutir várias temáticas que cercam a sexualidade: aborto, métodos contraceptivos, namoro, dentre outras, as quais mostram o quanto se modificam no tempo e se diversificam no espaço. Entre outras questões, destacam-se as relações de gênero que, ao longo da história da cultura ocidental, foram acumulando sentidos e interpretações. Tais conotações sempre foram atreladas ao mundo da produção, das relações de poder de cada época, e, mesmo assim, não representam a totalidade da população, uma vez que o pensamento hegemônico sempre foi o da classe dominante e, necessariamente, não significando aquele vivido pelo povo.

Cabe considerar, ainda, o que hoje se faz em torno da denominada permissividade sexual, ou seja, o sexo posto à venda, coisificado, transformado em mercadoria. Paga-se e consome-se, e o outro se torna objeto descartado, como um produto que se usa e joga fora. Daí a importância da educação sexual, contribuindo para a formação de valores e na constituição de uma crítica acerca do respeito para com o outro e para consigo próprio.

Como foi citado neste estudo, pode ser observado que a prostituta é tratada como objeto de prazer. Muitas delas já estão tão acostumadas apenas a satisfazer os clientes, e se vedam para, então, não se apaixonarem, assim retrata uma das entrevistadas:

Pode ter certeza, que quando a garota de programa sente prazer ela tá apaixonada, ela vai tratar aquele cliente de forma diferente cobrar aquele dinheiro, já não rola mais e isso significa financeiramente prejuízo pra garota de programa, prejuízo assim no sentido de está apaixonada, ela não vai mais ligar para trabalhar é muito chato essa parte porque ela não

liga mais pra trabalhar, ela se obriga até uma fidelidade embora a outra parte não esteja nem aí. Ela tenta mostrar pra outra parte, eu tô só contigo, eu não tô ficando com ninguém eu deixei a vida e é por isso, que rola aquele sistema de se alto vedar, se o cliente viesse com carinho, eu dizia meu filho vamos terminar logo nosso serviço, eu gosto mesmo é de foder (DANNY RIOS).

Então, se pode perceber a distinção em alguns pontos sobre a questão de se reservar sexualmente, atividade essa realizada por algumas mulheres, definidas como “mulheres sérias”, Essa característica está presente desde a Antiguidade, tanto grega, quanto romana. Nunes (1987) acentua que as divindades já eram, em sua maioria, de elementos masculinos, e o homem não escravo era considerado um ser superior. Seu lugar era na Política, na Filosofia e na Administração, ou seja, em algum órgão público. Já à mulher era reservada a condição de esposa-mãe, vista como um ser passivo, inferior e restrito ao âmbito privado. Então, assim nos revela Nunes (1987, p. 47):

O ideal para a mulher é permanecer em casa, conter-se sexualmente, dirigir a casa e prover o marido docilmente em todos os seus gostos e quereres. O marido é o senhor da esposa e dos filhos, o chefe da casa e dos escravos e faz tudo para exercer ativamente seu poder, que é estimulado e esperado dele socialmente. A mulher é a dona “obediente da casa” e o marido, chefe da família lhe dá o status de esposa; que contém o nome, a casa, a organização dos bens, sem, contudo ser exigido dele alguma fidelidade conjugal sexual qualquer.

Pode-se analisar a importância de que a mulher seja submissa sexualmente ao homem. Já este era liberado para ter uma vida sexual fora do casamento. Essa característica do homem ir à “caça”, de se satisfazer sexualmente, permeia toda a história.

É nos cabarés, sobretudo, um dos ambientes onde podemos identificar a presença de uma diversidade de clientes, homens casados, separados, divorciados, solteiros. Todos possuem algo em comum, se divertir: Esse divertimento está presente em vários modos, com um sexo sem compromisso, ou somente frequenta esse ambiente para beber, conversar um pouco. Quando essa distração se revela, porém, com base no sexo, então poderá possibilitar o sentimento, tanto do então denominado cliente, quanto da atração principal da noite, a prostituta. Quando se foca, porém, esse ponto da afetividade da prostituta para com o cliente, é um pouco complicado, como ressalta uma das entrevistadas:



Conheci uma pessoa, na qual se tornou meu cliente fixo, não o deixo por nada. Porém, a questão do sentimento, chega a dar certo prejuízo, pois quando me envolvo sentimentalmente, tenho a vontade de me afastar do prostíbulo, mas toda vida que assim fazia, me arrependia, devido a todas as decepções amorosas que já tive em minha vida. Daí pensei: se for para dar para um homem sem receber nada, sem respeito, é muito melhor dar para alguém que pague, o prejuízo é menor. (Relato de uma profissional do sexo).

A entrevistada ainda revela que não acredita em fidelidade, porém seus relacionamentos conseguiram durar algum tempo. Evidencia que, na maioria das vezes, se envolvia com homens solteiros, mas certo dia se apaixonou por um casado. O mais interessante é que a entrevistada retrata que esse tal cliente lhe pagava somente para que ela o ouvisse falar de seu relacionamento com sua esposa, suas crises, inseguranças. Até que, certa vez se rendeu aos carinhos da profissional do sexo. Esse relacionamento passageiro, no entanto, foi marcado por muito ciúme, da parte do homem em questão. Por isso ele decidia sair e pôr um fim nesse relacionamento. Então, a profissional do sexo reforça em suas palavras:

São pouquíssimas meninas, garotas de programa, que conseguem se casar, ser feliz. Primeiro, agente encontra um homem que nos oferecem o céu, a lua e as estrelas. Diz que vai nos tirar dessa vida, porém na primeira briga, joga na nossa cara que somos prostitutas. O relacionamento com uma puta, torna-se mais agradável para o cliente, pois esse vai decidir o horário em que vai vê-la, sempre a prostituta, tem que esperar as ligações deles, nunca ligar, nem mesmo quando estamos tristes, precisando desabafar. (DANNY RIOS).

Para a profissional do sexo, nota-se um desconforto causado pela falta de carinho, de cumplicidade, de ter alguém para cuidar dela, e que ela também possa ter a atenção devida. Ela, a prostituta, pode ser linda, inteligente, bem humorada, porém tem um defeito indiscutível: ser puta. Segundo nossas entrevistadas, as garotas de programas são mulheres frágeis, inseguras, que, mesmo se sabendo bonitas, muitas não possuem a autoestima necessária. E na hora, no momento do *show* nos prostíbulos, utilizam-se de máscaras para esconder todas essas características negativas e então podem satisfazer a quem a paga para vê-las.

Do ponto de vista amoroso, de acordo com a entrevistada, existe mesmo uma distinção entre a profissional do sexo e a mulher dita “comum”. Essa diferença está inserida no preconceito social, mas, independentemente disso, a distinção é que uma garota de programa tem muito mais insegurança

oriunda do processo de trabalho dela, baixa autoestima também vinculada a sua profissão, e também um maior grau de carências, de atenção, de afeto. E, no momento em que ela consegue alguém que supra essas características, ou seja, que a trata de uma forma particular, ela obtém um apego por aquela pessoa. Então, quando não der certo, esse relacionamento produz uma perda mais dolorosa. Uma das nossas entrevistadas nos confessou:

É por isso, que eu sempre tentava agir no automático, não dava tempo para a racionalização, vou, transei e tchau. Eu já tive um processo que fiquei tão arredia, que qualquer contato físico, carinho, a pessoa querer me tratar bem, eu repudiava. Era uma forma de defesa, contra os próprios sentimentos e então, porque a sociedade já rotula a garota de programa como uma mulher sem valores, e como eu iria me apresentar a um paquera, que conheci, fora do prostíbulo, como uma profissional do sexo (LUCIANA).

Nota-se nas palavras reveladas pela entrevistada a dificuldade de se manter um relacionamento amoroso. Ela assinala, no entanto, que já possuiu muitos envolvimento, chegando até a se envolver com uma garota. Esse fato, de acordo com as visitas realizadas e algumas conversas informais, é comum acontecer entre as profissionais do sexo.

A entrevistada ressalta que se envolveu com outra mulher que conheceu no próprio ambiente de trabalho, um prostíbulo localizado no centro da cidade de Fortaleza, Ela nos revela:

Rolou uma química entre nós duas, e foi muito interessante, porque nunca havia rolado com outra mulher. Foi muito intenso o sentimento entre eu e essa garota. Cheguei até a trabalhar dobrado para manter financeiramente esse relacionamento. Pedi a ela que trabalhasse para ajudar nas despesas da casa, mas ao ir trabalhar no mesmo prostíbulo, ela, a garota, arranhou outra, me traiu. (DANNY RIOS).

Embora a relação dessa entrevistada tenha sido entrelaçada por muitas decepções amorosas, ela se entregava de “corpo e alma” em seus envolvimento. Quando acontecia algo de bom entre nossa entrevistada e outra pessoa, ou seja, quando a paixão tentava preencher um dos vazios, a exemplo da carência, em razão da profissional do sexo, então a entrevistada em foco nos confessa, que por mais que concorde em uma relação sexual com apoio de métodos contraceptivos, ela transar com seus verdadeiros amores, sem o uso deles. Ela ainda enfatiza:

Com meus namorados, até agora, eu não me previno, apenas tenho o cuidado para não deixar que eles ejaculem dentro da minha vagina. Confesso que eu não gosto de usar camisinha, nem outro método

contraceptivo, mas com os clientes tinha que ser diferente, aí me preocupo com doenças sexualmente transmissíveis e uma gravidez indesejada (JULIANA).

É claro na passagem da entrevistada que o sentimento influencia nos cuidados que ela possui com o corpo. Quando está apaixonada, se entrega e confia em que, mesmo estando se arriscando, nesse momento, o importante é satisfazer tanto quem está em sua companhia como também a ela própria.

Ao se tratar da educação sexual realizada dentro do prostíbulo, ou seja, local de trabalho das profissionais do sexo, nossa entrevistada retrata os ensinamentos:

Muitas das meninas que eu conheço, profissionais do sexo deste prostíbulo, não têm problemas com doenças venéreas. Até porque, no mundo da prostituição, rola uma irmanação, aonde uma vai passando o ensinamento para outra. Quando agente tá ali esperando um cliente geralmente surge esse assunto, daí uma fala, ah, eu transei com um cliente e o pau dele era grande demais, aí a outra que escuta diz, usa esse produto aqui, que é bom para evitar inflamação. A própria dona do estabelecimento retrata e ensina como realizar tais cuidados com o corpo. Então é aquela coisa, pega doença quem quer. Se a menina for esperta ela pega aqueles ensinamentos, eu tive sorte de conhecer uma veterana que me ensinou tudo isso. Eu também não estou generalizando dizendo que são todas as meninas que se cuidam (JULIANA).

A entrevistada que dita a importância dos cuidados com o corpo, sobretudo da Educação sexual, é a mesma que revela não se prevenir quando manteve alguns relacionamentos com homens que foram seus namorados. Então, pode ser reafirmada a questão sentimental interferindo nos cuidados com o corpo da prostituta.

Porém, a ausência desse sentimento, no entanto, “obriga” a prostituta a ter uma maior atenção no que diz respeito aos métodos de prevenções; e faz com que a profissional do sexo se comporte como uma atriz no momento em que tem que satisfazer seus clientes. Com relação a esse disfarce, nos conta uma das entrevistadas:

Quando eu sentia prazer, era verdadeiro. Nunca se engane tem garota de programa que consegue fingir ou simular um prazer, eu sei pelo depoimento de amigas minhas, então é aquela coisa, é uma atriz, ou seja, eu tenho que dar pro cara aquilo que ele quer porque facilita pra mim e segura o cliente para ele voltar novamente (DANNY RIOS).

A passagem demonstra que, muitas vezes, não é fácil a vida profissional da prostituta, principalmente em ter de satisfazer o cliente, fingir que está gostando da situação e até mesmo chegar a um orgasmo mentiroso.

Também, não é fácil, entretanto, a sua vida privada, pois, até que um homem aceite o passado ou o presente de uma garota de programa, é um processo que quando acontece raramente dura, muitas vezes é passageiro ou nem acontece essa reciprocidade de sentimentos.

Está presente na fala de uma das informantes que por não ter tido o cuidado com prevenções ao se tratar de um relacionamento fixo, ocorreram várias situações embaraçadoras Ela nos revela:

Quando eu fiquei grávida, eu passei o período da gestação longe da prostituição. Fui trabalhar grávida em uma churrascaria. Eu pensei em abortar, mas nunca fui de acordo, pois antes de entrar na prostituição eu tive tempo de ter uma formação religiosa, crisma, tudo isso já estava muito claro em minha cabeça e o aborto não justificava. O pai desse filho que eu estava esperando chegou a me apresentar quatro comprimidos de CYTOTEK para eu abortar. Ele batia na mesma tecla, a de que eu tinha que deixar de fazer programa. Quando ele chegou com aqueles comprimidos para que eu abortasse, eu fiquei horrorizada, eu passei os nove meses longe também dele, daí esse foi um motivo para que eu voltasse para a prostituição, porque se ele me amasse de verdade, ele tinha me apoiado na gravidez, embora ele não tivesse condições de me sustentar (DANNY RIOS).

Então podemos perceber que, muitas vezes, ter um envolvimento fixo, e até sentimento, esse geralmente será perseguido pelo aspecto profissional da prostituta.

É indispensável revelar, todavia que, mesmo que algumas das entrevistadas tenham tido relacionamentos fixos, namorados, e não terem usado os métodos contraceptivos, elas relatam que sempre fazem exames que identifiquem as doenças sexualmente transmissíveis.

### 3 PROSTITUIÇÃO: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

Quanto à prostituição ser a profissão mais antiga do mundo, não há dúvidas. O título “mais antiga das profissões” busca dar conta da universalidade desse fenômeno conhecido em variadas épocas e lugares. Deve-se ressaltar, no entanto, é que esse conceito de prostituição, ou seja, a forma como é administrada, diferencia-se em torno de cada cultura de um determinado país. Vale ressaltar, porém, que a prostituição a que nos referimos é a feminina, visto que é a mais comum e a encontrada no locus de nossa pesquisa. Voltaremos nossos olhos, a princípio, lá para a Idade Média. Jacques Rossiaud (1991) nos brinda com o seu livro intitulado, *A Prostituição na Idade Média*. O autor relata em um dos seus capítulos o que se refere à Estrutura e Amplitude da Prostituição Urbana, onde ele explica que arriscar compreender a intensidade e o sentido social da prostituição é conceituá-la ante as estruturas demográficas e matrimoniais, as normalidades e desvios sexuais, valores culturais e mentalidades coletivas dos grupos sociais que a aguentam ou reprimem. Assim, a análise será realizada em um período de relativo equilíbrio econômico e social. Então Rossiaud (1991, p. 19) exprime:

Esboço minha pesquisa, tomando como exemplo a rede de cidades do Sudeste, da Borgonha até a Provença. Minhas pesquisas sobre os moradores da região do Ródano conduziram-me naturalmente para lá: todos os bairros ribeirinhos das cidades banhadas pelo Ródano continha prostíbulos. Entre 1440 e 1490, esse conjunto geográfico foi pouco afetado pela guerra e as cidades eram convalescentes e prósperas.

Rossiaud (1991) aconselha evitar considerar a cidade como o único local favorável ao desencadeamento de amores venais, pois a documentação urbana mostra uma florescente prostituição rural. Elas adaptavam o seu itinerário ao calendário das feiras e mercados, das peregrinações e dos grandes trabalhos agrícolas. Rossiaud (1991, p. 20) nos revela:

Nas granjas isoladas, diaristas ou peões que viviam juntos mantinham durante alguns dias ou semanas uma prostituta compartilhada por todos. Os comerciantes Alemães que, em comboio, dirigiam-se às feiras de Lyon, agiam do mesmo modo, e no rio as tripulações ribeirinhos que realizavam uma viagem de várias semanas contratavam mulheres nas margens e divertiam-se com elas nos lugares onde pernoitavam.

Não há dúvidas, entretanto, de que foi na zona urbana que a prostituição eclodiu e assumiu grandes proporções, adquiriu formas mais complexas e se institucionalizou. Assinala Rossiaud (1991) que não existia cidade de certa importância sem bordel. Esse frequentemente era construído com gastos compartilhados por todos, ou seja, com o dinheiro público, o qual era arrendado a um administrador, que teoricamente obtinha o monopólio da profissão. Esses tinham como obrigação o recrutamento das moças, permitido ou não por um oficial de justiça, de se fazer cumprir certas regras, muitas vezes de mantê-las, e de sempre fazer imperar a ordem na pequena comunidade feminina. É interessante revelar, que em caso de falecimento, necessidade ou desistência do administrador, as autoridades passavam a governar diretamente as casas de prostituição. Tratando-se da organização material a qual variava de acordo com a importância da cidade, Rossiaud (1991, p. 21) nos dita:

Em Tarascon, o château-gaillard era uma modesta construção com pátio, jardim, duas saídas, uma cozinha, uma sala e quatro quartos. Mas Dijon possuía, pelo menos a partir das ampliações de 1447, uma imponente mansão com três corpos, com galerias interiores rodeando um jardim. A maison des fillettes compreendia o alojamento do guardião, uma ampla sala comum e vinte quartos de grandes dimensões, todos com lareira de pedra. Em Lyon, Beaucaire, Arles ou Orange havia um bairro reservado que, em Avignon, agrupava diversas ruas em torno de uma praça arborizada e cercada pelos quartos.

Vale ressaltar que, normalmente, os bordéis não constituíam uma “casa fechada”. As profissionais do sexo públicas, que moravam nas ruas, conhecidas como “desonestas”, ou alojavam-se nas cidades, podem circular durante o dia pelas tabernas e outros lugares públicos, se assim preferirem, porém, quando a prostituta conquistar um cliente, deverá conduzi-lo a boné Maison, lugar onde se festeja antes de adentrar o quarto.

Nessa época, situada na Idade Média, não existiam apenas os bordéis públicos, mas também as casas de tolerâncias, ou seja, os banhos públicos. Ao decifrar o seu funcionamento, pode-se chegar à conclusão de que os tais banhos públicos constituem prostíbulos, ou servem para duas finalidades, uma boa, outra ruim; isso apesar do inúmero de regulamentos proibindo a presença de garotas de programas e estabelecendo as horas e os dias reservados para homens e mulheres. Todos os banhos possuem um

grande número de camareiras. Ainda sobre os banhos públicos, Rossiaud (1991, p. 22) explica:

Os banhos públicos são, repitamos os centros de uma prostituição notória e permanente, mas também casas de encontros e lugares de alcovitagem. Em Lyon, entre 1470 e 1480, a expressão *aller s' estuver* (ir aos banhos) possuía na linguagem corrente uma acepção bem particular e conhecida por todos.

Então, pode-se notar que os banhos públicos são uma forma de mascaramento das casas de prostituição, porém, esses estabelecimentos não devem camuflar a existência do terceiro tipo de prostituição: a artesanal. Rossiaud (1991, p. 22) nos revela:

Era formada por pequenos bordéis privados dirigidos por alcoviteiras que no seu lar dispunham de duas ou três mulheres, camareiras ou enviadas para a ocasião. Estas atendem nas casas das primeiras, que servem de proxenetas e que às vezes utilizam também os serviços de mulheres “levianas” que trabalham quarto e último nível do edifício da prostituição, por conta própria, indo de hotel em hotel e que são tanto concubinas quanto comuns a muitos, conquistam a sua clientela nas tabernas ou nos mercados e às vezes possuem proteções eficazes, oficiais ou privadas, pois a atividade é perigosa e sofre muita concorrência.

Por meio desse contexto, vale ressaltar que as autoridades se esforçam para que certas regras sanitárias sejam notadas (em épocas de peste, fecham-se os prostíbulos e os banhos públicos, assim como se proíbem as reuniões comerciais ou as danças em geral), bem como algumas normas religiosas (a fim de respeitar as interdições, restringidas à Semana Santa e ao Natal), morais (para evitar que não aconteçam espetáculos escandalosos nas vizinhanças de igrejas ou em ruas de patrícios) em se tratando de vestimenta (para que as mulheres de posição possam ser diferenciadas das outras e afim de que a luxuosa vestimenta destas últimas não incite à perdições de moças pobres e puras), fiscais, de maneira que o setor “ privado” não arruine o monopólio urbano. “Mas, os esforços das autoridades não foram bem sucedidos, pois frequentemente, os conceitos decidem oficializar a prostituição através da ‘utilidade comum’ ou do ‘interesse da coisa pública’”. (ROSSIAUD, 1991, p.23).

Referindo-se aos tipos de mulheres que existiam, no entanto, são distinguidas as mulheres dos prostíbulos das que exerciam sua atividade nos banhos públicos ou em quartos. Segundo Rossiaud (1991, p. 23), “As

mulheres públicas comuns opõem-se ás mulheres secretas, as prostitutas de rua às meretrizes de prostíbulo e às mulheres secretas, levianas e vagabundas”.

Consoante esse autor (1991), a história da prostituição não tem chamado a atenção dos medievalistas. Mais na frente, ainda nesse contexto, os historiadores não ignoram o fenômeno da prostituição, mas frequentemente a evocação que fazem dela escreveu-se em uma concepção historiográfica e em uma corrente de pensamento que atribui às calamidades da baixa Idade Média e à desordem dos costumes a importância dos fatos observados: era tentador associar prostituta e homem de guerra, fornicção e infâmia, prostíbulo e pátio dos milagres. Ainda, segundo Rossiaud (1991, p. 19),

Tentar compreender a amplitude da prostituição é defini-la frente ás estruturas demográficas, às normalidades e desvios sexuais, aos valores culturais e às mentalidades coletivas dos grupos sociais que a toleram ou a reprimem.

Essa passagem revela que, para se entender a intensidade que traz a prostituição, é preciso conhecer aspectos culturais que rodeiam uma sociedade.

Nesse mesmo período, destacam-se as mulheres secretas e as prostitutas públicas. Ambos são relevante importância para um maior esclarecimento acerca das divergências. Aquelas se inseriram na prostituição com apenas 17 anos de idade, porém as camareiras de banhos públicos três anos mais e as locatárias do *prostibulum* tinham cerca de 28 anos. Com relação às prostitutas públicas, para muitos cidadãos, representava uma etapa na redenção de uma conduta desonesta. Em geral, pode-se admitir que as mulheres não possam permanecer muito tempo na prostituição, porque, após os 30 anos de idade, estavam muito envelhecidas e tinham que pensar em mudar de vida. Rossiaud (1991) revela que, nesse período, marcado pelas incertezas, é visto que algumas mulheres podiam fazer carreira no ofício, tornarem-se administradoras de banhos públicos, garantido assim sua velhice. Outras optavam por se retirarem a um convento ou a um estabelecimento de arrependidas. Essas instituições, no entanto, eram raras, recebendo apenas algumas mulheres. Conforme Rossiaud (1991, p. 43),



Para admiti-las impunham normas de idades e às vezes de beleza (em Avignon era preciso ter menos de 25 anos e ser bonita para ser aceita). Por outro lado, essas instituições nem sempre eram bem-vistas pelas autoridades, pois contribuíam para incentivar a prostituição de moças pobres a fim de solicitar ajuda. Assim, elas acolheram apenas uma “elite” da pobreza ou da penitência.

Nota-se nesse fragmento a importância do cuidado do corpo, e a idade que influencia a não permanecer profissional do sexo em seu âmbito de trabalho. Na contemporaneidade, entretanto, mesmo que exista também o fato de idade ser um ponto negativo, pode ser observado um fator relevante na fala de uma de nossas informantes:

A idade realmente atrapalha. Alguns dizem que estamos velhas demais e preferem uma novinha, porém um fator que não se pode esquecer é que também existem clientes que optam pelas mais velhas, pois não somente está colocando a questão da idade, mas sim a experiência. Outros até ressaltam dizendo que vai com tal menina por já estar acostumado a fazer o programa com ela. (DANNY RIOS).

Após citado o ponto das mulheres em relação à prostituição, se faz necessário conhecer a espécie de clientes por elas atendidos. Era comum jovens frequentarem o bordel e os banhos públicos. As explicações são as que eles visitam para se divertir. De acordo com Rossiaud (1990), para os jovens, a fornicação era um hábito, provavelmente imposto não só pela “natureza”, mas também pelo grupo etário e pelos mais velhos- casados e notáveis-. Também, era considerado prova de normalidade social e fisiológica. Então, aqueles jovens que não frequentavam, mesmo que poucas vezes, os ambientes de fornicação, eram considerados suspeitos, daí partiam as indagações: será que eles possuíam uma criada-amante? Ou uma prostituta própria? É ainda para as pessoas mais velhas, restava a dúvida: será que eles não freqüentavam os ambientes de fornicação porque seduziam mulheres casadas? Ou seja, eram muitas perguntas para serem respondidas por aqueles jovens que não frequentavam os bordéis ou os banhos públicos.

Pode, entretanto, ser revelado, segundo Rossiaud (1990), que quase todos os homens casados, mesmo que respeitasse as leis do matrimônio, já haviam comerciado com as meretrizes, durante os cinco ou dez anos da sua “juventude”.

Na teoria, o acesso aos prostíbulos públicos era proibido para os homens casados e padres. Para os primeiros, ainda era mais à noite do que de

dia. E quem administrava, o *abbesse*<sup>6</sup> tinha a função de impedir a entrada desses possíveis clientes, e se a pessoa que administrava o prostíbulo não fazia essa tarefa, era apresentada queixa e o delito chegava ao conhecimento das autoridades. Então, o *abbesse* precisava pagar uma multa, assim como a pessoa que cometera o adultério, porém esse regulamento nunca foi respeitado. Um dos motivos era que esse regulamento não podia ser aplicado aos estrangeiros. Outro fator era de a proibição prejudicar a quem dependia da prostituição.

Outro fator relevante era aparência, ou seja, uma das identificações de quem é prostituta, segundo Rossiaud (1990, p. 61):

A proibição de mulheres e moças desonestas usarem uma coifa ou outro tipo de chapéu parece ter sido geral na Idade Média. Em Dijon, em meados do século XV, tirar publicamente o chapéu de uma mulher ainda equivalia a acusá-la de prostituição ou devassidão; muitos jovens, ao agirem assim, queriam assegurar-se uma garantia sobre a pessoa da vítima.

(...)

Quanto às mulheres públicas, executavam esse gesto quando encontravam suas concorrentes secretas; também como homem que tinham sido seus clientes e cujo comportamento era considerado por elas imoral ou hipócrita; finalmente, também o faziam com aqueles com os quais queriam ir para a cama. Em certa medida, essa conduta constitui um desafio ao poder masculino.

Na contemporaneidade, a profissional do sexo circula com trajes cada vez menores para chamar a atenção dos clientes e assim possibilitar um programa. Em relação às outras prostitutas concorrentes, as putas usam como armas para se tornar mais atraentes do que as outras o poder da sedução, demonstrada na maneira de dançar e vestir; ressaltando, também, o cuidado com o corpo, em relação ao uso constante de academias para então revelar as curvas do corpo.

Então, sabemos que são diversos os motivos que fazem com que o cliente se dirija até um prostíbulo. Um desses motivos é revelado em Rossiaud (1991, p. 99):

Escutemos novamente os operários de Lyon, da Borgonha e da Provença: eles vão ao bordel “divertir-se”, “passar bem”, “sentir prazer”, pois a “natureza os impele”, a “natureza os obriga”. Isso

---

<sup>6</sup> Abbesse- Como se configura no livro *A prostituição na Idade Média*, de acordo com nossa interpretação, abbesse seria uma espécie de pessoa que promovia o agenciamento do bordel, ou banhos públicos.

servindo, também, para os jovens, pois a frequência do bordel e dos banhos públicos pelos jovens parece efetivamente uma prova de normalidade. Não só seus companheiros, mas os próprios pais incitam seus filhos a fornicarem: “Vós dais aos vossos filhos dinheiro e liberdade de ir ao lapanar, aos banhos públicos e às tabernas”.

Não é, pois, somente com esse intuito citado que os clientes procuram as profissionais do sexo. De acordo com várias entrevistas coletadas, muitos clientes frequentam os prostíbulos unicamente para beber, enquanto, outros vão para beber e observar a desempenho das putas no pequeno palco, quando um cliente paga um *show* de Streeap- Tease, existindo aquele cliente que utiliza a prostituta como uma espécie de psicóloga a fim de contar seus problemas, e angústias.

Com relação ao público existente no bordel de Dijon, é importante citar o que Rossiaud (1991, p. 100) nos revela:

A clientela de Dijon, não compreendia, pelo menos no século XV, jovens de menos de dezoito anos; provavelmente as prostitutas públicas tivessem ordens de não aceitá-los. Os grupos selvagens noturnos não contavam mais. Restavam, porém, a prostituição tolerada, secreta, e as criadas. Considero que a masturbação masculina era admitida pela moral social, justamente porque o esforço dos moralistas do princípio do século XV visava a extirpá-la, porque este pecado era dificilmente controlável e fora durante muito tempo considerado transgressão menor pela igreja; os pais tendiam a deixar seus “filhos jovens” cometerem-no.

Na atualidade, os perfis do cliente se diversificam. No *locus* desta pesquisa, um prostíbulo do centro da cidade de Fortaleza, pode-se verificar que o público-alvo, ou a maioria do que ali se encontra, é de trabalhadores do centro da Cidade que, após um longo dia de trabalho, frequentam tal lugar, porém é importante revelar que também são frequentadores desse ambiente, clientes de outros lugares e regiões.

De acordo com Freitas (1985), a prostituição pode ser englobada como um exercício no qual é possível perceber os padrões de interação que permitem revelar a realidade baseada na experiência desse universo e não como um problema social. Tal abordagem nos conduz a identificar duas ordens morais: de um lado, o mundo da prostituição e, de outro, um mundo “normal”, numa infinita sucessão de negociações, tais como: rotina, hierarquia, sistema de estratificação e regras de convívio.

As palavras reveladas pelo autor estão presentes em outra citação feita por Adler *apud* Sousa (2000, p. 30), que retrata a diferença entre uma prostituta e não prostituta no discurso dos homens:

O que elas têm a mais que nós? Têm muito mais que vocês, respondem os homens. Tem a beleza picante, a arte da réplica perfeita, o olhar perturbador, o sentido da despesa, o gosto pela noite, a carne palpitante, o riso fácil, a ciência do abandono.

Na representação social, a profissional do sexo representa papéis que a esposa e a mãe não poderiam eventualmente fazer, exemplificando: sensual, provocante, sem-vergonha, descontraída, misteriosa, sem dono, livre para o sexo. E, muitas vezes, são essas características que seduzem e atraem os clientes para os prostíbulo.

Existem, contudo, as obrigações das prostitutas em seu ambiente de trabalho, nesse caso os prostíbulo. Segundo Sousa (2000, p. 138),

A prostituta deve ir ao prostíbulo não para se divertir, mas sim pra batalhar; fazer os programas o mais rápido possível para não perder tempo; procurar não se envolver sentimentalmente com os clientes; permanecer lúcida para ser racional; evitar conflitos com as amigas de profissão e clientes; tratar todos os clientes da mesma forma, porém favorecendo a quem pagar mais; preocupar-se com o fazer e não com o prazer, dentro de um prostíbulo, ter cuidados com as doenças sexuais e gravidez.

Essa passagem nos remete à afirmação de como a prostituta deverá agir em sua profissão. O trecho “fazer um maior número de programas em pouco tempo” está explicitando que, nesse trabalho, “tempo é dinheiro”, pois, segundo uma das informantes, ao adentrar um cliente, as putas vão logo a sua procura, fazem companhia ao que pode se tornar cliente e verifica o que vai acontecer. Se a resposta for negativa, é o momento certo de sair e partir para outro possível cliente.

Vale revelar, no entanto, que são vários os motivos a fazerem com que o cliente procure um prostíbulo. Muitas vezes, somente frequenta com o intuito de beber. Mais um papel que a prostituta poderá desenvolver é o de psicóloga, visto que, diante de um copo de bebida, existem desabafos dos clientes. Uma profissional do sexo revela que teve seu depoimento fixado na obra de Alves (2012), onde era intitulado, *Noites de Cabaré*, onde ela relatava:

Constantemente, as garotas de programa se auto-definem “psicólogas”. Na verdade é isso que acontecem, eles vão ali para abrir com a gente, para desabafar com nós. Têm uns que falam que está com problema em casa, passando por dificuldades financeiras, que a mulher fez isso, que a mulher fez aquilo, então eles estão ali precisando de carinho da mulher que está ali do lado dele. Ele vai mesmo para desabafar. Quando ele está puto da vida com a esposa, fala mal da esposa ou dos filhos, daquele patrão. Ou também se ele está feliz fala uma coisa boa que aconteceu na vida dele. Às vezes entro no clima e conta coisas sobre mim também, para ele sentir que mesmo estando ali para satisfazê-lo sexualmente, sei ouvir, sou amiga. Posso fazer meu papel de puta, mas também de psicóloga (BÁRBIE *apud* ALVES, 2012, P136).

Enquanto isso, outros clientes estão nos prostíbulo para realizar suas loucas fantasias, segundo o depoimento de outra delas:

Uma vez, fui para o quarto com um rapaz, tirei minha roupa e fizemos sexo, porém quando fui tomar um banho ligeirinho para sair, ele perguntou quanto eu queria para que eu mijasse na boca dele. Eu não queria fazer isso, mas quando ele me ofereceu R\$ 200,00, aí perguntei se ele queria mesmo, balançando a cabeça ele respondeu que sim, então fiz. Ah, era duzentos reais, e era ele que iria engolir meu xixi. (DANNY RIOS).

Continuando nossas referências sobre a prostituição, é interessante ressaltar que a prostituição, para algumas pessoas, é predestinada, que certas mulheres têm que a seguir. Há aqueles que ainda se certificam de que a prostituição é uma doença, uma distorção do psíquico, um vício. Adler *apud* Sousa (2000, p. 13) argumenta, porém:

A prostituição não é, pois um destino, ao contrário do que e pensam alguns romancistas. Tampouco constitui uma tara hereditária, como afirmam os criminologistas. Aparece menos ainda como um vício, uma doença mortal, conforme gostaria de se fazer crer um bom número de moralistas. Mas, no fundo o que é prostituição? A questão é tão espinhosa que as tentativas para defini-la serão múltiplas e, algumas vezes, contraditórias.

Que as explicações sobre a prostituição são diversas, disso não temos dúvidas, porém uma de nossas entrevistadas justificou a prostituição como um vício. Ela relata:

A prostituição é um círculo vicioso. Por mais que a garota de programa enfrente esse preconceito perante a sociedade, a prostituta enfrenta tais princípios e continua nessa vida, se desestimula, mas minutos depois já está ali pronta para mais uma noite de trabalho. Parei algumas vezes por causa de vários motivos, um deles foi porque conheci um homem que me dava tudo do bom e melhor, mas em troca pediu para eu deixar essa vida. Mas, quando terminamos, eu retornei a prostituição por opção, até porque o

que eu ganhava por mês era mais do que se eu tivesse outro emprego. (Relato de uma profissional do sexo).

A prostituição constitui diversas facetas, ou seja, existem vários motivos que provocam a entrada das mulheres nessa profissão. Assim pode-se observar um dos motivos mais frequentes em uma das falas de nossa informante:

Entrei nessa vida por causa da falta de estrutura na minha casa. Não tive ninguém para me apoiar, pagar meus estudos, e como sou bonita, meus familiares ficavam me colocando para cima de todos os homens que possuía um dinheirinho a mais. Mas, agora as coisas pioraram, pois antes só ficava com homem bem aparentado, e agora vou pra cama com um feio e fedorento, porque não boto banca pra cliente, porém dependendo da força de vontade que tenho que fazer para dar prazer a ele, é igualmente ao valor por mim pedido (CIBELE).

A prostituição configurou-se espaço visível, espetaculizado e quantificável, à medida que se tornava uma profissão reconhecida com a expansão do mercado capitalista, permitindo então que chefes de polícias, médicos, higienistas e juristas constituíssem um universo empírico para suas observações, classificações e análises. (RAGO 1991). A autora não avalia somente o item quantitativo da prostituição, mas envolve, também, outros conflitos que nos ajudam a pensar a vida fácil de forma mais baseada na experiência.

Rago (1991), na primeira edição da obra intitulada: *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*, traz um diagnóstico de como se estruturava o perfil da profissional do sexo durante o período de 1890 e 1930. Rago traz ao debate a prostituição como espetáculo; visibilidade feminina; a violência policial; as normas de vigilância e o discurso na ordem médica vinculando a prostituição como doença. A autora retrata a prostituição em São Paulo, no momento em que a cidade deixava o jeito provinciano das fazendas para assumir ares de metrópole. É nessa época, de 1890 a 1930, que o centro de São Paulo dominava a geografia da prostituição feminina em cabarés. Por isso, ela discute a prostituição feminina, que era e ainda constitui maior índice.

Se o mundo da prostituição pode ser focalizado como de manifestação de desejo, onde o bordel configura como um condutor de intensidades, não se pode esquecer de que a violência é uma dimensão

constitutiva das relações sociais que aí se estabelecem: entre prostitutas e fregueses, entre cafetinas e meretrizes, e entre as próprias prostitutas; uma ambígua rede de solidariedades e pequenas rivalidades, competições e manifestações de amizades, marca assim a subcultura da prostituição.

Justamente, em muitos relatos proporcionados pelas profissionais do sexo, não somente naquela época, mas também, se verificam as questões de ambiguidades presentes nos prostíbulos. Na relação das prostitutas com seus clientes, percebe-se que existem vários tipos de comportamentos exercidos por ambos. Em muitas dessas condutas observadas em nossa pesquisa, o prostíbulo *Gata Garota*, verificamos que as profissionais do sexo são consideradas “mulheres sem escrúpulos”, e alguns desses clientes, por pagarem, têm a ideia fixa de ter o direito de realizar todos os desejos e que essas garotas de programa têm que cumpri-los. Algumas dessas prostitutas não hesitam e proporcionam as mais diferentes vontades, ao passo que outras logo impõem limites diante de algumas situações, de acordo com Priscila:

Uma vez o cliente pediu para eu me vestir de homem e deixar ele colocar o pau dele no meu cu. Eu achei muito estranho, e neguei, porque por dinheiro nenhum eu faço sexo anal, dói muito e eles não têm cuidado. Têm cada pênis enorme! Ainda mais vestida de homem. Quando eu não quero fazer uma coisa, não faço (PRISCILA).

Dependendo, porém, da quantidade de dinheiro a ser disponibilizada, há grandes chances de realizar os desejos mais obscuros:

Olha, eu não boto banca não, porque se o cliente está aqui é porque muitos não realizam ou não têm coragem suficientes para realizar tais desejos. Apenas, dependendo de cada caso cobro mais, porque além de ter que se submeter a essa situação, tenho que fingir um orgasmo e que to gostando da brincadeira. (Relato de uma prostituta).

Esse depoimento trouxe um ponto bastante interessante, as “máscaras utilizadas pelas prostitutas”. Muitas vezes, elas têm que fingir que realmente estão excitadas, porém, uma vez observando uma situação, pudemos perceber que, enquanto um cliente alisava e pegava nas partes íntimas de uma das garotas de programa, essa mostrava certo repúdio, um nojo daquela mão passeando em seu corpo. Notava-se esse fato no momento em que ele estava com a cabeça baixa e com o olhar concentrado no corpo da dançarina profissional do sexo, porém, ao levantar a cabeça, a prostituta ligeiramente gemia, fazendo “caras e bocas” de satisfação e excitação.

Outro ponto relacionado à violência entre cliente e prostituta foi revelado em depoimento de uma das informantes:

Outra vez em uma determinada boate o dono da casa me obrigou a sair com o cliente que eu não queria e essa casa segurava o dinheiro da gente pra entregar só no fim da semana. Ai dono da casa disse se você não for com o cliente você vai perder dois programas eu tinha dinheiro na casa, ai eu ,droga vou ter que ir ai foi assim nojo, porque o homem era asqueroso, horroroso e ainda era bruto do meio pro fim eu desisti, ai eu ah eu prefiro perder os dois programas nada justifica mas não fico com esse cara mais não, esse cara começou a me segurar em cima da cama ai depois ele puxou um casaco e no casaco tinha uma arma ai eu disse pode guardar isso que faço o que você quiser, quando ele se distraiu eu joguei ele em cima da cama e sai correndo nua no meio da rua. (DANNY RIOS).

Não tivemos a oportunidade de conhecer o dono do estabelecimento *Gata Garota*, fator esse diferente do citado por Alves (2012), cujo prostíbulo que ele pesquisava, *Geni Drinks*, levava o nome da própria proprietária do cabaré, estava presente no desenrolar da noite e era conhecida por muitas pessoas naquele território. Ela mesma, ao observar a movimentação dos clientes, se visse algo diferente em seu ambiente, adotava as providências:

Oh, vocês podem ficar aqui a vontade. Se não quiserem fazer programa não tem problema. Só que vocês usarem meu banheiro como quarto, pra ficar batendo punheta, eu vou cobrar o valor de um quarto de cada um de vocês. Porque toda vez é eu que tenho que limpar as porras que vocês deixam no chão (GENI *apud* ALVES, 2012 P.114).

Nota-se nesse depoimento que ela não só observa a movimentação dos clientes, mas também cumpri a tarefas variadas dentro dos prostíbulos, dentre outras, até a limpar banheiros.

Outro fator que Rago (1991) coloca em evidência é a questão do relacionamento entre as prostitutas, seja de manifestações de amizades e propriamente da concorrência, presentes nas noites nos prostíbulos. Com relação a essa interação das garotas de programas, uma das informantes do cabaré *Gata Garota* revela:

Aqui as amizades praticamente são poucas. Porque vira e mexe é umas querendo se dar melhor que as outras. Até as fantasias confeccionadas por nós tem que ser um segredo, e as coreografias, a música, tem que ser escondidas senão vem uma e copia. Certa vez uma menina tava fazendo um Strep, enquanto isso, a outra que estava sentada na mesa, estava só detonando a garota. E o pior, até os namorados uma das outras se não tiverem cuidado, sempre aparece uma pra roubar. É difícil fingir de amiga para poder ter uma boa convivência. (Relato de uma profissional do sexo).



Da mesma forma, no entanto, sendo verdadeiros ou não os laços de amizades, existe alguma garota de programa que se refere a outras de forma diferente. É o que está presente em um dos depoimentos de uma entrevistada:

Encontrei foi uma irmã aqui dentro do Cabaré. Ela me dá dicas de como se comportar com os clientes, de como devo agir com as falsas amizades. Até clientes, quando ela não quer, ela deixa eu ficar e ganhar mais um dinheirinho. Aliás, ela já me ajudou quando eu estava precisando, me trazendo para o prostíbulo e até ao me apresentar ao dono do prostíbulo. (Relato de uma prostituta).

Nesta entrevista, pode-se perceber que são vários os comportamentos dentro dos prostíbulos; e mais intensas são as informações acerca da chamada “vida fácil”, pois na verdade, ser prostituta não é um papel simples. Segundo uma das informantes,

O mundo da prostituição é assim, as boates elas têm varias portas têm caso de meninas que arrumam cliente que se torna o marido dela e essa relação dá certo e ela nunca mais pisa lá, tem meninas que até mesmo por problemas psicológicos acabam se viciando em algum tipo de droga ela perde o controle então tudo isso depende muito, são várias pessoas, com vários tipos de comportamento, pensamento, maneira de ser, eu mesmo tive na minha depressão o uso de drogas. (DANNY RIOS).

O prostíbulo desencadeia em apenas uma noite milhões de possibilidades, seja um simples programa com o qual a prostituta irá ganhar o seu dinheiro, até uma paixão pelo freguês que resultará em algo mais sério, quebrando o muro da banalidade. Quando o assunto, no entanto, é paixão, é complicado para as profissionais do sexo relatarem experiências de amores presentes em sua vida. Revela uma de nossas entrevistadas:

A garota de programa passa a vida toda tendo que saber separar o amor do prazer, sair com um cliente e agir no automático, ter sempre a racionalidade em primeiro lugar para entender que é só uma transa. É muito complicado até mesmo para os possíveis pretendentes assumirem uma relação estável com uma de nós. Viramos a máquinas, carne, e o amor, bem esse é um pouco distante da nossa realidade. Acontece, mas quando acontece não dura muito tempo. (Relato de uma profissional do sexo).

O discurso referente à dificuldade que as profissionais do sexo experimentam se envolver sentimentalmente com alguém, está presente na maioria das entrevistas por nós realizadas, no entanto, há sempre aquele depoimento que faz com que a situação deixe de ser regra para se tornar exceção, como está presente em uma das falas:

Eu nunca fui muito de festas e passeios, sou tímida, mas quando fui trabalhar como garota de programa aprendi muitos truques de sedução, aprendi a manipular os meus próprios sentimentos, e confesso que tive vários homens que muitas mulheres ditas “normais”, ou melhor, que não são prostitutas queriam. E namorar sério nunca foi meu problema, conheci uma pessoa muito especial e ele é louco por mim. Ele aceitou eu continuar nessa vida, ele só pode estar muito apaixonado. (Relato de uma garota de programa).

Pode-se verificar que tais entrevistas são essenciais para desmitificar os comportamentos revelados pelas profissionais do sexo.

É importante salientar que o conceito de prostituição foi baseado nas elaborações do senso comum. Essas formulações batizam um conjunto de condutas nomeadas, decifradas como prostituintes. São muitos os conceitos de prostituição. Algumas pessoas visualizam como uma simples necessidade de sobrevivência. Conta-se que muitas mulheres veem a prostituição como um modo de vida, um ofício. Outras a enxergam como um subemprego. Esse é característico das pessoas que não possuem recursos financeiros ou formação técnico-profissional para se situar no mercado de trabalho.

O relacionamento com o cliente, entretanto, ou seja, no momento em que se está realizando a prática sexual com o cliente, a prostituta age, conforme cita Sousa (2000, p. 32):

Na situação de trabalho, o relacionamento da prostituta com o cliente desenvolve-se no processo de mascaramento da conquista e do ato sexual em si, no sentido que o “momento de amor”, não é realizado de forma descontraída, via de regra não envolvendo prazer, mas sim um fingimento bem articulado na tentativa em iludir e agradar o freguês. O processo de mascaramento na relação sexual implica realmente numa modificação no comportamento da prostituta para que o “michê” seja bem-sucedido e o cliente saia satisfeito, pois a “máscara” representa a própria sensualidade e a ilusão do desejo.

Assim, o universo da prostituição retratará uma variedade de facetas. Segundo Vasconcelos e Santos (2011, p. 25),

O universo da prostituição não abriga apenas o prazer, nas declarações de algumas garotas de programa observa-se a dura realidade da vida delas. São inúmeros os meios para contratar uma prostituta, e a cada encontro nenhuma delas sabem ao certo o que acontecerá.

Essa passagem refere-se aos perigos que as prostitutas enfrentam em sua profissão. Quando o assunto é referente à prostituição localizada dentro do cabaré, há certa segurança, visto que em muito desses ambientes os

quartos já estão presentes, com o intuito de a garota de programa não ter que sair com um desconhecido para fora do seu ambiente de trabalho. Quando, no entanto, se trata da prostituição de rua, ou até mesmo de escolhas das profissionais do sexo pelos *sites*, existe um perigo bem maior, pois essas meninas irão sair da sua “zona de conforto”, para adentrar um motel, sem, muitas vezes, ter visto sequer o rosto do cliente. Uma das informantes revela o que aconteceu em uma de suas experiências como prostituta de rua, porém atualmente ela prefere trabalhar dentro do prostíbulo:

Quando comecei a fazer programas, fiz por conta própria, fui para uma esquina onde tinha outras meninas e fiquei lá pra ver o que ia dar. Minutos depois, um carro parou e um rapaz muito arrumado acenou pra mim. As outras ficaram me olhando com aquela cara de inveja. Entrei no carro e fui para um motel. Chegando lá, ele pediu pra bater no meu bumbum, mas eu pensei que fossem batidinhas de leve, mas não, ele bateu tanto que eu fiquei com o bumbum roxo. Tentei várias vezes sair, mas ele disse que se eu saísse sem ele gozar, não iria pagar meu programa. Pense na humilhação! (Relato de uma garota de programa).

E assim a profissional do sexo encerrou mais um dia de programa. No outro dia, não se sabe quem nem como serão os próximos clientes, muito menos seus atos.

Então, nota-se que, para atrair a atenção do cliente e se destacar entre as outras prostitutas que ali se encontram, há um cuidado com o corpo, fazendo com que esses esmeros também estimulem a autoestima das prostitutas, como, por exemplo, a citação há pouco revelada: “Ele parou e acenou pra mim”, porém Rago (2008) retrata em sua obra *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*:

A vaidade era um sentimento condenável na mulher, na lógica das feministas, para quem a preocupação com o corpo e com a imagem era sinônima de esvaziamento espiritual. Portanto, havia sempre por trás dessas recomendações moralistas o espectro da prostituta: embora nem seja citada, paira constantemente a ameaça sobre a mulher de ser confundida com a “decaída”, se usar uma roupa muito decotada, uma saia muito curta, se exhibir muitas jóias ou se pintar-se exageradamente. Dificilmente, então, uma mulher deixaria de investir parte significativa de seu tempo cuidando da aparência, ao menos nas camadas média e alta. Seja para parecer recatada e exalar um perfume suave, seja para chamar a atenção e seduzir pela beleza marcante, seja simplesmente para ficar bonita. (RAGO, 2008, P.77).

Rago (2008) ressalta que não era, pois, a preocupação com a autoimagem, com a sedução do corpo, com a exposição das roupas elegantes o que tornava uma mulher “fútil” nesse imaginário, mas a forma de se vestir, perfumes e adereços que usava, as atitudes que adotava, os lugares que frequentava, as companhias que a cercavam. Por isso, as profissionais do sexo revelam partes de seus corpos na pretensão de atrair o maior número de clientes possíveis, pois, para a garota de programa, tempo é dinheiro, quantidade é melhor do que propriamente a qualidade dos clientes.

Rago (2008) conta que, no momento em que a urbanização e o desenvolvimento socioeconômico da cidade de São Paulo (1890-1930) misturavam as tradicionais demarcações entre as atividades masculinas e femininas e a entrada em cena das mulheres de várias classes sociais nas fábricas, escritórios, escolas, comércio ou nos serviços de infraestrutura urbana, o esboço da prostituta emergia como um poderoso fantasma na imaginação social. Contra ela, erguem-se vozes competentes dos homens sábios, advertindo contra os perigos de contaminação física e também moral que representavam para o equilíbrio da sociedade; das feministas, preocupadas em conquistar o direito de entrada na esfera pública, sem a identificação com a licenciosidade das “mulheres alegres”; das famílias “respeitáveis”, reivindicando maior controle e censura da moralidade pública.

Na passagem do século, contudo, a prostituta ainda era pouco mencionada explicitamente, a não ser pelos setores mais especializados nas discussões dos problemas sociais, como médicos, juristas, chefes de polícia, jornalistas, políticos e alguns literatos. No discurso das mulheres de elite, nas leituras direcionadas às moças, nas revistas femininas, a prostituição não descobria espaço, assim como os assuntos que remetiam ao desejo e à sexualidade. Mesmo assim, a “mulher pública” era uma figura presente, porém menos como ente empírico, dotado de carne e osso, do que uma identidade a ser elaborada no plano dos enunciados. Era, portanto, como fantasma que ela apareceria, como virtualidade a arrebentar das profundezas do desconhecido corpo feminino, como possibilidade- perigo que poderia morar na sexualidade de todas as mulheres.

Rago (2008, p.43) descreve como era caracterizada a “mulher pública”:

A mulher pública era visualizada como a que vendia o corpo como mercadoria: vendedora e mercadoria simultaneamente. E também a mulher que era capaz de sentir prazer, mesmo sem amar, ou sem ser amada. Ela simbolizava, assim, a fragmentação do sujeito moderno e a separação radical entre o erótico e o amor.

A questão referente ao sentir prazer, mesmo sem amar ou ser amada, pode ser observada na fala de uma de nossas informantes, porém o fingimento do prazer é o que mais está presente no cotidiano de uma garota de programa. Segundo uma delas,

Eu já senti prazer de verdade com um cliente. Ele era gostoso, bonito e experiente, muito experiente. Não me apaixonei não. Porém, não é muito comum isso se repetir, pois a garota de programa já age no automático e sabe que é só foder e pronto, que venham outros. Mas, geralmente fingimos sentir prazer, e muito dificilmente quando gostamos e até nos apaixonamos não é um bom negócio, porque uma vez me apaixonei e dei sem cobrar nada (Relato de uma profissional do sexo).

Nas revelações citadas, verifica-se que algumas profissionais do sexo se comportam como atrizes, que fingem estar gostando da atividade sexual, no intuito de satisfazer aos clientes naquele instante para que esse possa voltar ao estabelecimento e à procura dessas mulheres.

Na época citada em Rago (2008), mais precisamente, de 1890 a 1930, retratava que a moral muito rígida da época, que fazia do sexo pecado e doença ao mesmo tempo, inibia a ação e a própria fala de muitos homens.

Foucault (1985) relata em seu livro *História da Sexualidade 1: A vontade de saber*, uma razão que torna para nós é tão gratificante formular, em termos de repressão, as relações do sexo e do poder:

[...] é o que poderia chamar o benefício do locutor. Se o sexo é reprimido, isto é, fadado a proibição. À inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. (FOUCAULT, 1985, p.12).

Quem emprega a linguagem ora referida se expressa, até certo ponto, foro do alcance do poder, desordena a lei, antecipa, por menos que seja, a liberdade futura. Então, encontramos essa espécie de solenidade com que se fala, hoje em dia, do sexo. É interessante porque os primeiros demógrafos e os psiquiatras do século XIX, quando tinham que retratar os assuntos acerca do sexo, acreditavam que deviam pedir desculpas pelo fato de

reterem a atenção de seus leitores em assuntos considerados tão baixos e fúteis.

Foucault (1985) interroga uma sociedade que fala prolixamente do próprio silêncio e promete liberar-se das leis que a fazem liberar. O autor pretende determinar o regime de saber-poder-prazer, que ampara entre nós o discurso da sexualidade humana. Para Foucault, todos os elementos negativos da defesa do sexo (proibições, censuras), no entanto, são somente algumas peças entre outras que têm uma função local e estratégica em um emprego discursivo, numa técnica de poder.

Ainda hoje se mantém uma concepção de poder ligada ao direito, à lei e à soberania. O autor critica a concepção de que o poder somente coloca ao sexo regras de interdições e censuras, acreditando na existência de uma verdadeira tecnologia do sexo, complexa e positiva. Para Foucault, o poder dissimula uma parte importante de si mesmo, seu poder produtivo, para ser tolerado, aceito.

Foucault (1985) revela que os discursos sobre o sexo são diversos, travados, sutilmente hierarquizados e estreitamente articulados em torno de um feixe de relações de poder; no entanto, existe um discurso que, a partir do século XVIII, acendem discursos acerca do sexo, particularmente para intensificar a consciência de um perigo incessante. O sexo é exposto como um segredo que julga ser indispensável desencavar, dessa forma, sendo necessário sempre recomeçar a falar desse assunto, tornando-se características de uma sociedade moderna, cabendo falar sempre dele, sexo.

A se referir a sexo na prostituição, porém, vê-se que ainda constitui um assunto complexo, pois o conceito de prostituição ainda é estabelecido de acordo com o lugar e a cultura de um determinado país.

A prostituição é marcada por certo machismo, pois o homem no espaço público foi sempre percebido positivamente, por via da imagem do trabalhador e do político, segundo o ideário liberal. A mulher fora do lar, sobretudo se desacompanhada, precisou prestar muita atenção aos gestos, aparências, roupas, para não ser confundida com a figura dissoluta, excêntrica, da prostituta, denominada de “mulher pública”, fator esse que preocupava a sociedade, visto que existia o cuidado para essas características serem

distintas entre a mulher dona do lar e a prostituta. Segundo uma de nossas entrevistadas,

Existem alguns homens que têm a preocupação para que a mulher deles não seja sensual, abusadas e até não admitem certos tipos de posições na cama. Está mudando esse conceito, mas um dia desses um cliente me disse que tinha vindo até aqui para fazer sexo anal, porque é coisa de puta e a mulher dele não podia fazer. Mas, também ressaltou da sensação de liberdade no sexo que tem com agente prostituta, outra agente se cuida, estamos sempre provocativas, temos que estar, até quando não estamos a fim de vestir qualquer coisa e não está naquele ambiente. (Revelações de uma profissional do sexo).

A profissional do sexo tem que ter a preocupação extrema com o corpo, visto que esse é o seu objeto de trabalho. Os gestos são realizados a fim de conseguir realizar mais um programa. Muitas vezes os clientes vão à procura delas, mas, quando isso não ocorre, são traçadas estratégias pelas prostitutas, como um jogo de olhar, sedução, para então elas ou os clientes irem à busca do prazer para os clientes, e talvez um deleite para a própria garota de programa.

O prostíbulo tornou-se ambiente propício às conquistas e jogos de sedução, com o intuito de proporcionar prazer aos clientes e até possivelmente despertar a paixão da prostituta por algum freguês, fato esse contido em uma das falas de nossas entrevistadas:

Conheci meu namorado aqui no Cabaré. Ele só queria fazer programa comigo, eu tirei a virgindade dele na época, hoje moramos juntos. Como não saiu muito, não arranjava namorados lá fora, só fui arrumar aqui dentro do cabaré. Já faz sete anos que estamos juntos. É muito tempo, principalmente por se tratar de uma garota de programa. (VANESSA).

O cabaré proporciona todos esses encontros e desencontros. Sobre o discurso dos bordéis, Oswaldo de Andrade apud Rago (2008, p.45) exprime:

O bordel passou a ser um ideal para a mocidade do meu tempo. Das pensões, escapando à tirania das caftinas, saíram inúmeras senhoras da nossa alta sociedade, pois as profissionais do amor sabiam prender muito mais os homens do que as sisudas sinhas da reza e da tradição. Casadas, as mulheres transbordavam de gordura em largas matinês, o que fazia os maridos, saudosos de carne muscular e limpa voltarem aos bordéis.

De acordo com Rago (2008) a prostituta representava um mundo, como ressaltou Baudelaire, onde tudo se transformava em mercadoria, o que levava o poeta a identificar-se com aquela que vendia o corpo no mercado.

Concomitantemente, vendedora e mercadoria, ela simbolizava aquilo que se via como degradação: uma sociedade onde as interações sociais são medidas pelo equivalente geral, o dinheiro. Não foi pacífica a relação da sociedade com a profissionalização dos ofícios e com a instituição de relações assalariadas de trabalho. Em específico, foi muito complexa sua relação com a separação entre o amor puro e o prazer sexual, principalmente para as mulheres. A atração pela prostituta, imagem da Modernidade, significava a total empatia do homem com o universo alucinante das mercadorias. Rago (2008, p. 46) estabelece relações entre o a prostituta e o cliente:

Vendendo partes de seu corpo, a relação que se estabelece entre prostituta e freguês não configuram uma relação entre indivíduos, mas entre objetos parciais, o que é absolutamente degradante para uma sociedade que aposta em construir uma forma de subjetividade a partir de um corpo pessoal.

Então, percebe-se a desvalorização, como mulher, da figura da prostituta, designando-a como um produto comercial, não levando em conta, o seu lado humano, com suas fragilidades, medos, enfim, sentimentos. Segundo uma de nossas informantes,

A sociedade julga muito as garotas de programas. Pensam que a gente não vale nada que não temos sentimentos e medos, só porque sabemos fingir e esconder o que está dentro de nós. Toda prostituta é carente, mas não daquela atenção momentânea, por que isso, temos demais, estou falando daquela de ter alguém pra cuidar da gente, pra gostar de verdade, pra querer mais do que nossos corpos. (Revelações de uma profissional do sexo).

Podemos notar nas visitas realizadas o comportamento dessas prostitutas, algumas possuíam o medo estampado no olhar. Parecia aquele receio de que desse tudo errado em um determinado programa, ou que ninguém a procurasse para pagar por seus serviços, mas também o cuidado de não se apaixonar por possíveis carinhos cedidos em um momento de prazer.

A repulsão da sociedade, no entanto, também pode estar articulada ao ser desejante que despertava as pessoas, como uma espécie de ameaça para as vidas conjugais. Rago (2008, p. 49) assinala:

Justamente com a presença das prostitutas francesas, instituíam-se sua imagem de mulher mais sedutora e poderosa, ameaçadora para a estabilidade das famílias e para a preservação dos bons costumes sociais. Evidentemente, assim aparecerão nos tratados médicos, nas notícias dos jornais e nos romances publicados no período: sempre compondo o perfil femme fatale, com sua força vulcânica ameaçando



destruir os elos racionais de civilidade, nocivamente inquietando a pacata vida cotidiana da cidade, como invocam os contemporâneos.

Esse fator circulou não somente naquela cultura ou época, mas também na cultura brasileira da contemporaneidade, de acordo com uma garota de programa:

Uma vez aconteceu uma coisa horrível dentro do cabaré. É no Gata Garota. Não sei como, mas uma mulher foi buscar o marido dela lá dentro, e ele tinha pagado um streap. A dançarina profissional do sexo já estava nua e sentada no colo dele. Pense num barraco, a mulher dele xingou todas nós de vagabundas, bateu, chorou e colocou o marido pra casa. Ah, ainda disse que nós prostitutas somos destruidoras de lares (CÍNTIA).

Então, é possível imaginar as várias situações ocorrentes nos prostíbulos.

E as profissionais do sexo são rotuladas por não repassarem a ideia de poder ser o que a “mulher de família” representa, características essas afirmadas por Rago (2008, p. 90):

Chama a preocupação tão grande em mostrar à mulher que dela dependeria o futuro de sua família, a sorte de seu casamento, a felicidade dos filhos e que era ela que deveria se esforçar para conquistar o marido, arrumar a casa, conversar nos momentos certos pra ele, evidentemente.

Esse papel, a maioria das pessoas entende que as prostitutas não podem exercer o que reflete nas próprias opiniões das profissionais do sexo. De acordo com um depoimento,

A maioria dos homens, se não todos, não estão dispostos a assumir uma garota de programa, muito menos em essa mulher ser a mãe de seus filhos. Toda vez que eu saía com minhas amigas e conhecia algum rapaz, ele me perguntava onde eu trabalhava, o que fazia da vida, eu respondia que sou garota de programa, algum problema pra você? Imediatamente, ele foi tentar conversar com outra amiga minha (Revelações de uma prostituta).

Como as opiniões são divergentes, no entanto, ainda presenciamos relatos de profissionais do sexo que conseguem desempenhar esse papel de dona do lar e ganhar um pouco de respeito dos seus companheiros ou companheiras:

Meu esposo disse que eu era até mais mulher do que a ex dele, que era tida como a “santa” da família. Eu era mais cuidadosa, carinhosa, e que mesmo sendo garota de programa tinha caráter. Escutar isso faz muito bem, diante do que vivi antes de conhecê-lo (VANESSA).

É interessante revelar que segundo Rago (2008), a revista feminina se referia à prostituição apenas quando essa era uma ameaça à moral feminina. Em nenhum outro momento, ela é tematizada e claramente discutida. Rago (2008, p. 84) expõe:

A prostituição não se configurava ainda como um assunto feminino, embora na imprensa anarquista fosse um tema incorporado por militares de ambos os sexos. Basicamente eram os homens que, nesse momento histórico, debatiam o problema da prostituição e a condição da mulher pública.

Por intermédio da imprensa, portanto, a mulher raciocinava, tentando conceituar e constituir sua subjetividade: especificar suas preocupações, desejos e interesses, marcando sua diferença em relação ao homem.

A prostituição chegava a ser tão presente de 1890 a 1930, ao ponto de Rago (2008) exprimir que várias microinstituições nasceram para sustentar a prostituição: cafés-concerto, cabarés, pensões, espaços onde as “mulheres públicas” se exibiam, procuravam seus fregueses, articulavam-se com seus cafetões; sendo aos poucos, também, em função do próprio desenvolvimento urbano-industrial, essas casas se autonomizam de modo a constituir um mercado relativamente autônomo e paralelo, visto que, muitas vezes, um grupo de homens procurava o café-concerto apenas para presenciar o *show* de dança do ventre ou o “nu artístico” que lá se apresentava, e não necessariamente buscava a companhia de uma prostituta. Isso é exatamente o que acontece, muitas vezes, nos prostíbulos por nós pesquisados, mais precisamente o *Gata Garota*, local de maior número de vezes visitado. De acordo com outra revelação,

A maioria dos homens não fazem programa, vem somente pra curtir o ambiente descontraído do cabaré, ou ver agente nua, quando algum freguês paga um streap. Ficam só olhando, vibrando ao ver ser retirada cada peça de nossas fantasias. Outros veem somente pra conversar, dizem que dialogar com a mulher em casa é sempre muito chato. (Relato de uma profissional do sexo).

Observando os locais por nós adentrados, principalmente o *Gata Garota*, notamos que realmente a maioria dos homens se diverte sem precisar pagar por um programa. Cada um se distrai do seu jeito, uns somente bebendo e conversando com as garotas de programas, outros apenas degustando o que

está à venda no pequeno bar, e aqueles que pagam streap acariciam as partes do corpo das profissionais do sexo, sem ir para na prática sexual de penetração, mas não se pode desprezar aqueles que se utilizam do prazer da penetração para curtir os embalos da noite.

Rago (2008, p.107) ressalta os chamados vícios urbanos no período de 1890 a 1930:

Os sucessivos deslocamentos geográficos não significaram uma limitação das atividades na vida do submundo. Pelo contrário, proliferaram e diversificaram-se as formas de consumo do prazer, aumentando os lucros que aí se formava. Ágeis figuras femininas do mundo da prostituição procuravam suprir as demandas de uma nova clientela, formada por homens de diferentes setores da sociedade, que se encontravam na busca de uma forma erotizada e sedutora de uma expressão de desejo. Toda uma indústria e todo um comércio especializado se desenvolvem em torno da prostituição.

Se a prostituição configura problema social, pode ser um fato, porém, o que se enxerga, em suas maneiras, localizações e culturas, é que sempre irá ser um mercado de trabalho e evidência, pois continuamente existiram os clientes para mantê-la.

Em se tratando dos cuidados com o corpo, Rago (2008, p. 122) revela que,

Os cabarés eram tidos como os principais centros de comercialização e difusão das drogas. Aí Orlando Vairo calculava a existência de 80% de cocainófilos e 20% de viciados em morfina, trivalerina, ópio, haxixe, éter.

Rago (2008) a prostituição e o acesso ao uso das drogas, porém não somente naquela época o uso de drogas era circulado nos cabarés. Em algumas das entrevistas cedidas pelas profissionais do sexo, nota-se o envolvimento da maioria dessas mulheres com o uso de drogas:

Eu não usava drogas, fui fazer um programa e o cliente curtiu e fez eu provar também disse que ia me ajudar a relaxar, depois eu não continuei usando, mas toda vida que eu ia fazer programa com esse cliente ele me colocava para puxar um baseado. (Revelações de uma prostituta).

Registramos, porém, relatos de outras garotas de programa que utilizaram a droga por livre e espontânea vontade, e ficou tão viciada que teve de pedir ajuda aos Narcóticos Anônimos. Outra das entrevistadas disse:

Eu uso drogas quase todos os dias, mas não sou viciada porque eu não fumo nos finais de semana, só durante a semana, até para conseguir suportar mais um dia de trabalho. O dinheiro que ganho sustento parte desse o meu uso. (Relato de uma profissional do sexo)

Rago (2008) ressalta que a prostituição, estimulada pelo mercado de consumo em expansão e transformada ela mesma numa indústria, é altamente lucrativa. Correspondia à figura da prostituta “francesa”, grande medo e fascinação no imaginário social. Isto não se afasta das prostitutas citadas no estudo em questão, ou seja, a profissional do sexo é uma mulher experiente e misteriosa, diante da qual, mesmo homens mais abastados e vividos, se tornam provincianos. Existindo aqueles que não só se entregam carnalmente, mas também sentimentalmente aos encantos dessas garotas de programa. Daí surgem os amores venais.

Podemos observar na exposição deste capítulo que o mundo da prostituição é cercado por diversas situações. O prostíbulo passa a ser dinâmico e repleto de experiências de vida por todos os que os frequentam. O cabaré passa a ser um lugar de espetáculos, no qual são desencadeadas diversas práticas educativas, desde a exposição das danças, o Pole Dance, até os cuidados com o corpo e prevenções contraceptivas, que, nos relatos, são aprendidos e exercitados no ambiente de trabalho e que podem ser refletidas em sua vida privada.

#### 4 NOITES DE CABARÉS: EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS NOS PROSTÍBULOS DO CENTRO DA CIDADE DE FORTALEZA

Sem dúvidas, ser pesquisador em um ambiente como o prostíbulo é algo desafiador. Tentar, no entanto, ensejar voz, aos chamados grupos dos excluídos, recompensa todos os medos desabrochados durante a pesquisa de campo, e superação de alguns preconceitos por ser leiga no assunto e não entender como realmente funcionam as questões referentes a esse misterioso “mundo da prostituição”.

Para este estudo, fez-se necessário escolher, por critério próprio, além dos prostíbulos *Majestick*, *prostíbulo 80*, *90* e *Espaço*, mais com uma ênfase, no prostíbulo *Gata Garota*, pois nesse local havia algumas prostitutas com as quais já tínhamos certa aproximação pelo fato de já havermos feito uma pesquisa em um outro momento da nossa vida acadêmica. Como justificativa para a escolha desses outros cabarés citados, revelamos o fato das profissionais do sexo aqui presentes, circular nesses territórios. A citada pesquisa, despertou-nos a curiosidade de pesquisar a educação sexual desenvolvida por tais profissionais do sexo, tornando o objetivo geral desse estudo descobrir como os saberes e experiências relacionados à educação sexual, adquiridos e utilizados na atividade profissional das prostitutas, interferem na vida privada dessas mulheres; entender se esses saberes relacionados às práticas sexuais e cuidados com o corpo são utilizados com seus companheiros e companheiras, quando a atividade sexual passa a envolver afetos e sentimentos na vida da prostituta fora do ambiente de trabalho.

É necessária uma breve explicação sobre o que chamamos de público e privado no estudo. Retrataremos alguns autores para tais esclarecimentos. Definimos como público nada mais do que a vida profissional da profissional do sexo. Quando utilizamos o termo privado referimos à vida particular dessas prostitutas. Segundo as ideias expostas por Arendt (1983, p. 62),

O termo público significa o próprio mundo, à medida que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro deles. Este mundo, contudo, não é idêntico à terra ou a natureza como espaço

limitado para o movimento dos homens e condição geral da vida orgânica.

Ou seja, é tudo aquilo que pode ser visto e ouvido por todos. Ao se tratar da esfera particular, Arendt (1983) revela que a vida privada é aquela carente da realidade de ouvir e ser ouvido, de ver e ser visto. O espaço privado é o esconderijo, onde somos membros vinculados, visto que em casa somos singulares, insubstituíveis. Outro autor relembra “Tudo em casa é belo, bom descente”. (DAMATTA 2001).

Acerca dessas distinções entre o profissional e o particular dessas profissionais do sexo, é que aconteceu o desenrolar de várias histórias de vidas, essas transitadas entre a memória e o esquecimento. Segundo os pensamentos explícitos por Le Goff (1996, p. 423), a memória,

É a capacidade de um conjunto de funções psíquicas que possibilitam conservar certas informações, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passada.

A memória relaciona-se com a dimensão do tempo passado. Como se constitui em seleções de informações pode-se afirmar que não existe memória sem o esquecimento, porém, é importante ressaltar que, no que diz respeito ao esquecimento, pode ser uma opção de restringir ao essencial certos fatos ou informações a respeito deles, mas também pode ser o resultado de uma ação deliberada de ocultamento. Ou seja, há pessoas que se aproveitam das características do esquecimento para não revelarem algo que não estão dispostos a relatar.

Begson (1990) afirma que a memória representa, no entanto, construções realizadas no presente com base em experiências ou vivências ocorridas no passado. Conforme o autor citado estrutura uma concepção sobre a memória e sua função na relação do corpo com a realidade exterior, ou seja, as imagens, em que inicia uma reflexão estruturada sobre a memória, atribuindo que,

A memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente, condensa também, numa intuição única, momentos múltiplos da duração, e assim, por sua dupla operação, faz com que de fato percebemos a matéria em nós, enquanto de direito a percebemos nela (BERGSON, 1990, p.55).

Sendo assim, Bergson (1990) esclarece que a memória tem como papel chamar todas as percepções passadas análogas a uma percepção presente. Então, o autor, em seus outros trabalhos, define a memória como um fenômeno que responde pela reelaboração do passado no presente, “ela prolonga o passado no presente”. Bergson, (1990, p.247).

Após a apresentação de tais atores a que expostos, é necessário nos remeter ao sujeito principal desta pesquisa, as profissionais do sexo. É indispensável salientar que, ao nos referir à prostituição, convém não pluralizá-la, pois está sujeita a generalizações apressadas, o que pode ser prejudicial a uma pesquisa. Por isso, neste estudo, optaram pelo uso do singular, no instante a que nos referimos ao termo, não esquecendo de que existem vários tipos de prostituição. Falando de outra maneira, existem diversos espaços de prostituição, como a rua, zona de baixo meretrício, zonas elitizadas, casas que só aceitam garotas universitárias, estabelecimentos que exigem das mulheres que ali trabalham o processo cirúrgico como lipoaspiração, ou inserção de silicone lógico, se assim as meninas necessitarem. Por isso, nossa visão não focaliza a prostituição de modo geral, mas sim uma específica: a vida daquelas garotas de programa no prostíbulo localizado no centro da cidade de Fortaleza, denominado *Gata Garota*. Portanto, todas as conclusões a serem ostentadas devem ser consideradas a princípio nesse ambiente, o que chamamos de público (vida profissional), para então adentrar a vida privada dessas garotas (vida íntima).



**Figura 11: Fachada do *Gata Garota* no Centro de Fortaleza.**

Fonte: José Gerardo Vasconcelos.

O centro da cidade de Fortaleza é marcado por uma intensa movimentação do setor comerciário. Pessoas de muitas diversidades são responsáveis pelo fluxo humano nesse território. Trabalhadores e consumidores fazem parte dessa massa de população. Não é do centro especificamente que quero me referir, mas sim de um prostíbulo localizado nesse território, o conhecido por muitos *Gata Garota*. Referimos ao centro da Cidade não só por causa da localização desse prostíbulo, mas também pela maioria dos clientes desse cabaré ser pessoas que realizam suas jornadas no centro da cidade de Fortaleza. É importante salientar, no entanto, que a outra parcela de frequentadores do ambiente *Gata Garota* vem dos mais diferentes lugares.

Pois bem, quando visitamos o citado cabaré, saímos por volta de umas 8h 30min, pois é quando se pode notar um maior fluxo de pessoas, porém escolhemos um dia da semana nem tão movimentado, para podermos em algumas entrevistas, conversar com as profissionais de sexo disponíveis naquele momento, uma terça ou quarta feira. Nas proximidades do referido prostíbulo, encontra-se um ponto de ônibus, sempre lotado. Do lado, uma espécie de lanchonete, onde se percebe uma pequena aglomeração. Ao descer do carro para então entrar no tal ambiente, agora não, mas na primeira vez, “pense” num constrangimento e na grande quantidade de curiosos olhando para nós! Nesse momento, nos perguntamos: será que eles pensam que também somos garotas de programa? Ou então se somos uma cliente? A certeza que temos, no entanto, é de que eles nem imaginam que somos apenas pesquisadores. Adentramos, porém, pela primeira vez, os clientes e profissionais do sexo também nos encaram como “carne nova no pedaço”. De acordo com Sousa (2000, p. 20-21),

Carne nova no pedaço é uma expressão que define a chegada de prostitutas novas as casas. A referência a carne nova no pedaço têm implicações não só de ordem semântica, mas também perpassa o discurso da cultura da prostituição, que é da cultura machista e patriarcal, sobre um lugar reservado aos homens e às prostitutas, repetindo a dominação masculina.

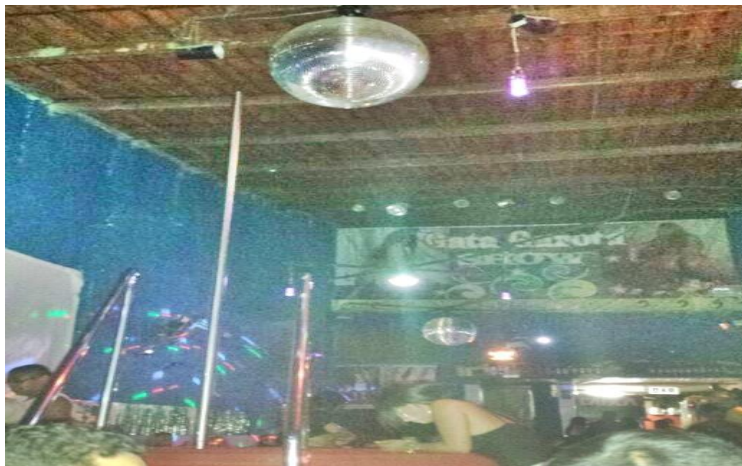
Nessa passagem, pode-se também observar que parte da sociedade tem certo preconceito, ao ver mulheres dentro de prostíbulos no papel apenas de clientes ou visitantes. Não é à toa que, quando visitamos o cabaré em



questão, de mulher, só estivemos eu, outra amiga e a garçonete, que estão ali por um motivo que não seja para se prostituir. De forma geral, entretanto, ressaltamos a importância e o desafio propostos a cada pesquisador. Justamente o investigador é essência para que se possa ter conhecimento da realidade dos fatos. Isso possível pela sua observação e seus levantamentos de dados.

Todo pesquisador enfrenta desafios para poder estudar seu objeto de estudo. Para nós, por exemplo, ocorreu a dificuldade de adentrar aquele ambiente, talvez pelo fato de sermos mulher e termos de lidar com o machismo presente em nossa sociedade, mas também barreiras em invadir a privacidade das profissionais do sexo, demonstrando não ser uma concorrente, mas sim uma curiosa da história de vida dessas garotas. A função da pesquisa, pode-se dizer, é a interpretação daquilo em curso na sociedade, ou seja, o papel do pesquisador é maior do que o de um simples observador dos fenômenos, pois ele é o interprete dos fatos. Três elementos básicos são indispensáveis: olhar, ouvir e escrever, sendo que, por mais que se tenham respostas em comum, a forma de olhar, ouvir e escrever acontece de maneiras distintas de pesquisador para pesquisador, pois também dependerá da sensibilidade de cada pessoa no decurso de sua investigação. Outro fator essencial para uma pesquisa é ter o cuidado para não ter envolvimento sentimental com o objeto de estudo, ou seja, para um bom desenvolvimento da pesquisa, conta-se com a neutralidade do pesquisador.

Após todas essas indagações, já estamos na frente do prostíbulo *Gata Garota*. Na entrada, um segurança está a postos para uma de suas funções: verificar o documento que revele a maior idade da pessoa. Se for comprovada, há a liberação da entrada para estar naquele ambiente.



**Figura 12: Espaço interno do *Gata Garota* no Centro de Fortaleza.**  
 Fonte: José Gerardo Vasconcelos.

Confirmada a maior idade, adentramos o território. No espaço, pudemos observar diversas mesas, onde os clientes bebem, conversam, divertem-se ou desabafam suas tristezas. No centro, cercado por tais mesas, encontra-se um pequeno palco, onde poderão ocorrer shows de *strep-tease*, pois isso será possível a partir do momento em que um dos clientes solicita o desempenho de tal menina, pagando um preço simbólico de R\$ 30 a 50 reais. Feito o pedido, a dançarina profissional do sexo dança uma música no pequeno palco, retirando peça por peça de sua vestimenta, e a outra música, totalizando duas canções, na mesa do cliente, onde a menina o seduzirá ao máximo, esfregando, atijando os sentidos, deixando o cliente a acariciar, chupar seus peitos e até um sexo oral do cliente à prostituta; tudo isso, para então poder, não só recompensar o dinheiro a ser pago, mas também para um possível programa e a profissional do sexo poder deixar acontecer a então penetração e, lógico, faturar mais um valor por volta de R\$ 70 para o ato ser concretizado. Quartos são encontrados no próprio ambiente, que não passam despercebidos, pois, desde a entrada, presenciamos uma placa iluminada escrita: MOTEL. Ao lado desses, dois banheiros, um masculino e outro feminino, para suprir as necessidades de todos que ali se encontram.

Atrás do pequeno palco, uma espécie de camarim, onde as garotas trocam de roupa, ou se preparam para a performance. A parte superior é o lugar onde o som é liberado com a ajuda de um homem que executa as músicas pedidas pelas profissionais do sexo para tentar envolver ao máximo seus possíveis clientes. No lado oposto aos banheiros, existe um bar, onde

bebidas e comidas podem ser compradas pelos visitantes e servidas por uma garçonete. É necessário informar que essa atendente relata não fazer programas nem danças sensuais:

Não faço programas. Nem ando com roupa decotada para não chamar atenção dos clientes. Só sirvo as mesas, minha única obrigação e estar com um sorriso no rosto e servir direitinho os frequentadores né, para que eu possa garantir meu emprego. (GARÇONETE)

Além de todas as performances das apresentações, há o modo como as prostitutas apostam no figurino e abordam seus possíveis clientes.

Certo dia chegamos ao *Gata Garota* perto de 21h, exatamente no dia 8/10/2013. Ao chegarmos às proximidades daquele estabelecimento, sentimos algo diferente das demais visitas realizadas, pois, nas proximidades, quase que vizinho ao tal ambiente, existe uma parada de ônibus, onde possuía uma significativa quantidade de estudantes e trabalhadores. Ao passar, olhares se voltam para nós grupo e pesquisadores que estavam comigo. Nesse momento, que denunciemos certa timidez, visto que precisávamos adentrar o território do prazer, porém a vontade de logo entrar, para que aquelas pessoas parassem de olhar era muito grande. Mesmo assim, não hesitamos, continuamos andando até a porta do referido estabelecimento. Bem rápido, retiramos da pequena bolsa uma identificação, comprovante de maior idade, atividade essa imposta pelo *locus* de pesquisa.

Enfim, Ufa! Já estávamos no interior do prostíbulo *Gata Garota*. Assim que entramos, percebemos o pouco número de clientes que ali circulavam, o que pode ser explicado pelo fato de haver ido numa terça-feira. Resolvemos, porém, nos sentar para observar o que ali acontecia.

Momentos depois, nos sentamos junto ao grupo de pesquisadores. Uma garçonete veio nos atender. O que chama a atenção nesse devido instante é o fato de ela estar com vestimentas que cobrem todo o seu corpo, como calças *jeans* e uma blusa acompanhada de um colete amarelo para identificação de garçonete, pois, naquele lugar, todas as outras meninas se vestem o mais provocante possível. Daí a indagação: essa garçonete não faz programa? Sentimos essa curiosidade, pois até a garçonete não era a mesma da última vez que visitamos o tal ambiente, fato esse que foi comprovado momentos depois de perguntarmos a ela, e a resposta cedida foi que não

realizava programas. Então, fizemos nosso pedido, ou seja, ao que seria consumido no bar.

Fazia algum tempo que não íamos ao *locus* de pesquisa, em razão de algumas outras obrigações com a mesma importância, ou seja, exercendo o nosso papel de escrever o relatório da investigação. Pude perceber que as profissionais do sexo que ali estavam não eram as mesmas que encontramos, por exemplo, da última vez que fomos ao *Gata Garota*. A diversidade de mulheres, no entanto, ainda era ressaltadas, pois havia prostitutas para todos os gostos: loiras, morenas, mulatas, magras, gordas, altas, baixas, um pouco mais velhas, como também novas. Outro fato que nos prendeu atenção era uma das garotas de programa, que visualmente, não parecia ter mais do que 15 anos, não podemos falar com certeza, visto que não tivemos a oportunidade de conversar com ela, pelo fato de um cliente solicitar sua companhia, mas aparentava ser muito nova, não somente pelo aspecto físico, mas também pudemos perceber as atitudes dela com os clientes, comparando-se às outras prostitutas com mais tempo de profissional do sexo. Nota-se que ela também havia se tornado puta há pouco tempo, ou ainda não se acostumava com a tal profissão, pois eram nítidos sua repulsão e o modo como não tinha jeito nem paciência perante aquele cliente, e a cara de nojo que essa tal prostituta demonstrava quando o cliente a alisava. Ela não sabia nem fingir que estava gostando, ainda não aprendera a malícia do que é ser puta.

Os minutos foram se passando, avistamos uma menina que se parecia muito com alguma das prostitutas que tínhamos interesse em pesquisar, porém, ao apontarmos para a garota, atitude essa realizada por nós de um modo espontâneo, chamando a atenção de outro pesquisador que ali estava, imediatamente, a profissional do sexo percebeu que estávamos nos referindo a ela. Pela força da curiosidade, ela se aproximou da nossa mesa para perguntar o que de fato estava acontecendo. Ao se aproximar, convidamos para que ela se sentasse junto a nós. Com o sorriso visto em nossas faces, ela aceitou o convite e sentou-se. Um dos pesquisadores ofereceu uma bebida. Então, essa seria mais uma noite em que teríamos o prazer de ouvir um depoimento fornecido pela tal garota de programa. Então, a conversa começou a fluir. Perguntamos, primeiramente, se ela era novata no *Gata Garota*, e como se chamava. Imediatamente ela nos respondeu:- “Meu

nome é Karen. Faz pouco tempo que estou vindo aqui, de vez em quando eu dou umas voltinhas no Oitenta<sup>7</sup>, porque lá eu consigo fazer mais programas”. Quando ela nos falou seu nome, no mesmo instante, apareceu certa curiosidade por nós pesquisadores: será realmente esse nome, ou um nome fictício, pois criar um nome é comum naquele ambiente. Perguntamos então o assunto sobre o nome, mas ela apenas sorriu, e não respondeu.

Prosseguimos com a conversa e perguntamos sua idade, ela revelou: “Tenho 21 anos, mas já vivi muito”. Com o passar do tempo, cremos que ela foi se sentindo mais à vontade diante de tantas perguntas. Insistimos em perguntar se esse era mesmo seu nome? Ela pensou alguns segundos: Não tenho nome de guerra. É esse mesmo (risos).

É interessante essa questão de alguns nomes reais darem lugar a nomes fictícios. Lembramo-nos, naquele momento, de um fato ocorrido no mesmo prostíbulo o *Gata Garota*, porém, com outra prostituta, que dizia a escolha de seu nome fictício basear-se no nome de sua amiga, no primeiro instante que a conheceu, visto que ela também era garota de programa. Outra puta nos revelou:

O meu nome real é muito feio. Acho que se eu utilizasse ela iria receber risadas todos os momentos, então decidi usar um tão bonito quanto eu. Uma vez, no começo, dessa minha profissão eu usava meu verdadeiro nome, mas fui fazer um programa e o cliente gemendo e dizendo meu nome (risos). Não consegui me concentrar, foi horrível (ELEN).

Ao continuar nossa conversa, perguntei a Karen se ela sabia a prática do Poli Dance? Ela nos afirmou:

Olha, tem uma das garotas aí que quis me cobrar 20 conto para que eu aprendesse, mas eu achei caro. Outra coisa ela não tem sensualidade, sei nem se é profissional para cobrar esse preço. Os homens estão em busca de uma mulher sensual, nem precisa saber Poli Dance, mas tem que ter sensualidade, ser bonita. (KAREN).

Karen estava se referindo a outra garota de programa que foi nossa entrevistada há algum tempo, porém não é interessante revelarmos o nome dessa profissional do sexo, a fim de evitar certos constrangimentos, visto que é nítida a questão da disputa entre as garotas de programa nessa profissão.

Particularmente, esperávamos com ansiedade a próxima pergunta que iríamos fazer. Então dissemos: responde-nos a uma curiosidade, vocês

---

<sup>7</sup> Oitenta- Nome de outro prostíbulo localizado no Centro da cidade de Fortaleza.

sempre levam camisinha na bolsa? Karen então nos revela: “Não tem necessidade, pois a casa fornece, porém levamos para se acaso for necessário”. Aproveitando a resposta, perguntamos se os clientes não levam camisinhas em seus bolsos? Karen explicitou: “É difícil um homem, principalmente solteiro, andar com camisinha. Nós temos que ter esse cuidado. Nem sei o porquê eles não andam, cabe bem direitinho na carteira”. (Risos). Com base no assunto, tentamos adentrar em sua vida particular, com o cuidado necessário, a fim de conseguir alguma revelação acerca da sua vida privada. Falamos: você, com seus namorados, transa sem camisinha? Aparentemente, não observamos nenhum constrangimento em relação a essa indagação. Ela nos revelou:

Com certeza, só gosto de fazer amor bem prevenida, mas com o pai da minha filha, já transei sem, mas só depois de um ano que estava com ele, mas não gosto de fazer sem camisinha. (KAREN).

Observamos que seus conceitos em transar sem camisinha haviam sido, por um instante, deixados de lado, fazendo com que Karen cedesse a uma transa sem camisinha, e pelo que foi dito pela mesma, não havia tido nenhum outro método contraceptivo, o que conseqüentemente gerou uma gravidez indesejada. Então veio a curiosidade: o fato de não usar camisinha, foi quando se apaixonou e seu marido pediu? Na mesma hora, Karen respondeu e junto a ela um sorriso foi nitidamente observado. Ela disse: “Mais ou menos, eu experimentei, mesmo porque não me apaixono, eu sei controlar meus sentimentos” (Risos). Mesmo com essa afirmação, Karen não quis dar mais explicações sobre o fato de ter se envolvido ou não sentimentalmente, para que seja entendido o fato de se haver arriscado a ter relações sexuais sem o uso de um método contraceptivo.

Nesse mesmo instante, chegou um grupo de meninos, aparentemente muito novos. Com esse fato, aproveitamos e fizemos uma nova pergunta: a maioria dos meninos novinhos que vêm aqui, ainda é para perder a virgindade? A resposta de Karen veio seguida de longas gargalhadas. Eis a resposta:

Alguns são virgens, mas é difícil ter um virgem. Recordo-me de um que fui para a cama com ele. Esse não tinha tido nenhum contato com mulher, eu era quem dizia: colocar a mão aqui, ali, faz isso. Ele era tão tímido que às

vezes eu pegava a mão dele e percorria no meu próprio corpo. Uma vez ele passou mal, e eu fiquei desesperada e pedi ajuda (KAREN).

Ao retratar esse episódio, resolvemos perguntar se esse mesmo garoto sempre frequentava o prostíbulo *Gata Garota*. Karen argumentou: “Depois de ficar comigo, frequentemente ele aparecia, e só queria se fosse comigo”. Então veio a curiosidade, que foi respondida logo em seguida ao lançar-nos a seguinte indagação: então, ele se apaixonou? Mostrando-se muito simpática, ela revelou: “Não, era que ele sentia segurança em mim”.

Ao decorrer da entrevista, ao observar que Karen estava disposta a revelar suas experiências de vida, sua vida não somente pública, como profissional do sexo, como também sua vida de uma “mulher normal”, ou seja, de uma não garota de programa, sentimos a curiosidade e nos aprofundar na questão da filha que havia tido naquele lance aqui citado, da transa sem prevenção com o companheiro. Então, com muito esmero, argumentamos: Pelo que escutamos você tem uma filha? Com os olhos cheios, não de tristeza ou arrependimento, mas de emoção, ela revelou: “Sim, uma princesinha”. Logo em seguida indagamos: ela tem quantos anos? Karen nos afirmou que a criança tinha cinco. A questão de a família saber ou não que a companheira, filha, mãe, ou outros familiares saberem se que o que existe uma profissional do sexo entre os familiares é complicado. Muitas delas escondem, dizendo que trabalham em outro emprego. Já outras contam abertamente, com o argumento de que cada um faz o que quiser com o próprio corpo. Então, após essa afirmação indagamos: se ela te perguntar em que você trabalha, você contará? Karen mostrou-se bem sincera, pelo menos aparentemente e disse: “Sim, sou transparente, vou contar sim”.

Após essa conversa, ela revelou que, quando precisasse fazer algumas outras perguntas, podíamos procurá-la. Vale ressaltar algumas das entrevistas não somente foram realizadas dentro do prostíbulo, mas também em outro lugar, como *shopping*, como exemplo a Danny Rios, faculdade e na própria residência, em uma das entrevistas realizadas com Karen, de uma pesquisadora, que foram somados todos os depoimentos e revelados nesse pequeno estudo. Karen continuou a falar:

Gostei de vocês. São educados. Aqui nem todos são educados. Uma vez um homem queria pagar um programa meu, eu disse que era 70 contos e

ele queria pagar menos, daí eu falei, que ele não era essas coisas todas para que eu desse um desconto, então ele foi grosseiro e disse que eu não valia aquele preço. (KAREN)

Após, essa conversa informal, um cliente solicitou um programa de Karen, que teve de sair de nossa mesa e ir trabalhar.

Já iríamos nos levantar, quando um cliente paga a outra garota para que ela dance. Então, resolvemos verificar sua desenvoltura. Ela é uma loira, magricela, mas tem gosto para tudo. Então, ela pediu ao homem do som para rodar sua música, pois começará o espetáculo. É engraçado o quanto o cabaré constitui um ambiente dinâmico, pois, no momento em que uma está dançando, a outra está no colo de outro cliente, e outras conversam. É possível verificar que nem todos os olhares se voltam para ao pequeno palco no momento da dança, mas quando a profissional do sexo desce e retiram às minúsculas peças de sua vestimenta, os olhares aumentam.

Não demora muito para a loira magricela deixar o pequeno palco, e percebemos o de costume visualizado por nós: o descomprometimento do desejo da prostituta pelo cliente, dando lugar à imensa vontade de que aquela música acabe logo, e ela tenha ganhado o seu dinheiro.

O movimento estava intenso nesse dia. Algumas garotas de programa já estavam com a vestimenta escolhida para aquela noite. É importante não passar despercebido o fato de que elas chegam com suas roupas, algumas bem vestidas, e no próprio ambiente são realizadas as trocas por vestimentas bem menores e que agucem os clientes.

Certa vez, em outro dia, perguntamos a alguma das prostitutas, pois naquele momento era a disponível para conversar, sobre como é feita, ou escolhida a roupa para vagar no território do prostíbulo, ou na hora de uma apresentação. Uma das garotas argumentou:

Eu mesmo fabrico minhas roupas para a apresentação, até porque não corre o risco de alguém copiar, digo das meninas fazerem igual, a diferença pode conquistar algum freguês. As meninas aqui ficam numa concorrência só, é na escolha da música, é na dança, é nas roupas, é na beleza, tem até uma que bebia muito e deixou pra cuidar do corpo, se não ela iria falir sendo puta. (Relato de uma garota de programa).

É possível notar que a concorrência é muito grande nos prostíbulos. Quando adentra um cliente, as profissionais do sexo já criam estratégias para se aproximarem do cliente. No que observamos, elas rodeiam todo o ambiente,



e o interessado tenta atraí-las para sua mesa. É nesse momento, que ocorrerá uma negociação para um *show*, um programa, ou só uma conversa, acompanhado de alguma bebida, é claro, porque se a prostituta perceber que o possível acompanhante não vai gerar lucros nem para ela, nem para o prostíbulo, imediatamente ela se retira para flertar com outro cliente.

Em um dos autores que lemos, também é descrita a forma de abordagem da prostituta para com o cliente. Em seu livro intitulado *Noites de Cabaré*, Alves (2012) revela,

Uma vez, uma caminhonete de luxo passou em frente ao cabaré reduzindo a velocidade. Eu fui até o carro e convenci o motorista a entrar. Disse: Meu bem, coração, vai entrar? Temos loira, morena, ruiva, magra, mulher melancia. Temos várias, você escolhe. Qualquer uma que você escolher, só com a língua e a buceta vai te levar para o céu, numa viagem como você nunca foi. (LAURA *apud* ALVES, 2012, P.112).

Alves (2012) relata em seu livro experiências observadas durante seis meses dentro de outro prostíbulo, onde trabalhava no bar do próprio cabaré e pode relatar o que observará.

Existe logo de princípio a distinção dessa abordagem para a que é conduzida pelo prostíbulo em questão, *Gata Garota*. Neste as garotas de programa não vão para frente do cabaré, e sim ficam dentro, para tentar programas com clientes que já se encontram no ambiente, e saem, por opção da prostituta ou do cliente, para outro lugar, se assim surgir o interesse, pois, como já apresentado existe um motel dentro do próprio prostíbulo.

Acontecem, no entanto, coisas comuns a qualquer cabaré, o desinteresse em relação ao sexo, optando apenas para o divertimento sem o programa ou streap. Relata uma das prostitutas observada por Alves (2012):

Ao entrar na sala de entrada, várias garotas estavam posicionadas na esperança de ser escolhida. A opção foi por mim que pedi para ele pagar algumas músicas, porque aqui ainda é aquela máquina antiga que para tocar tem que colocar fichas. Em seguida, ele informou que estava com vontade de beber. Seus pedidos foram aceitos. Ela o abraçou e foram para os fundos da boate. Mais bebidas foram consumidas, tanto por mim, quanto pelo cliente. Passado alguns minutos, a conta foi paga e o cliente se retirou sem fazer programa. (BÁRBIE, *apud* ALVES, 2012, P.112).

Nesse estabelecimento ocorre algo que não acontece no *Gata Garota*, pois no tal ambiente citado pela profissional do sexo, Bárbie, mesmo não tendo realizado o programa sexual, ela recebeu de acordo com as normas

da casa, ou seja, vinte por cento da bebida consumida durante a interação. Por isso, de uma forma ou de outra, a prostituta não sai no prejuízo.

Quando nos referimos à atividade sexual, muitas garotas de programas não exigem do cliente uma boa aparência, pois o que importa é simplesmente o dinheiro, ou seja, o que ele pode pagar, como uma vez ouvimos relato de uma prostituta do *Gata Garota* que dizia: “Não importo se é feio, fedorendo, afinal quinhentos é quinhentos”, mostrando que o que faria de diferente era aumentar o valor do programa, já que a média das prostitutas desse estabelecimento era de R\$70,00 a penetração. Não se pode generalizar essa atitude, pois, no mesmo estabelecimento, flagramos outra atitude profissional do sexo que indagava: Com esse aí, não dou nem se ele me pagasse R\$ 1.000,00. Esse velho não tem nem dente.

Alves (2012) revela em seu livro *Noites de Cabaré* outros depoimentos das profissionais do sexo acerca de seus vários tipos de clientes. Numa dessas revelações, uma garota de programa afirma:

Esse foi o dinheiro mais fácil que já ganhei na minha vida. Recebi R\$ 200,00 para ficar com dois gostosos. Hoje, eu gozei bão. Foi assim “profe”... chegou dois rapazes. Dois era lindo maravilhoso. Um mais bonito que o outro. Nisso eu pensei: quem será que vai querer fazer programa comigo? Tudo bem... os dois são gatinhos. Aí eu pensei: já pensou se os dois quiserem vim ao mesmo tempo... dali a pouco eles fizeram a proposta. No começo recusei pra poder fazer um charminho. Depois eu aceitei. Foi bom demais. Um começou a colocar no meu cu, mas não terminou. Mas eu aproveitei. Tô feliz: essa vida é difícil, mas agente se diverte horrores (RAISSA *apud* ALVES, 2012, P.111).

Há de se observar, no entanto, que, enquanto uma estava se deleitando, como se observa nesse depoimento, existem outros também citados no livro de Alves (2012), que têm que estabelecer seus limites e artimanhas, de acordo com uma ex-prostituta:

Hoje eu não dou mais. Enchi minha buceta de pomada antes de dar pra esses nordestinos, mas tá ardendo pra caramba. Tem uns três deles que tem uns cacetes que mais parece de um jegue do que gente. Mas eles são todos legais e educados. Pagam o que agente pede. E se pedir dinheiro só por pedir eles dão também. Preciso me repousar. Hoje só faço sala, striptease ou sexo oral. Trepas, nem com o meu marido, quando chegar em casa, que é o homem mais carinhoso e gostoso que já conheci eu não aguento. (JENIFER, *apud* ALVES, 2012, P.111).

Então, nessa passagem, pode-se observar que não se deve generalizar os sentimentos estabelecidos por uma profissional do sexo, sendo que essas emoções oscilam entre a dor e a alegria, a verdade e a mentira, o disfarce e o real, o medo e a coragem de mais um dia de trabalho.

Das profissionais do sexo que entrevistamos houve algumas divergências na fala de uma delas, acerca dos limites:

Eu aguento fazer com muitos homens no mesmo dia. Lógico que todos são diferentes, uns são carinhosos, outros só pensam em meter. Uns tem o pau pequeno, outros possuem o pau muito grande, mas eu aguento. Sabe de uma coisa? Eu tenho um namorado que ele é guloso, todo dia ele quer trepar, e eu dou conta, pra segurar ele, e evitar que ele vá atrás de minhas amigas putas. (Relato de uma profissional do sexo).

No que se refere aos cuidados com o corpo, pode-se notar a preocupação a respeito da educação sexual, Alves (2012) cita o relato de uma prostituta:

Como a gente faz o sexo oral só com camisinha, ele falou “não, que não ia ter boa de eu fazer sexo oral com camisinha”. Aí eu falei: meu coração olha eu uso percing na língua, certo? Pode acontecer de arranhar, machucar, a minha saliva bater aí, muita coisa... Não, ele disse. Aí ele pegou minha cabeça e o trem (pênis) ali duro ereto, pensei vou engasgar com esse trem na minha garganta, eu vou morrer. Aí eu de colocar a mão assim na barriga dele e pedir pra parar. Ele: “não, eu não quero. Eu quero que aconteça assim”. Eu perguntei se ele estava doido?E a cabeça espirrando. (BÁRBARA *apud* ALVES, 2012, P.113).

Esse “mundo misterioso” da prostituição revela muitas facetas. Muitas meninas desembarcam nessa vida por enfrentarem problemas familiares. Assim revela uma de nossas entrevistadas:

Meu pai era alcoólatra, não tínhamos dinheiro para comer. Além disso, naquele momento, o que eu poderia ganhar em um trabalho qualquer, com os estudos que tinha, não chegavam nem ao pé do valor que eu ganhava como profissional do sexo. Todos os dias eu tinha dinheiro. No começo gostava de ser prostituta, era algo deslumbrante e um vício viu, depois era algo desafiador e perigoso. (Relato de uma ex-prostituta<sup>8</sup>).

Muitas outras profissionais do sexo, no entanto, têm outra resposta para a indagação sobre o adentrar e a permanência na prostituição. Expõe

---

<sup>8</sup> Ex-prostituta - visto que, no começo da pesquisa, realizava programas, porém atualmente se diz não participar mais desse trabalho.

Alves (2012) em uma citação feita pela dona do cabaré sobre uma das garotas de programa:

A Janaína está nessa profissão porque gosta. Ela gosta de malhar os homens. Você pode procurar se não encontrar ela, ela pegou algum cliente e tá num canto malhando e beijando na boca. Ela já deu até o cu por R\$ 20,00. Ela sai com dois, três, quatro até cinco para quarto ao mesmo tempo porque gosta. Só que o problema é que ela nem pede para eles pagar bebida. De tanto que ela gosta. Pode ver, é só o homem chegar ela sobe no palco tira a roupa e dança pra ele. Isso é um problema. Porque se ela faz isso antes de ir para o quarto ou sem cobrar nada, o cliente vai ao banheiro bate uma poxeta e não gasta nada. Só que ela não pode fazer por menos de R\$ 80,00 senão ela queima minha casa. Aí eu perco os clientes do nível mais alto. Imagina a fama de um cabaré onde tem puta que da o cú por R\$ 20,00? Aqui não! (GENI *apud* ALVES, 2012, P.118).

É interessante ressaltar que Alves (2012) revela relatos de prostitutas que pesquisou. A maioria dessas entrou nessa vida quando ainda eram menores de idade. Todas tiveram a ajuda de profissionais do sexo mais experientes para inseri-las nesse cotidiano. Nesse relato, lembramos de outro fato nas narrativas de uma prostituta por nós entrevistada:

Não cheguei a conhecer a prostituição quando era menor de idade. Eu estava precisando de dinheiro. Eu tinha a curiosidade de conhecer essa boate, ele disse olha nessa boate as meninas trabalham tem os quartos a dona da casa e tal e eu fiquei curiosa e quis conhecer a casa por opção minha mesmo, cheguei à boate eu gostei e fui falar com a dona olha se eu quiser trabalhar Ai uma amiga chegou pra me e me sugeriu amiga, eu tenho um amigo que pra sair com ele, ele dá um dinheirinho começou assim. Então essa amiga me apresentou esse rapaz e saímos o três e depois com o tempo, esse próprio rapaz me levou para uma boate e tive aqui eu posso? Ela disse pode, a dona se interessou logo eu bem novinha né então eu marquei com a dona e fui trabalhar lá. Eu vi, que em uma semana aquele dinheiro que eu trabalhava por um mês, na boate eu ganhava muito mais. (DANNY RIOS).

A entrada na prostituição é desencadeada por diversos fatores um deles a estrutura familiar que as garotas de programas enfrentam em sua vida privada. No começo dessa nova profissão, pode para algumas ser fácil enfrentá-la, mas, para outras, o começo é complicado e cercado por sentimentos negativos, como dor, angústia, tristeza com a entrada nessa chamada “vida fácil”, que de facilidade não tem nada.



**Figura 13 Espaço**  
Fonte: Francisca Karla Botão Aranha



**Figura 14- Espaço**  
Fonte: Francisca Karla Botão Aranha

Precisamos revelar os sentimentos de pesquisadora ao adentrar certos prostíbulos no centro da cidade de Fortaleza. Era dia 31 de janeiro do ano de 2014, por volta de umas 19h, numa sexta-feira. Chegamos acompanhada de nosso orientador a um dos prostíbulos conhecido como *Espaço*. Na entrada é solicitada a comprovação da maior idade. Em seguida, é cobrada uma taxa de R\$ 10, 00 para homens; mulheres não pagam. Com esse valor simbólico, o cliente tem direito a uma cerveja. Ao lado desse estabelecimento, há um Motel para a realização dos possíveis programas. Enfim, entramos no local. Nunca havíamos estado naquele ambiente. Assim

que adentramos esse território, ficamos surpresos pela quantidade imensa de homens que ali se encontrava, e a única mulher que existia, fora as prostitutas, era eu. Quase todos os olhares se voltaram para nós. Estávamos sendo vistas, como descreve Sousa (2000), como “carne nova no pedaço”. O ambiente estava tão lotado que não havia lugar sequer para sentar, nem circular, sem esbarrar em alguém.

No mesmo local, encontramos uma das garotas de programa que havíamos conhecido no *Gata Garota*. Não ficamos surpresos, porque é comum as profissionais do sexo fazerem rodízios nos prostíbulos mais movimentados do centro da cidade de Fortaleza. Fazia muito tempo, no entanto, que não a encontrávamos, pois essa havia tentado a sorte como garota de programa em Sobral. Ela, Danny BB, seu nome de guerra, estava tão ocupada no prostíbulo *Espaço*, que falou conosco muito rápido, foi tão depressa que pedimos para que nos levasse ao banheiro, e ela pediu para que orientador, nos levasse, afinal não poderíamos circular sozinhos naquele ambiente. Isso aqui é o inferno, dizia a garota. Então, não tivemos escolha e fomos até o local por nós desejado. Os homens olhavam de uma forma que parecia retirar nossa vestimenta apenas com os olhos, a imaginação, muitos continham apenas o olhar, outros tentavam nos pegar na cintura, e ainda existiam aqueles que exclamavam: Gostosa! Enfim, tivemos que ficar de mãos dadas com o orientador, a fim de tentar um pouco mais de “respeito” com os clientes, mas não adiantou muito, pois o assédio continuara.

Enfim, chegamos ao banheiro. Esse é um local bem pequenininho, que serve, também, para que as garotas de programa troquem de roupa e se preparem para desempenhar sua performance no pequeno palco localizado ao lado do banheiro, ou melhor, entre os banheiros, um feminino e outro masculino. No momento em que adentramos o banheiro, já havia uma menina sentada numa cadeirinha. Ela então nos perguntou: vocês trabalham em quais prostíbulos? Ficamos assustados, mas sorrimos. Então, ela insistiu: vocês chegaram hoje aqui? Ficamos pensativos: será que nós dizendo ser pesquisadores, isto a assustava? Ou inventávamos que éramos clientes? Ela, observando o nosso silêncio, acertou na pergunta: vocês não fazem programa? Respondemos que não éramos profissionais do sexo, estávamos ali só por curiosidade, que, na verdade, éramos apenas pesquisadores. Assim que

terminamos de falar, entrou outra no banheiro. Ela estava com pressa em trocar de roupa, pois quem havia pago pelo *show* estava esperando. Nesse momento, escutamos um homem lá fora gritando:- “entrou três putas, mas não sai nenhuma para o *show*”, ou seja, no pensamento desse sujeito nós também fomos rotuladas de prostitutas, mas não respondemos nada, apenas saímos ao encontro do orientador que esperava do lado de fora do banheiro.

Com toda essa movimentação, tivemos que ir embora, visto que era impossível conversarmos com alguma prostituta, e não podemos nem observar o ambiente, a lotação nos impediu de executar nosso objetivo: conhecer as garotas de programas que ali estavam.



**Figuras 15<sup>9</sup> e 16: Espaços “90” e “80”**

Fonte: José Gerardo Vasconcelos.

Insatisfeitos, decidimos passar em outro prostíbulo, localizado no Centro da cidade de Fortaleza, denominado *Oitenta*. A estrutura desse é mais antiga, onde para tocar a música é inserida uma moeda, na qual o cliente faz própria escolha, porém, no *show* de *Strep-tease*, pago e solicitado pelo cliente, um DJ comanda o som com duas músicas escolhidas pela profissional do sexo. Essa, porém, não desce até a mesa do cliente para se esfregar nele, fato esse que diferencia do prostíbulo *Gata Garota*.

<sup>9</sup> “90”- Não foi possível, pela falta de tempo, adentrarmos o prostíbulo denominado Noventa, foi registrada a parte externa desta, até pela importância de salientar que um fica vizinho ao outro. Então, se percebe a intensa concorrência entre esses territórios.

Chegamos ao *Oitenta* por volta de 19h 45min, no dia 31 de janeiro de 2014, sexta-feira. A entrada é tranquila. Não é pedido documento de identificação que comprove a maior idade. Aliás, nem notamos alguém na entrada para tal verificação. Olhares curiosos na porta dos prostíbulos se espalham, mesmo porque, ao redor dessa casa de espetáculos se encontram vários pontos de prostituição. O desafio, então, já começa mesmo antes de adentrar aquele local. Enfim, entramos. O movimento estava fraco. De acordo com alguns depoimentos, isso se dava por causa do horário, pois ainda era cedo, afirmando que, por volta de umas 23h, os clientes iriam marcar presença no referido ambiente.

Várias mesas são expostas na frente de um pequeno palco, onde o Pole Dance faz parte do *show*. Vale ressaltar que essa mesma prática é utilizada no prostíbulo *Gata Garota*. No lado direito do minúsculo palco, existe camarim, onde as putas se vestem de maneira provocante antes do espetáculo. No lado esquerdo do palco, existe um corredor onde há o acesso ao bar. Em seguida alguns quartos. Inclusive, algo que observamos é que na camisa dos garçons está escrito: *Boate Motel*. Então o prostíbulo funciona como uma boate e os pequenos e poucos quartos funcionavam como motéis.

Resolvemos ficar próximos ao bar, pois estávamos esperando uma das prostitutas que estava fazendo um programa. Nós a escolhemos pelo fato de ter nos dado mais atenção. Enfim, passados alguns minutos, ela vem chegando, toda banhada, penteando os cabelos e retocando a maquiagem. Avistou-nos, acenou com a mão, e gritou: “Já vou aí”! Com a cabeça, fizemos um sinal de positivo. Ao chegar à mesa onde estávamos, perguntamos se, pagando um programa, ela toparia conversar com a gente em um daqueles quartos. Ela olhou para nós, ficou pensativa e sorriu, mas com uma expressão de medo em seu olhar. Terminou dizendo que iria dar uma volta e depois iríamos conversar.

A movimentação começara a aumentar. Já eram umas 20h 30min. A DJ anunciava o nome de uma menina que iria se apresentar no pequeníssimo palco. Nesse momento, resolvemos ir para perto do palco, pois o bar bloqueava nossa visão. Ao irmos para frente, encontramos a garota que nos prometeu uma conversa. Janaína nos percebeu e foi sentar à nossa mesa. Insistimos, mais uma vez em que ela revelasse fragmentos da sua história de



vida. Ela, muito esperta, falou que poderia ser, mas como éramos dois e ela, Janaina argumentou que teríamos que pagar como se fosse dois quartos, ou seja, dois programas. Ficamos pensativos. Nesse meio tempo, ela pede um energético, observando que não falamos nada. Ainda surgiu a ideia de entrar somente o meu orientador e nós a esperar. Como isso seria possível nós sendo as únicas mulheres, fora as garotas de programas e uma lésbica que ali estávamos sozinhas? O melhor era não arriscar e não ocorrer um constrangimento de algum homem nos abordar. Afinal, para todos, naquele estabelecimento, também éramos profissionais do sexo.

Passados alguns minutos, Janaína nos surpreendeu, ao dar o número de seu telefone, pois tinha ela o argumento de que possuía o aparelho celular. Ela nos prometeu ceder uma entrevista e permitiu que entrássemos em contato com ela. Alguns momentos depois, outro cliente paga um *show* de *Streap*. Então Janaína pediu licença e foi trocar de roupa. Após alguns instantes, ela apareceu com uma minúscula fantasia, na qual retiraria peça por peça de sua vestimenta ao som de duas músicas. O *show* começa, o bailado do corpo enfeitiça os clientes aguçando seus sentidos. Para Suquet (2008, p.533), o bailarino sempre controla o centro de gravidade de seu movimento, daí a impressão de um domínio. Nietzsche (1998, p. 101),

(...) somente a partir do espírito da música é que compreendemos a alegria pelo aniquilamento do indivíduo. Pois só nos exemplos individuais de tal aniquilamento é que fica claro para nós o eterno fenômeno da arte dionisíaca, a qual leva à expressão a vontade em sua onipotência, por assim dizer, por trás do principium individuationis, a vida eterna para além de toda aparência e apesar de todo o aniquilamento.

É por meio da música e dos movimentos sensuais que a prostituta tenta envolver seus clientes. Umas preferem aquela canção mais agitada, outras uma melodia mais lenta. Isso dependerá do momento de vida, ou de táticas utilizadas por elas no decorrer dessas experiências. Uma das estratégias está presentes nesse trecho relatado por uma profissional do sexo do *Gata Garota*:

Eu escolho a música, quando me agrado pelo ritmo. Mas tem dias que estou alegre e revelo isso através da música, porém sou mala, sendo a mostrando no palco, mas como o cliente tem direito a duas e a música alegre ou não, tem que ser uma com poucos minutos de duração, mas não

na primeira canção que é o momento de ficar só se segunda temos que descer para que eles peguem em nosso corpo, ah! Aí sim nesse momento a música é curtinha. (Relato da profissional do sexo).

Além das profissionais do sexo realizarem programas, elas também se comportam como psicólogas. Revela-nos Danny Rios:

Eu tinha vontade de ser psicóloga, fazer uma faculdade. No cabaré agente meio que atua como psicólogas. Alguns clientes narram abertamente sua vida particular, pedi até opinião, nesse momento me sinto uma amiga e não uma puta. Mas, eles também perguntam sobre nossa vida, aí eu fico calada. Não vou falar minhas fraquezas.

Ela nos revelou que a garota de programa usa uma espécie de “máscaras”, a fim de camuflar sentimentos verdadeiros que possuem em suas vidas. Fingir um orgasmo, por exemplo, para que o cliente se ache satisfeito. No decorrer de vários programas, no entanto, pode acontecer o inesperado, ou o proibido naquela profissão: se apaixonar, dar uma gozada verdadeira. Proibido porque a prostituta tem que satisfazer a todos, não porque um é melhor do que outro, mas sim por causa do dinheiro adquirido após o programa. Tempo é dinheiro! E se quando as profissionais do sexo se apaixonam até de graça, elas vão para a cama com aquele determinado cliente.

As garotas de programa, mesmo assumindo esse tal “papel de psicólogas”, não têm tempo para escutar alguns assuntos que as incomodam. Quando o assunto está bom, vale até ficar um pouco conversando, ainda na esperança de dali surgir um programa, mas, quando a conversa se torna chata, desagradável, o melhor é sair daquela mesa urgentemente, a não ser que ele tenha pago seu programa para que se escute tanta besteira. Segundo Alves (2012), relatando uma fala de uma prostituta por ele entrevistada,

Uma vez o cliente chegou, que a mulher dele tinha ficado com outro cara, que ele estava pensando em se matar, pagou pra mim ficar perto dele. Eu dei conselho, falava pra não fazer aquilo, que ele ia acabar com a vida dele, se ele tivesse filho com a mulher era pra ele pensar mais no filho, do que nele e na mulher, e uma semana depois ele voltou lá e me deu mais dinheiro pra eu ficar perto dele só conversando. Conversou comigo, eu vi que ele estava mais animado por causa daquela conversa que tive com ele. Nós ficou mais de três horas conversando, e ele falou obrigado, pelo conselho que dei pra ele (CRISTINA *apud* ALVES, 2012, P.138).

Então é possível notar que a profissional do sexo tem como objetivo lucrar seja, com o *show* de *streap-tease*, com uma simples conversa com o cliente e até mesmo com a bebida, porém temos que lembrar que, no prostíbulo *Gata Garota*, não ocorre o aspecto lucrar com a bebida. A prostituta tem o tempo como aliado, e ela não pode perdê-lo com clientes que não iram gerar lucros. Esse item mostra-se bem claro no depoimento de uma prostituta presente na obra de Alves (2012):

Eu procuro ser bem agradável, tal e conversar. Se passar mais ou menos uma hora que agente esteja sentado à mesa e ele não pronunciar hora nenhuma que vai fazer programa, eu pergunto: meu bem... coração, alguma coisa carinhosa ou pelo nome mesmo, agente vai namorar? Vamos fazer um programa? Se ele responder: há...não sei...tô pensando... eu quero mais uns minutinhos, não deu reação, está ali neutro só conversando, aí eu peço licença e falo: já que você não quer fazer nada, e eu estou aqui para ganhar o meu dinheiro e vou para o salão de novo, ou para o balcão de novo. Daí se eu der essa intimada e ele não falar nada, eu volto para o salão e deixo ele lá (CAMILA *apud* ALVES, 2012, P.141).

Esse comportamento é comum nos prostíbulos. Também ocorre no *Gata Garota*. Evocamos um fato bastante interessante. Estávamos sentados conversando com uma das garotas de programa chamada Danny BB. Ficávamos tentando descobrir mais algumas experiências sobre sua vida, e, de repente, ela já estava flertando com um cliente na frente de nossa mesa. Então, quando ela percebeu que iria ocorrer um programa, virou-se para nós e falou: Espera aí um pouquinho, vou ali fazer um programa, já volto. Então, pensamos que iria demorar, mas, com uns 20min, ela já estava de volta com os cabelos molhados, chegou para nós e afirmou: “Ele goza rápido”!

Das conversas que podem ocorrer do cliente e da prostituta, no entanto, existe a forma de aproximação, que na maioria das vezes é feita pela própria puta. Observa-se que, no *Gata Garota*, as meninas ficam circulando o salão, e, quando percebe que o cliente está olhando muito, ela para e senta-se ao lado do frequentador, ou outro momento acontece quando, ao passar perto do cliente, ele puxa sua mão, essa atitude pode mostrar certo interesse pela profissional do sexo, mas ainda surgem aqueles clientes que chegam no cabaré e ressaltam: “Eu quero a Juliana, onde ela está”? Segundo uma de nossas entrevistadas,

Muitos clientes já chegam aqui com suas escolhidas, se a menina está fazendo outro programa, ele espera ou vai com outra. Um dia chegou um cliente e disse cadê tal menina, eu falei que ela tava ocupada com outro, ele sentou-se e esperou mais ou menos quarenta minutos, até ela aparecer. (VANESSA).

Cada prostituta utiliza táticas para conseguir um programa com clientes. Um relato de uma puta presente no livro de Alves (2012) revela:

Eu chego com jeitinho eu vou perguntando se eu posso sentar, se eu posso ficar perto, eu puxo assunto, ele já interessa na minha conversa, ele vai tendo uma “entrosação” entre nós dois. Aí eu pergunto se ele vai beber alguma coisa, se quer outra menina, ele afirma que está boa minha companhia. Nós começa a conversar e eu começo a pedir uma dosinha para mim. (CRISTINA, *apud* ALVES, 2012, P.147).

É nítida a concorrência dentro dos prostíbulos. Isso é identificado desde o modo que as garotas de programa utilizam para obter a atenção dos clientes e fazer maior quantidade de programas. Algumas utilizam da sua performance no palco, seu desempenho na sensualidade que atrai os frequentadores daquele território. Segundo uma das garotas de programa no momento em que uma de suas colegas estava fazendo seu *streak* junto ao Pole Dance:

Olha aí, essa não sabe nem dançar. A única coisa que sabe fazer é rodopiar esse palco, ela não tem o tchan, aquela sensualidade. Nem sei quem foi que pagou esse show, para essa desengonçada. Sem falar nesse figurino, é horrível. (Relato de uma prostituta).

O desempenho do Pole Dance foi trazido para o prostíbulo *Gata Garota*. Como revela uma das profissionais do sexo o modo como aderiu essa prática:

Fui a São Paulo em 2001, lá as meninas já faziam essa dança, porém, fossem uma mini estrela, têm empresário, as meninas ganham bem, podem lá é diferente daqui, pois o show delas é pago pela casa como se cuidar melhor do corpo. Aqui, coitadas, só se o cliente pagar, e ainda é muito pouco. (DANNY RIOS).

Os tipos de clientes também geram certo interesse para esta pesquisa. Algumas prostitutas topam qualquer tipo de cliente, pois o importante é pagar o que pedem. Outras não se submetem a certas especificidades de clientes. Na obra de Alves (2012), observa-se esse aspecto bem nítido em um dos depoimentos da prostituta Bábrie:

Já dispensei um cliente. Dele estar tão sujo e tão fedido e eu não ter...porque se eu for pro quarto com um homem na situação que ele estava eu ia vomitar na frente dele. Já rejeitei pra mim não ter que ir. Falei que eu estava menstruada, que não podia. Era pra ele procurar outra menina. Eu queria sair fora, mas ele não! Eu quero ficar é com você. Eu: não eu não posso eu estou menstruada. Aí ele conseguiu ficar com outra menina. O problema era mau cheiro. Não tinha jeito (BÁRBIE *apud* ALVES, 2012, P.153-154).

Apesar de o cliente ser ou não de agrado da prostituta, essa deverá está impecável para vender o seu objeto de trabalho: o corpo. Segundo Vasconcelos e Santos (2011, p. 27-28),

Nas casas que frequentamos para realizar este estudo, o Strep estava associado à prostituição e a dança do poste incentiva as jovens a cuidarem mais do corpo.

Ao cuidar muito mais do corpo, a profissional do sexo despertará maior número de clientes para um programa, porém, temos de enxergar outro lado da prostituta, que, desde o seu âmbito de trabalho poderá surgir que o farão parte da sua vida particular, ou seja, esses clientes poderão se tornar amores das profissionais do sexo.

Uma das regras do cabaré é não se apaixonar pelo cliente, porém, muitas vezes, isso é inevitável. Durante algumas entrevistas que realizamos, pudemos perceber que a maioria das garotas de programa chega a se envolver sentimentalmente com seus clientes. Umas até chegam a denominá-los de “clientes fixos”. Esses são aqueles que exigem exclusividade das prostitutas, porém, muitas vezes, isso não acontece, pois, quando aparece outro cliente, elas fazem o programa. Uma das entrevistadas revela:

Eu tenho um cliente fixo. Ele não mora aqui, mora em outro país. Ele me adora me enche de presentes, tá vendo aqui esse sapato? Foi um dos que ele me deu, fora uma boa quantia de dinheiro que ele me dá. Ele é como se

fosse um namorado, quer até que eu vá morar com ele, mas não quer que eu faça mais programa, porque ele me dá tudo. (DANNY RIOS).

Também existe, no entanto, aquele feitiço do “faz de conta”, ou seja, de alguns clientes acharem que sua mulher não pode fazer determinadas atitudes que as prostitutas exercem, como certas posições, certos comportamentos. Chegam até a fazer um programa com uma puta, mas imaginando comportamentos que a própria mulher realiza. Alves (2012), o revela em uma de suas entrevistas cedida por uma profissional do sexo:

Teve uma... (risos) Uma de imaginar que eu fosse esposa dele, dele entrar dentro do quarto e falou: eu quero que você seja minha esposa. Aí eu falei: mas como, sua esposa? Ele: emburra comigo. Fica emburrada. Deita na cama de lado. Tá. Ele deitou do lado da cama, qual que é o lado que fica da beirada? Depende do jeito que está a cama, mas ele deitou do lado da beirada da cama, da beiradinha que o homem sempre fica. E deitei e fiquei quietinha do lado da parede. Ele veio me alisando minhas costas. Aí eu tinha que falar tira a mão. Aí eu virava e falava: tira a mão. Aí ele vinha de novo e eu: tira a mão. Aí dizendo ele que enfezava com a mulher, pegava a mulher de uma vez e pressionava ela assim, forçava, coloca a mão em cima do ombro e gritava que o homem da casa era ele. Que ele queria e ia ter. Eu fiquei assustada e pensei: Esse cara vai me matar. Eu assustei. Só que ele falava: tira a roupa, tira o baby dool a langerri e falava alto da dona da casa assustar e falar: gente está acontecendo alguma coisa. Deixa eu ir lá ver. Só que não era nada. Dele vir e dava daquele de machão e na hora “H” ele vinha na maior calma e dizia: amor, eu te amo. E me chamava pelo nome da mulher dele. Eu ficava falando pra ele: você não ama não, você tá é com as outras. E ele: Não! Eu não saio com as outras e quase chorando em cima de mim, lembrando da dita cuja dele. É muito interessante. Agora você imagina o cara quase chorar e imaginar... Eu ali deitada, parece àquelas coisas de novela, que você fecha o olho e vê a outra pessoa. Mas, é só em novela que acontece. De olhar e imaginar a esposa dele e desabafando como se estivesse desabafando com a mulher dele. É muito louco. (CAMILA *apud* ALVES, 2012, P.167).

Cada prostituta com sua especificidade com histórias comuns ou distintas que circundam o território do prostíbulo.

O preconceito oriundo da sociedade e, muitas vezes, das próprias garotas de programa interfere em uma convivência social de maneira harmônica, não ultrapassando a barreira da inferioridade. Isso pode ser presenciado na fala de uma das entrevistadas, ao perguntar-nos a diferença que ela verifica entre elas e uma mulher que não seja profissional do sexo:

Acho que a diferença está mesmo no preconceito social, mas independente disso a diferença é que uma garota de programa ela tem muito mais

insegurança dado ao processo de trabalho dela, tem baixa alta estima dada ao processo de trabalho dela. É diferente de uma moça que conheceu um rapaz que nunca se prostituiu ela vem de um berço, de uma cultura diferente, ela é vista pela sociedade de forma diferente então quando termina o namoro vai ter aquelas amigas e ela vai conseguir passar por aquele processo também, doloroso de uma forma bem menos complicada já uma garota de programa, é bem mais difícil. E por isso, eu procurava agir no automático não dava tempo para a racionalização, vou transei e tchau. Eu já tive processo que fiquei tão arredia, que qualquer contato físico, carinho a pessoa querer me tratar bem, eu repudiava. Era uma forma de defesa, defesa contra os próprios sentimentos e então, se você tá ali trabalhando nisso sendo garota de programa eu no meu caso, eu trabalhava de garota de programa eu já tinha todo um processo na minha cabeça, a sociedade nunca vai me ver legal, ou seja, eu nunca vou poder chegar para uma pessoa e dizer, eu sou garota de programa trabalho todo dia a gente pode marcar uma piscina e tal, é complicado é diferente de dizer, eu sou assistente social, sou faxineira... Agora vai dizer, vai querer conhecer um cara, ah gostei de você, seu telefone e tal, você faz o que? Sou garota de programa, minhas folgas é domingo e segunda, o cara vai dizer puta merda, então é difícil o processo emocional é travado (DANNY RIOS).

Da mesma forma que existem namorados ou esposos que não suportam a ideia de ver sua mulher trabalhar como profissional do sexo, outros respeitam a opinião de suas amadas e encaram a prostituição como simplesmente mais uma opção de trabalho. Segundo uma de nossas entrevistadas,

Meu namorado não se importa de fazer programa, desde que tenha um tempo para ele quando eu chegar em casa. Assim como homem eu também sei separar sexo do amor. E também ele já me conheceu nessa profissão. – Risos-. (VANESSA).

A família da profissional do sexo, no entanto, também interfere nesse seu trabalho, expondo seja com palavras ou atitudes a sua opinião sobre tal emprego. Segundo Danny Rios,

Aí fiquei sendo garota de programa, cuidando da saúde do meu pai, comprando medicamento, aluguei uma casa pra minha família e coloquei meus irmãos pra estudar no colégio particular. Um ano depois, eu cheguei pra minha família e disse que estava sendo garota de programa e meu pai entrou em depressão e acho que isso até acelerou o processo de morte dele. Eu esperava uma reação mais assustada da minha mãe, mas minha mãe achou foi bom o dinheiro na mão dela (DANNY RIOS).

Quando a profissional do sexo não tem nenhum relacionamento afetivo, porém, ao chegar ao final do expediente, sente-se sozinha. Chega a ser uma questão de ambiguidade ter tantos homens a sua procura, mas, no final, voltar para casa sozinha pode ser um fato.

Durante nossas visitas ao prostíbulo *Gata Garota*, escutamos durante entrevistas muitas garotas de programa a seguinte frase: “Toda mulher de programa é carente”, especificando a ideia de ter que conviver com máscaras para não tentar passar sua fragilidade para quem está ao seu redor. De acordo com uma profissional do sexo,

Tem uma carência muito maior, carência de atenção afetividade e quando ela consegue isso com alguém que a trata de uma forma particular, ela se torna muito apegada aquela pessoa então se ela perder é um processo muito doloroso. Agora sim, rola a questão do prazer, eu falando de me, quando eu sentia prazer, eu sentia realmente prazer nunca se engane tem garota de programa que consegue fingir ou simular um prazer, eu sei por depoimento de amigas minhas então é aquela coisa é uma atriz eu tenho que dá pro cara aquilo que ele quer porque facilita pra mim e segura o cliente pra ele voltar de novo. Pode ter certeza, que quando a garota de programa sente prazer ela tá apaixonada, ela vai tratar aquele cliente de forma diferente cobrar aquele dinheiro, já não rola mais e isso significa financeiramente prejuízo pra garota de programa, prejuízo assim no sentindo ela está apaixonada, ela não vai mais ligar para trabalhar é muito chato essa parte porque ela não liga mais pra trabalhar, ela se obriga até uma fidelidade embora a outra parte não esteja nem aí. Ela tenta mostrar pra outra parte, eu tô só contigo, eu não tô ficando com ninguém eu deixei a vida e é por isso, que rola aquele sistema de se alto vedar, se o cliente vinhece com carinho, eu dizia meu filho vamos terminar logo nosso serviço, eu gosto é de foder (DANNY RIOS).

No decorrer desta pesquisa, presenciando alguns fatos e trechos nas falas das meninas, juntamente com o que escutávamos ocorrer em outros prostíbulos pesquisados por nós e também por outros autores, pudemos perceber que nenhuma garota assumiu manter relações sexuais sem preservativo, salvo em seu ambiente particular, ou melhor, em sua vida privada, cercada de amores, mas, mesmo assim, existem algumas garotas de programa que, embora estejam envolvidas sentimentalmente, não deixam de se prevenir:

Eu posso estar muito apaixonada, ele pode dizer que só faz comigo se for sem camisinha, mas eu não faço. Aprendi a lidar com os homens. Não é só pra evitar gravidez não, minha preocupação é dele pegar alguém na rua e me trazer doença (RENATA).

Outros depoimentos também foram cercados de cuidados acerca da prevenção, o que ainda nos revela outra profissional do sexo:

Já faz um tempo que estou com uma pessoa, ele sempre me pediu para transarmos sem camisinha, mas não quero e nem deixei, mas aconteceu deu engravidar porque a camisinha estourou e eu só a usava como método de prevenção (ALINE).



A prevenção sobre a educação sexual se alarga em todas as discussões, pois,

Os conflitos, dores, descobertas e todas as questões delicadas trazidas pelo tema da AIDS, foram tratadas com o tempo, com a solidariedade e o respeito necessário, mantendo sempre, no entanto o enfoque educativo proposto (Macedo *et al*, 2000, p.20).

Os relatos acerca do que engloba os métodos contraceptivos continuam e também pode ser presenciado nas citações de Alves (2012). Assim, as garotas de programa desenvolvem truques para observar até se o cliente pode ter algo de suspeito, alguma doença transmissível para evitar problemas futuros:

Até na boate que a gente está, tinha um quarto em que a luz era muito escura. Não estava dando pra gente enxergar. Eu falei: troca a luz, pelo amor de Deus. Mas não tinha nem como enxergar. Mas sempre quando você for fazer o sexo oral, na hora que você desce pra por camisinha, você já bate o olho fiscalizando. Antes de começar o ato, você começa pegar, apalpar pra sentir. Porque ali você vai sentir se tem ou não alguma feridinha, alguma coisinha. Geralmente é ferida no pênis, no pé da barriga. Você tem que olhar bastante isso também. Ali nos testículos quando você passa a mão e sente alguma coisa grossa (CAMILA *apud* ALVES, 2012, P.157).

Alves (2012) traz uma discussão interessante acerca do possível “baque” que os clientes podem aplicar, em se tratando da questão de não quererem utilizar a camisinha. Essa possibilidade de baque pode ocorrer na prática sexual na “posição de quatro”. No livro, o autor cita uma de suas entrevistadas:

Já fiquei várias vezes com clientes, claro que colocou camisinha, mas quando está na posição de quatro a gente vira e quase não vê, quando eu vejo, tem cliente que tira a camisinha pra meter sem a camisinha, a gente sempre tem que ficar de olho, por baixo...fica olhando assim de lado, era bom se tivesse espelho em todos os quartos, pra gente ficar olhando. Então tem horas que a gente tem que ficar muito de olho pra esse lado. Porque tem cliente que gosta de fazer graça, tira a camisinha e quer meter na gente sem camisinha (CRISTINA *apud* ALVES, 2012, P.158).

Algumas das meninas estão preocupadas, no entanto, somente com as doenças transmissíveis, mesmo porque, para essas meninas, gravidez não é o que preocupa, pois elas utilizam pílulas contraceptivas.

No momento do *strep-tease*, no *Gata Garota*, quando as profissionais do sexo descem até à mesa do cliente para deixá-lo acariciar, sem a penetração, não se observa, pelo menos nas vezes em que visitamos, o cuidado do cliente com aspectos sobre verificação de uma possível presença de algo inquietante que possa fragilizar os cuidados com doenças sexualmente transmissíveis.



**Figura 17: Fachada do Cine Majestick no Centro de Fortaleza**

Fonte: José Gerardo Vasconcelos.

Certa vez, guiados pela curiosidade nós fomos até outro prostíbulo conhecido como *Cine Majestick*. Na parte da frente do tal Cine, alguns cartazes sensuais são logo percebidos. Mais adiante, uma pessoa é responsável por verificar a maior idade e recolher o valor simbólico de R\$ 15,00<sup>10</sup> para então adentrar aquele território, ressaltando que mulher não paga para entrar no lugar. Então, ao adentrarmos, percebemos que o tal ambiente não possuía a presença de clientes femininas, ou seja, as mulheres ali presentes era eu, outra pesquisadora e as próprias profissionais do sexo. Então passou a ser caracterizado como um ambiente masculino. Tal fator nos deixou mais aflitos, pois, mais uma vez, éramos “carne nova no pedaço”. Como já estávamos acostumadas com esse rótulo em razão da nossa presença em outros prostíbulos, só nos restava continuar a observação e não “dar ouvidos” às diversas “cantadas”. Decidimos sentar em um local um pouco longe dos homens que ali já se encontravam, porém próximo ao pequeno palco onde iria acontecer o espetáculo.

<sup>10</sup> R\$ 15,00- Esse valor pode atualmente ter passado por variações. Por isso, não podemos dar o valor exato devido não termos mais realizado visitas ao tal estabelecimento.

A parte superior do prostíbulo funciona como uma espécie de bar, juntamente com alguns computadores, a fim de distrair a atenção dos clientes enquanto começa o *show* de *strep-tease* e o mais esperado pelos clientes, o sexo explícito.

Passados alguns instantes, um locutor fala o nome da prostituta que irá subir ao palco. As pessoas que estavam no lado superior descem rapidamente, e os que estão sentados na cadeira, onde todas estão à frente do palco, ficam mais atentos, pois, antes da tal apresentação, são expostos trechos de filmes pornô que servem como entretenimento ao público.

Chega o momento do *strep* seguido de sexo explícito. O locutor revela: “Agora, chega de embromação e vamos recebê-la, Bruna, a gostosa que vai fazer vocês delirar. Olha que mulher bonita”. E assim ele tenta motivar com palavras as pessoas que ali se encontram. No momento do *show* é importante ressaltarmos a presença de outras garotas e travestis, no caso de surgir algum cliente que esteja disposto a pagar seu programa.

A dançarina profissional do sexo, já está no palco posicionada. Tem-se a música como pano de fundo. O *show* começa. Peça por peça de sua vestimenta vão ao chão, onde são reveladas partes de seu corpo, até chegar a nudez total. Os clientes já estão excitados. O locutor volta à sua atividade e diz: “Vamos, quem vai foder com nossa princesa, fica perto do palco”. Nesse momento, uma fila é formada ao lado do palco. Eles estão dispostos a também serem os protagonistas desse *show*. Quando a primeira música é colocada, significa que irá iniciar o sexo explícito. Sobe o primeiro da fila, ele coloca a camisinha imediatamente, e ainda com o pênis ereto, pois alguns ficam tão ansiosos ou nervosos que não funcionam. Então, a “zoação” da noite está garantida. O iniciante da noite provoca algumas posições, a mais solicitada é a de “quatro”; ele chegou ao orgasmo, então tem que deixar urgentemente aquele palco. Nesse momento, sobe outro participante que fora anunciado pelo locutor como “Pau duro de achar”. Também marca sua presença e segue a tradição, coloca a camisinha e introduz até o orgasmo. E assim por diante.

Esse ambiente é muito “louco”. Nesse dia, subiram uns cinco homens, exceto aqueles que desceram por não conseguirem manter o órgão genital ereto. Lembramo-nos de que, no meio dos que conseguiram, existia um que tentou dar umas batidinhas no bumbum da prostituta imediatamente, ela

afirmou: “Pare de fazer isso, se não você vai descer agora desse palco”. Então, nessa pequena passagem, observamos que não é porque a mulher se submete a ser garota de programa que ela aceitará qualquer situação que o cliente estabeleça.

Seguindo com o discurso excitante do locutor que ali estava, tornava-se um diferencial em relação a outras casas de espetáculos, ou seja, outros prostíbulo localizados no centro da cidade de Fortaleza.

Nesse momento, enquanto o discurso estava sendo realizado, uma das passagens chamou nossa atenção: o locutor dizia que a profissional do sexo era muito gostosa, fazia qualquer homem gemer, e que sentia a imensa vontade de fazer com todos aqueles homens, até mais de um de uma só vez. Por mais que não tenhamos realizado entrevista, nem com o locutor e tampouco com a dançarina profissional do sexo, a face da prostituta não era de estar sentindo prazer, desejo por aquilo dito pelo locutor, mas sim seu rosto revelava um olhar de tristeza, seguido de uma vontade imensa de que terminasse logo aquele ato sexual, mas não tínhamos certeza dessa afirmação por não termos estabelecido conversas e colhido informações com esses protagonistas. Nota-se, claramente, é que o locutor queria despertar a imaginação de seu público. Feia ou bonita, “gostosa” ou não, o que se observava era aquele cenário e o discurso que davam certo, pois, enquanto apenas assistimos ao espetáculo de Streep e sexo explícito para conhecermos mais essa prática, vimos homens se masturbando e gemendo por todos os lados, fora aqueles que se habilitavam em protagonizar o sexo explícito.

Todas as visitas realizadas durante o processo da nossa pesquisa revelam diversas situações e sentimentos. Muitos fatos sucederam no decorrer desse percurso, situações que mostram o desafio de um pesquisador em sua investigação no campo, no próprio território das profissionais do sexo, e de ter sido mais ousada em saber não somente o que estava exposto, ou seja, aquilo que podia ser visto e vivido por todos os curiosos, mas submetemos a ir mais além e a averiguar o que se passava nos bastidores, na sua vida particular e no desejo estampado no rosto daquelas garotas de programa de sentirem-se desejadas, de algum cliente ter que pagar para estar com ela, nem que seja por uma, somente uma noite. Alguns relatos foram constatados. Esse sentimento diz uma das prostitutas presentes no *Gata Garota*:

Quando danço em cima daquele palco sinto-me poderosa. Recebo vários aplausos, me chamam de gostosa, e que igual a mim, nenhuma outra faz. Naquele momento, mesmo que seja somente por aquela noite sou o desejo, a vivacidade, sou a única. O meu namorado reclama que faço programas, mas ele me conheceu assim, foi meu cliente, gosto dele, mas se é pra dar de graça e ainda receber reclamações, dou pra um que vai me pagar gostando ou não do meu programa. (DANNY RIOS).

O exibicionismo assume papel fundamental em todas as noites no cabaré. Nota-se a busca por um maior número de programas possíveis, mesmo que alguma das amizades entre as prostitutas possa ser estremecida, pois o importante não é estar ali para criar amizades entre as garotas de programas, mas sim voltar para casa com maior número de dinheiro possível. De acordo com uma prostituta que não quis revelar sua identidade e que trabalha no *Gata Garota*,

O dever de uma prostituta é satisfazer aos clientes. Não estou aqui para conseguir amigas eternas, mas preservo pela boa convivência com elas, você que ter inimigos não é bom, imagine uma inimiga prostituta. Eu já me apaixonei até por um namorado de uma das meninas. Ele ia buscar ela na porta do Cabaré, e um dia eu estava entrando, e ele me chamou e perguntou meu número, eu dei, porque ele era um muito bonito, saímos algumas vezes, mas quando eu vi que ele fazia isso com todas me afastei. (Relato de uma profissional do sexo).

Na verdade, só havíamos perguntado sobre a questão da amizade entre as garotas de programas, porém ela sentiu a necessidade de revelar que não se têm amigas verdadeiras dentro desse território. A que for mais esperta ou que adquirir maior experiência e exercitá-la consegue sobreviver aos olhares das outras prostitutas.

Essas visitas foram de extrema importância para então suprir as curiosidades, não somente como pesquisadora, mas também como apenas uma integrante da sociedade, que antes tinha tal preconceito com o ambiente do prostíbulo, achava que os métodos contraceptivos eram utilizados somente no âmbito profissional, como uma atitude mecânica, mas pudemos perceber que, até na vida privada, muitas das entrevistadas reproduzem esses cuidados de prevenção. Certa vez, perguntamos a uma das profissionais do sexo no *Gata Garota*, se ela se prevenia pelo fato de já ter visto de um tudo naquele ambiente, ou tinha outra explicação? Ela então afirmou:

Mais ou menos. Aprendi aqui no Cabaré a ter mais atenção, entrei aqui muito novinha, alguns homens não se importavam se era com ou sem

camisinha, porque se agente engravidasse, onde iríamos encontrá-los? Ou se adquiríssemos alguma doença sexualmente transmissível, eles não estariam lá para prestar socorro. O mínimo que eles iriam dizer é que com tantos homens que nos deitamos quem seria o culpado. Como não acredito na fidelidade dos homens, sempre me previno, porque ele pode estar pegando todas e eu vou pegar doença dele também. Os homens já não são fieis com uma moça de família, imagine com uma prostituta! (Relato de uma garota de programa).

Nota-se isto não somente nesse depoimento prestado, mas também pudemos presenciar em várias falas das profissionais do sexo as dificuldades no setor afetivo, ou seja, de se apaixonarem. Algumas conseguem se entregar completamente e se envolver sem restrições, porém muitas, pelo fato de serem “rotuladas” de prostitutas, não conseguem enxergar possíveis sentimentos sinceros em seus companheiros, e, conseqüentemente, o sentimento de inferioridade dessas profissionais do sexo é exaltado.

Com este estudo, é possível se notar uma preocupação com a educação sexual, pois, essa sugere um conhecimento da história do homem envolta e dentro de sua cultura, ou melhor, em suas relações materiais concretas constituídas de todos os aspectos, como afeto, emoção, prazer, solidariedade, o que os diferencia de outros animais. De acordo com Cabral (1995, p.153),

[...] sexualidade e educação sexual com vistas às transformações passa primeiro pela compreensão da nossa pessoa, como sujeito histórico e sexuado, entre outras inúmeras dimensões que somos [...]. Educar o outro é fundar a ação pedagógica na reflexão acerca da própria educação [...]. A transformação global se iniciará com o gesto, a palavra, a alegria, o afeto, a solidariedade e com o conhecimento científico.

Pode-se notar é que, sucessivamente, somos importunados por um ambiente sexual que se revela nos mecanismos de manutenção da sociedade.

“Sexo, poder e dinheiro, o que mais podemos querer para uma história”?(RAGO 2008). A história de vida das profissionais do sexo, aqui revelada, mostra que suas experiências perpassam elementos sexo, poder e dinheiro, porém faz pausa para o sentimento amoroso, que pode ser conquistado em um programa e fazer parte da sua vida íntima, continuando a ser cliente ou tornando-se um companheiro (a), namorado (a), marido/ mulher ou amante.

Ante de cada fragilidade mostrada nos relatos pelas prostitutas, deve permanecer a certeza: fazer um programa com os mais diversificados tipos de pessoas não é tarefa que mostre tal fragilidade, mas sim força. A fragilidade está presente como escudo para que, no meio desse percurso das noites, floresça um grande amor.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos foram os ensinamentos adquiridos ao longo dessa caminhada, tanto no que diz respeito às visitas realizadas como pesquisadora, mas também no momento de escrita desta dissertação.

Pudemos compreender como os saberes relacionados à educação sexual, adquiridos e utilizados na atividade profissional das prostitutas, interferem na vida privada dessas mulheres, procurando entender se esses saberes relacionados às práticas sexuais e cuidados com o corpo são utilizados com seus companheiros e companheiras, quando a atividade sexual passa a envolver afetos e sentimentos na vida da prostituta fora do ambiente de trabalho. Ou seja, o que o objetivo geral de nossa pesquisa se tornou elementos a serem discutidos e relatados com base nas experiências de vida das profissionais do sexo.

Entendemos que é a cultura e a época de cada lugar, o modo de vida de uma determinada sociedade, que indicam como serão realizados os cuidados com o corpo. O que pode ser importante há algum tempo poderá se perder na atualidade, ou, então, certos conceitos não mudam com o passar do tempo. Um deles é que a prostituição se configura na profissão mais antiga do mundo.

Este estudo proporcionou o conhecimento das várias práticas educativas existente nos prostíbulos do Centro da cidade de Fortaleza como *Cine Majestik*, *prostibulo 80*, *90*, *Espaço* e principalmente, um dos mais frequentado por nós, *o Gata Garota*. Cada ambiente, com a sua especificidade, porém o dinamismo, o gosto pelo prazer, a relação cliente e prostituta, sendo caracterizada apenas pelo prazer, ou por simples conversas entre a profissional do sexo e o freguês, marca todos esses territórios.

Observamos, nas conversas informais fornecidas pelas prostitutas a alegria e ao mesmo tempo o medo de se exporem nas entrevistas. A alegria se faz presente, no momento em que elas percebem a valorização das suas histórias de vida, visto que não é qualquer vivência fomos atrás de compreender, mas sim exatamente as experiências de mulheres que de “vida fácil” não têm nada. O medo foi justamente na falta de confiança em nos contar suas intimidades. O que era exposto era imediatamente revelado, mas o que



dizia respeito a sua vida particular era bem pensado, antes de fornecerem depoimentos.

Outro fator bastante presenciado foi a concorrência desenvolvida dentro do cabaré. Até mesmo durante a nossa entrada naquele ambiente, para as profissionais do sexo que não nos conheciam, denominava-nos “carne nova no pedaço”, expressão essa utilizada por Sousa (2000) em que se refere a uma nova garota de programa, mais uma para disputar a preferência dos clientes.

Com base nisso, foram observados muitos cuidados estéticos, a fim de atrair os mais variados gostos. Acessórios e fantasias eram bem escolhidos para fazer parte do espetáculo, ou *streak*, se assim solicitado pelo cliente.

Não somente foram notados cuidados estéticos, mas também com a saúde no que diz respeito à educação sexual. O ambiente, onde presenciamos tal esmero foi no *Cine Majestik*, no qual a camisinha masculina é bastante utilizada e exposta no sexo explícito. Nos demais ambientes, no *Espaço*, e principalmente o *Gata Garota*, foi revelado o uso de métodos contraceptivos, como camisinha, pílulas do dia seguinte, anticoncepcionais e outros métodos de prevenção, nas entrevistas cedidas pelas profissionais do sexo. Chegamos assim, a ser constatado o uso na sua vida profissional de alguma proteção para um sexo seguro. No que diz respeito, porém, a sua vida privada, chega-se à conclusão de que a maioria das profissionais do sexo adere aos métodos contraceptivos, refletindo em sua vida particular o que faz no seu ambiente de trabalho. Algumas prostitutas assumem a não utilização de métodos contraceptivos, quando são companheiros, ou companheiras, cercadas por envolvimento sentimental, quando esses amores pedem para que elas não utilizem, por exemplo, a camisinha, ou até outro método de prevenção.

Uma das entrevistadas revela a importância da educação sexual ser aprendida na vida escolar e da importância de promover diálogos abertamente entre pais e filhos, pois, também, são alguns dos pais é que levam seus filhos ao cabaré para perder a virgindade.

Foi relatado pelas profissionais do sexo que aprendem os cuidados de higienização e até a utilização dos métodos contraceptivos, com base em um processo mimético, ou seja, a imitação umas com as outras, tornando-se o prostíbulo também um espaço de ensinamentos e aprendizagens. Também em alguns relatos, no entanto, as profissionais do sexo adquiriram os modos

contraceptivos por curiosidade, visto que tratar de sexo com seus pais ainda era fora de cogitação.

Não podemos, no entanto, deixar de destacar o fato de que, mesmo os cuidados com o corpo sendo exercidos no ambiente do prazer, ressaltamos que também existem garotas de programa que não se importam tanto assim com esses esmeros, e utilizam drogas lícitas e ilícitas, ou trazidas pelos clientes e consumidas durante um programa, ou de uso exclusivo das prostitutas, com a justificativa de enfrentar mais uma noite de trabalho.

Foi também constatado neste estudo que as prostitutas se utilizam de “máscaras” para então fingir um prazer que podem não sentir naquele determinado momento, seja em um *strep-tease*, e até mesmo em um programa. Foi revelado por algumas profissionais do sexo que, quando sentem realmente o prazer sexual é porque se acham atraídas por aquele determinado cliente, ou, um pouco mais, estão apaixonadas.

Apaixonar-se pelo freguês é complicado para algumas garotas de programa. Para umas, torna-se um prejuízo, pois aquele dinheiro cobrado pelo programa já não acontece, pois naquele devido momento, ela deseja mais do que uma significativa quantia. Ela espera pelo prazer, envolvido por um sentimento.

Ao ler esse estudo, entende-se que existe a paixão ou o amor da prostituta pelo cliente e vice versa, porém, muitos relatos provam que alguns desses relacionamentos não são duradouros e, quando acabam, alimentam a carência que existe na vida dessas profissionais do sexo.

Foi revelado, de acordo com os depoimentos, que esse envolvimento da prostituta com outra pessoa não se trata apenas de sexos opostos, mas que já aconteceram certas fases da vida das entrevistadas em que tiveram relação homoafetiva.

Retratando a postura do cliente, é de importância ressaltar que nem todos os fregueses que frequentam o prostíbulo o fazem um programa, consumir o ato sexual. Chamamos a atenção, o fato de é que, até então, antes de adentrar aquele ambiente, tínhamos como tese que todo homem vai a um cabaré em busca de um prazer sexual, teoria essa que foi desconstituída com base nos relatos cedidos pelas prostitutas. Elas dizem que são vários os motivos que levam os clientes até um prostíbulo. Alguns frequentam somente

com o intuito de consumir bebida alcoólica; outros para pagar um *show* de *strep*, onde alisam as dançarinas profissionais do sexo sem a penetração em si; existem aqueles que vão para presenciar o *show* pago por outro cliente; aqueles que se utilizam dos serviços de psicólogas das prostitutas. Nesse caso, é assim que elas se referem quando um cliente as procura apenas para conversar sobre diversos assuntos, muito desses assuntos relacionados ao sentimentalismo, ou melhor, a situação conjugal daquele cliente. Outros fregueses, com baixa faixa etária para iniciar a vida sexual, e como nós que apenas observamos o território e promovemos entrevistas como pesquisadora, curiosa do assunto.

Muitos estudiosos, citados nesse trabalho, nos levaram a ampliar os conhecimentos acerca dos assuntos, tanto relacionados à prostituição, como os cuidados com o corpo, principalmente no que diz respeito à educação sexual. Foi justamente com autores, como Jacques Rossiaud, que verificamos aos aspectos de prostituição ocorridos durante o período da Idade Média. Na atualidade, adquirimos um pouco mais de conhecimento com os autores Sousa (2000) e Alves (2012), já que esses estiveram presentes nos cabarés referentes às suas pesquisas. Nosso *locus* de estudos teve semelhanças e divergências com tais estudos observados pelos autores. Semelhanças, nas falas das profissionais do sexo, que são repletas de argumentos como: “toda prostituta é carente”, ou “é complicado uma garota de programa envolver-se sentimentalmente com alguém”, “Tempo é dinheiro”, “A maioria dos orgasmos são puro fingimento”, “utilizamos de máscaras para aparentemente parecer que estamos super a fim de fazer um programa”. Uma das divergências percebidas por nós no trabalho de campo foi no consumo de bebida pelos clientes não servindo de comissão para as profissionais do sexo. E no trabalho exposto por Alves (2012), percebe-se o contrário. Lá as prostitutas são beneficiadas até com a bebida consumida no bar. Rago (1991), (2008) também fez, com que nos direcionássemos ao período de 1890 a 1930, para então observar os códigos de sexualidades que faziam parte daquela época. Outro autor que não podemos deixar de ressaltar é Lapate (2008), que direciona o estudo acerca da educação sexual, sem esquecer também das contribuições de Foucault (1985), pois é improvável referir-se a educação sexual sem retratar a sexualidade. Vale ressaltar que também houve outros autores por nós citados, no corpo do

trabalho, que ganham os mesmos atributos dos que aqui foram ressaltados nesse tópico, como, por exemplo, Del Priore (2000), que revelou as várias transformações e cuidados com o corpo feminino durante épocas distintas.

Outro fator, também, observado e revelado nas entrevistas, foi que a prostituta tem certo “prazo de validade”, ou seja, quanto maior a faixa etária, não a experiência, vai se afastando dos gostos exigidos pelos clientes. Certa profissional do sexo revela que, quando completou 40 anos, foi mais difícil a busca por clientes, porém o que ainda a manteve nesse trabalho foi o fato de alguns clientes terem se acostumado e lembrado o seu desempenho sexual.

Pudemos avaliar, pelas falas das informantes deste estudo, os vários motivos que fazem com que a mulher se torne profissional do sexo. Um dos motivos mais interessantes foi o fato da desestrutura familiar de ter que cuidar economicamente dos irmãos, filhos, pais; mas, também, algumas garotas de programa iniciam-se como prostituta porque gostam.

Tratando-se dos possíveis cuidados com o corpo, é indispensável revelar que algumas das profissionais do sexo não tinham tanta preocupação nesse quesito, pois, por via de alguns depoimentos, foi revelado o uso de drogas lícitas e ilícitas dentro e fora das casas de prostituições.

Com base neste experimento acadêmico, notamos partir desse estudo pude perceber as várias facetas acerca da profissão mais antiga do mundo, desconstruindo preconceitos estabelecidos pela sociedade. É justamente, porém, tendo a oportunidade de convívio com as garotas de programa que desmitificamos assuntos até então desconhecidos por nós; e que, por detrás de “máscaras” utilizadas pelas profissionais do sexo, encontram mulheres fortes, carentes, que amam e odeiam, ou seja, alguém que, mesmo conseguindo, por muitas vezes, disfarçar as tristezas, está sempre preparada para mais uma noite de trabalho.

## REFERÊNCIAS

- ADLER, Laure. **A Vida cotidiana: os bordeis franceses – 1830/1930**. São Paulo, Companhia das Letras/Circulo do Livro, 1991.
- ALVES, Fábio Lopes: **Noites de Cabaré: prostituição feminina, gênero e sociabilidade na zona de meretrício.**/ Fábio Lopes Alves. 2. ed. São Paulo: Arte e Ciência, 2012.
- ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.
- BARROS, Aidil J. da Silveira; LEHFELD, Neide A. de Souza. **Fundamentos de metodologia científica: um guia para a iniciação científica**. São Paulo: Makron Books, 2000.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo. Martins Fontes, 1990.
- BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Tradução de Maria de Lurdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- BRANDÃO, Carlos R. Pesquisar- Participar. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BURKE, Peter. “História como memória social”. In: **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000, pp.67-89.
- CABRAL, Juçara T. **A sexualidade no mundo ocidental**. Campinas: Papiрус, 1995.
- CALDEIRA, Teresa Pires. **Uma Incursão pelo lado “não respeitável” da Pesquisa de Campo**. Ciências Sociais hoje, vol.1 CNPQ/ANPOCS: Brasília/ Recife, 1981.
- DAMATTA, Roberto. **A Casa e Rua- Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil**. Ed. Rocco Ltda., RJ, 2001.
- DEL PRIORE, Mary. **Corpo a Corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- FALKEMBACH, Elza Maria F. Diário de campo: um instrumento de reflexão. In: **Contexto e educação**. Ijuí, RS, vol.2, n.7 (jul./set. 1987).
- FREITAS, Renan Springer de. **Bordel bordéis: negociando identidades**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres.** Rio de Janeiro: Graal, 1990.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** 4. ed. Rio de Janeiro, Graal, 1984. cap. 16, pp. 243-76: sobre a história da sexualidade.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994, p.207.

\_\_\_\_\_. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda S. Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.2, Mar./Abr.1995a, p.62.

GOELLNER, Silvana Vilodre. "A produção cultural do corpo." In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.) **Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo.** Petrópolis, Vozes, 2003.

GUSSI, Alcides Fernando. **A abordagem Biográfica e suas Implicações Epistemológicas entre a Antropologia e a Educação.** Cadernos de Estudos, Recife. V.24, pp.173-185, jul/dez 2008.

LAPATE, Vagner. **Educando para a vida sexualidade e saúde.** São Paulo: Ed. Sttima, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas, SP: Editora Unicamp, 1996.

MACEDO, Altamir ET AL. **Ativismo e liderança: uma metodologia na luta contra a AIDS.** Brasília: Ministério da Saúde, 2000.

MALINOWSKI, B. Objeto, Método e alcance desta pesquisa. In: **Os Argonautas do Pacífico Ocidental.** Malinowski, Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MINAYO, MC. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** Rio de Janeiro: Abrasco, 2007.

NIETZSCHE, F. W. **Genealogia da moral: uma polêmica.** São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

NORA, Pierre. **Entre a Memória e a História: a problemática dos lugares.** Projeto História. São Paulo: PUC, n.10, p.7-28, dez.1993.

NUNES, C.A. Os pressupostos teóricos da educação sexual. In: **Desvendando a sexualidade.** Campinas, SP: Papyrus, 1987.

PAIS MACHADO, José. **A prostituição e a Lisboa Boemia**. Lisboa. Editora: Ambar, 1985.

RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo (1890-1930)**. Ed. Paz e Terra, 1ª edição, 1991, p.78.

\_\_\_\_\_. **Os Prazeres da Noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo (1890-1930)**. São Paulo. Paz e Terra. 2 edição, 2008.

ROSSIAUD, Jacques. **A Prostituição na Idade Média**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **De olho em D.Pedro II e seu reino tropical**. São Paulo: Claro Enigma, 2009.

SOUSA, Ilnar de. **O Cliente: O outro lado da prostituição**. Secretaria de Cultura e Deporto. São Paulo: Annablume, 2000.

SUQUET, Annie. O Corpo dançante: um laboratório da percepção. In: Courtine e Georges Vigarello. **História do Corpo**. Petrópolis: Vozes, 2008, pp. 509-540.

VASCONCELOS, José Gerardo e SANTOS, Verônica. **Os Prazeres da Difícil Vida Fácil**. IN- Tribuna de Vozes. Ed. UFC, 2011, p.27-28.

WULF, Christophe. **Antropologia da Educação**. Campinas: Alinea, 2004.

Adesivo Anticoncepcional- Disponível em:

[www.medicohebiatra.com.br/imagens/entrevistas](http://www.medicohebiatra.com.br/imagens/entrevistas), acesso em 2 de julho de 2012.

Anticoncepcional injetável- Disponível em:

[www.medicohebiatra.com.br/imagens/entrevistas](http://www.medicohebiatra.com.br/imagens/entrevistas), acesso em 2 de julho de 2012.

Camisinha- Disponível em: [www.corposaun.com/.../2011/02/camisinha](http://www.corposaun.com/.../2011/02/camisinha), acesso em 2 de julho de 2012.

Camisinha Feminina- Disponível em:

[www.medicohebiatra.com.br/imagens/entrevistas](http://www.medicohebiatra.com.br/imagens/entrevistas), acesso em 2 de julho de 2012.

Diafragma- Disponível em: [www.virtual.epm.br/.../Imagens/diafragma.jpg](http://www.virtual.epm.br/.../Imagens/diafragma.jpg), acesso em 2 de julho de 2012.

DIU- Disponível em: [www.lazerbeleza.com/.../uploads/2009/03/diu.jpg](http://www.lazerbeleza.com/.../uploads/2009/03/diu.jpg), acesso em 2 de julho de 2012.

Ligadura Tubária- Disponível em:

[www.medicohebiatra.com.br/imagens/entrevistas](http://www.medicohebiatra.com.br/imagens/entrevistas), acesso em 2 de julho de 2012.

Pílula do dia seguinte- Disponível em: [www.elanosite.com.br/2011/wp-content/uploads/](http://www.elanosite.com.br/2011/wp-content/uploads/), acesso em 2 de julho de 2012.

Tabelinha- Disponível em: [www.copacabanarunners.net/ciclo](http://www.copacabanarunners.net/ciclo), acesso em 2 de julho de 2012.

WALENDORFF, Jehmy Katianne EDUCAÇÃO SEXUAL - SEXUALIDADE: ANTES E DEPOIS. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/educacao-sexual-sexualidade-antes-e-depois/1489/> > Acesso em 10 de agosto de 2013.